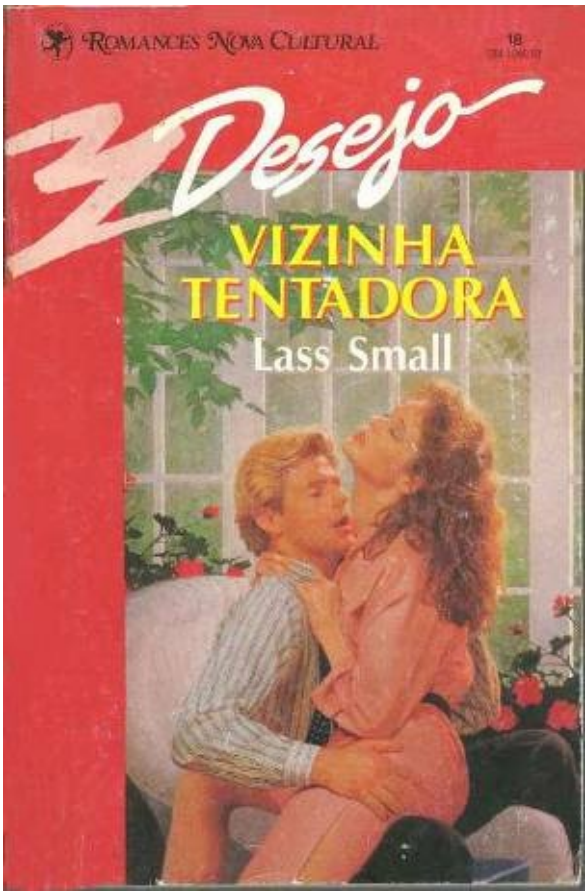
Vizinha Tentadora

Beware of Widows

Lass Small



Eles descobriram que a felicidade morava ao lado...

Rod Brown estava aprendendo que um homem sozinho — não importando como tivesse conquistado sua liberdade — era um bem precioso para as mulheres. Embora ele houvesse jurado nunca mais se casar de novo, a linda e sensual vizinha começou a "complicar" sua vida!

Mas Pat Ullick achava que estava fazendo o que qualquer boa vizinha faria se vivesse ao lado do homem mais bonito e interessante de todo o quarteirão. Ela o agradava com gentilezas de vários tipos, provocava com beijos ardentes, até conseguir transformar suas existências num sonho que passaram a sonhar juntos...

Digitalização: Tatja
Revisão: Projeto Revisoras


Projeto Revisoras

Série Faboulous Family Brown

1. The Molly (1991): Prisioneira do Paraíso – MI Extra 113 (Georgia e Luke)

2. Twas The Night (1991): Uma Noite Para Dois - Desejo Homem Do Mês Nº 6 (Bob Brown e Josephine Malone)

3. A Restless Man (1992)

4. Two Halves (1992)

5. Beware Of Widows (1992) - Lass Small - Vizinha Tentadora - Desejo Nº 18 - (Rod Brown & Pat Ullick)

6. A Disruptive Influence (1993) – sem edição em portugues

7. Balanced (1993) – sem edição em portugues

8. Tweed (1993): Coração Em Perigo - Desejo Homem Do Mês Nº 55 (Tweed Brown e Connie Moody)

9. A New Year (1994): O Amor É Vermelho - Desejo 47 (John Brown e Margot Pulver)

10. I’m Gonna Get You (1994) Irresistível - Tentação 51 (Thomas Spencer e Patty Powers)

11. Salty And Felícia (1994) Jovem Feiticeira - Julia 849 (Salty e Felícia)

12. Lemon (1994) – sem edição em portugues.

13. Doce Desafio - Desejo Homem do Mês N.º 25 (Clinton Terrel e Lisa Witherspoon)

Querida leitora

Tenho certeza de que você teve um lindo Natal e uma maravilhosa passagem de ano junto com seus familiares, amigos e... o seu amor. Agora, você está iniciando 1994 com o pé direito, porque Vizinha Tentadora é realmente um romance sensacional!

Imagine um homem e uma mulher que, embora morando próximos, nunca haviam notado um ao outro. De repente, o destino — sempre ele —faz com que os dois se conheçam e descubram o quanto se atraem mutuamente. Claro que nem tudo são rosas para Rod Brown e Pat Ullick, mas você vai se empolgar e acompanhar, passo a passo, o caminho imprevisível dessa avassaladora paixão. E torcer para que, no fim, mais uma vez o amor triunfe.

Tenha você também um ano repleto de felicidade e muito, muito amor!

Roberto Pellegrino
Editor

Copyright © 1992 by Lass Small
Originalmente publicado em 1992 pela Silhouette Books,
Divisão da Harlequin Enterprises Limited.
Todos os direitos reservados, inclusive o direito de
reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.
Esta edição é publicada através de contrato com a
Harlequin Enterprises Limited, Toronto, Canadá.
Silhouette, Silhouette Desire e o colofão são marcas registradas da
Harlequin Enterprises B. V.
Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança
com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.
Título original: BEWARE OF WIDOWS
Tradução: Débora da Silva Guimarães
Copyright para a língua portuguesa: 1994
EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.
Al. Ministro Rocha Azevedo, 346 — CEP 01410-901
São Paulo — SP — Brasil Caixa Postal 9442
Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.
Impressão e acabamento: Gráfica Círculo

CAPÍTULO I

Rod Brown estava sentado diante do pai na cozinha da casa onde crescera, os olhos fixos na colher com que mexia o chá.

— Se ela não houvesse engordado tanto, eu teria percebido antes. Mas estava sentada com o travesseiro sob a cabeça, e parecia muito interessada no programa de televisão.

Era uma manhã de abril em Temple, Ohio, e Salty mantinha-se do outro lado da mesa, estudando o mais velho dos filhos. Rod havia sido adotado e estava com trinta e oito anos. Os cabelos loiros contrastavam com as sobrancelhas escuras e os olhos castanhos.

Com sua voz naturalmente rouca, Salty perguntou:

— Sente-se culpado?

— Não. Ela estava um pouco diferente, mas parecia satisfeita.

— Mas você já havia percebido que ela piorava dia a dia?

Rod abriu os braços num gesto de impotência:

— Foi muito lento. Eu já estava habituado a vê-la sempre diante da televisão, quieta, e nós nunca conversávamos. A tevê era tudo o que ela tinha na vida.

— A polícia o pressionou?

— Sim. Pat explicou a situação e eles desconfiaram de nós. Chegaram a insinuar que ela e eu havíamos planejado a morte de Cheryl. Um crime passional.

— E como livrou-se da acusação?

— Fiquei tão perplexo, que não consegui raciocinar. Pat tomou todas as providências. Conseguiu o depoimento do médico, de duas enfermeiras, e todos os vizinhos testemunharam a nosso favor. Foram maravilhosos, mas Pat foi simplesmente perfeita. Ela é tão lógica... Ninguém poderia pensar numa vizinha melhor.

— Como ela é?

Rod suspirou:

— Pat cuidou de Cheryl durante muito tempo. Elas cresceram juntas naquela vizinhança e, com a ajuda da amiga de infância, Cheryl pôde ficar em casa. Pat era a única capaz de convencê-la a levantar-se daquela cadeira para

tomar banho, trocar de roupa e engolir os remédios. Nunca serei capaz de retribuir o que ela fez por nós.

Tentando encontrar a essência do problema do filho, Salty comentou:

— Deve ter sido terrível descobrir que sua esposa estava morta há tanto tempo.

— Sim, foi horrível. Pat havia sofrido um acidente com o carro e foi levada para o hospital. Ela estava aflita, resmungando coisas estranhas sobre Cheryl, e a enfermeira noturna decidiu prestar atenção aos delírios, porque sabia que Pat cuidava de uma amiga de infância com problemas mentais.

— Então, como os policiais imaginaram que...?

— Havia uma enorme diferença entre o que Pat dizia em seus delírios e a pessoa em que Cheryl transformara-se — e passou a mão pelos cabelos num gesto de desânimo.

— Está se lamentando?

— Por mim? Não. Já não existia nada entre nós. Mas a vida dela foi tão... desperdiçada!

— Se ela quisesse, poderia ter mudado tudo.

— No início, talvez.

— Não podemos usar padrões pessoais para julgar o uso que uma pessoa faz da própria vida.

— Eu sei. Cheryl era uma pessoa difícil, e Pat cuidou dela com carinho, dedicando todo o tempo de que podia dispor.

— Foi você quem protegeu Cheryl e a manteve em segurança.

— Isso não me custou nada. Foi Pat quem fez todo o trabalho.

— Você tem trinta e oito anos de idade, e passou onze casado! Perdeu os anos durante os quais deveria ter construído uma família, e dedicou-se tanto que só veio nos visitar duas vezes em todo esse tempo. Quantas pessoas conheceu? Quantas vezes foi visitar um amigo ou convidou alguém para ir visitá-lo? Você permitiu que as circunstâncias o transformassem num prisioneiro daquela casa, da rotina de sua esposa. Agora está livre, e tem uma oportunidade de reconstruir sua vida.

Rod virou-se para a janela e observou a paisagem que cercava a casa dos Brown. As folhas haviam recuperado o verde intenso da primavera, e a grama

crescia forte e renovada.

Em voz baixa, comentou como se falasse para si mesmo:

— Depois de tudo o que aconteceu, foi estranho entrar numa casa cheirando à limpeza e ver aquela cadeira vazia. Estava acostumado a encontrá-la sempre no mesmo lugar, e acho que foi o silêncio que me perturbou. A televisão estava desligada. Comentei com Pat o quanto era estranho entrar numa casa silenciosa, e ela programou o rádio para funcionar no horário em que eu costumava chegar. Na primeira noite eu quase morri de susto.

— Teve a impressão de que não estava sozinho?

— Exatamente.

— Então acredita em fantasmas!

— E claro que não! Ou melhor... nunca pensei no assunto.

Salty respirou fundo e levantou-se:

— Você já tomou muito café. Vamos ver se ainda sabe como se limpa um celeiro.

Devagar, Rod levantou-se e seguiu-o.

— Sabe de uma coisa? — comentou enquanto caminhavam. — Não foi a marinha que o transformou nesse homem duro e autoritário. Você nasceu para comandar. Sempre estranhei o fato de ter adotado Mike, John e eu quando ainda era solteiro. Depois casou-se com Felícia e mudou-se para cá, e então percebi que havia nos adotado para o trabalho escravo.

— Você não pode reclamar. Adotamos mais cinco crianças para ajudá-los.

— Não. Você só continuou adotando crianças porque sabia que um dia iríamos embora, e assim teria sempre alguém para dar continuidade ao trabalho. Quantos foram? Vinte e dois?

— Teller foi o vigésimo terceiro.

— E como ele está se saindo?

— Bob sempre o ajuda.

Depois de uma pausa prolongada, Rod comentou:

— Bob encontrou uma boa mulher.

— É verdade.

— Agora sei que ele não teve escolha. Quando Bob avisou que pretendia

voltar para casa depois de ter sido abandonado pela esposa e demitido pelo sogro, você e Felícia já haviam decidido que ele se casaria com Jo. Todos em Temple sabiam disso.

Salty afirmou com a cabeça.

— E Cray voltou depois de passar quatro anos vagando pelo país, e você e Felícia o mandaram para o Texas, direto para os braços de Susanne.

— Isso mesmo.

Rod encarou o pai com expressão sombria e perguntou:

— Também preparam uma armadilha para mim?

Salty estudou a pintura descascada da casa e respondeu:

— Não.

— Duvido que algum dia eu me case novamente.

— Então tome cuidado com viúvas carregando caçarolas.

— Como sabe disso?

— Esqueceu que eu já fui um marinheiro solteiro com três filhos? Uma bela família pronta representa uma tentação para qualquer mulher. Mas então conheci Felícia... — e sorriu com ar sonhador. — Elas já começaram a levar caçarolas?

— Devia ver como está o freezer!

— E Pat é uma delas?

— Ela sempre nos levou comida. Tive de encontrar uma forma de recompensá-la, porque ela jamais aceitou um centavo. Mandei pintar o carro sem me identificar, providenciei carregamentos de terra para o jardim, coisas desse tipo.

— Como ela é?

Indiferente, Rod respondeu:

— Ocupada.

— Ahhh...

— Acho que é bonita. Raramente a via, porque ela sempre visitava Cheryl quando eu estava na loja. Nunca demonstrou interesse por mim ou por qualquer outro homem, É viúva há pouco tempo, e passou anos cuidando do marido doente. Sempre foi devotada, e acho que ajudar Cheryl foi um comportamento

automático. Pat é o tipo de mulher que nasceu para cuidar dos outros.

— Ela vai cercá-lo de gentilezas para que não perceba o quanto é importante cuidar da própria vida, ou então vai fazê-lo aceitar uma mulher que talvez não queira.

— Eu não sou como Cheryl.

— Permitiu que sua vida tomasse um rumo inadequado e não fez nada para impedir. Podia ter adotado uma criança... Não precisava esperar que Cheryl se fosse para mudar o que estava acontecendo com você.

— Você já disse isso antes. Começou a falar essas coisas há anos! Como eu podia ter mudado alguma coisa?

— Se quisesse, teria encontrado uma maneira. Mas aceitou o caminho mais fácil, e não se envolveu em nada que não fosse o trabalho. Não fez nada para enriquecer sua vida.

Rod cerrou os punhos e respirou fundo, mas não respondeu.

Salty sentiu-se quase satisfeito com a reação, porque isso indicava que o filho ainda tinha sangue quente nas veias. Só precisava de um pouco de estímulo e coragem. Precisava perceber que ainda podia retomar o controle sobre a própria vida.

Limparam o celeiro e o arrumaram, e o trabalho fez Rod sentir-se um pouco melhor. Mais animado, ele sugeriu:

— Vamos pintar a casa.

— Abner não pode fazer esse tipo de esforço. Ainda está se recuperando daquele acidente que sofreu há três anos.

— Quanto tempo vai esperar por ele antes de fazer alguma coisa? Se não pintar a casa nesta primavera, a madeira vai começar a apodrecer — e fitou o pai com ar de desafio.

Salty queria que ele assumisse o comando da própria vida, mas não fazia nada para impedir que Abner continuasse controlando os Brown com seus truques e chantagens emocionais.

— O problema de Abner é curar ossos e músculos — Salty sorriu.

— Durante três anos?

— Os ferimentos atingiram suas costas.

— Acho que ele está usando o acidente para controlar as pessoas.

— Talvez esteja certo — ele riu.

— Vou começar a pintar a casa, e então veremos como ele reage.

Salty não demonstrou a satisfação que sentia, mas Rod estava respondendo de forma bastante positiva. Até mesmo Bob, um dos irmãos de Rod, estava permitindo que Abner determinasse quando e como as coisas deveriam acontecer na casa dos Brown.

— Primeiro quero falar com o médico que está cuidando dele.

— Então cuide disso hoje, porque só tenho dez dias para pintar a casa.

— Vou telefonar para o doutor agora mesmo. Enquanto isso, por que não corta a grama perto da cerca? Deixe-a amontoada de forma que Helen possa alcançá-la.

Rod viu o pai afastar-se com passos decididos, típicos de um militar, e analisou o porte físico um pouco desproporcional. Ombros largos, quadris estreitos, pescoço curto... Salty havia sido um lutador de boxe durante os anos que passara na marinha, e sofrera tantos golpes na região da garganta que nunca mais recuperara a voz normal. Por isso falava com tom rouco. Tinha quase setenta anos, e era uma prova do ditado que diz que os pais vivem para sempre.

Então Rod lembrou-se do dia em que, aos seis anos de idade, sentara-se ao lado do assistente social para esperar algo que sequer sabia o que era. Olhara em volta para verificar as possibilidades de fuga, mas o funcionário do governo o encarara com expressão significativa e ele havia desistido.

Rod esperara em silêncio e, quando Salty entrara na sala, a primeira coisa que notara havia sido o uniforme. Associara o desconhecido com todos os policiais que já havia visto, e o odiara de imediato.

Salty jamais havia dado indícios de ter percebido a antipatia instantânea, e Rod só concordara com a adoção porque julgara-se capaz de fugir de qualquer homem que tivesse um emprego. Mas foram morar numa base naval, por cujos portões ninguém passava sem identificar-se.

Em poucos dias pudera comprovar a lógica de Salty. Ele estabelecia as regras, mas sempre explicava as razões de uma ordem e demonstrava como devia fazer as coisas. Pouco depois ele adotara mais dois meninos.

Para um garoto de seis anos de idade, os dois irmãos haviam sido um presente divino. Com as crianças vieram as responsabilidades, e havia sido uma época de tentativas frustrantes, irritantes e fascinantes.

Salty aposentara-se aos trinta e oito anos de idade, ao mesmo tempo em que Felícia surgira em suas vidas como uma princesa encantada. Os quatro apaixonaram-se imediatamente, e Salty fora o que mais tentara resistir.

Rod sorriu. Salty pensava que havia tentado resistir, mas atirara-se nos braços dela como se houvesse encontrado sua salvação.

Balançando a cabeça, olhou para Helen, a vaca que recebera o nome de uma tia de Felícia por causa dos grandes olhos castanhos e que acabara causando uma violenta discussão entre as duas mulheres.

Mais uma vez, Rod tentou descobrir como alguém prático como ele conseguira adequar-se a um grupo de pessoas tão peculiar como o que era formado pela família Brown.

Alguns eram até normais... ou talvez parecessem normais, comparados aos outros.

Rod Brown era normal.

Ou não? Um homem normal teria notado que a esposa estava morta há dois dias diante do aparelho de tevê.

Tenso, respirou fundo e começou a cortar a grama junto da cerca de madeira.

O pônei aproximou-se para observar o trabalho de Rod, e permaneceu atento durante todo o tempo em que ele manteve-se inclinado, os olhos fixos no chão.

Finalmente Rod ergueu-se e apoiou um dos braços sobre a cerca, analisando o resultado final. Estava coberto de suor, cansado, mas estranhamente contente. Olhando em volta, respirou o delicioso ar do campo e notou a beleza do dia claro, típico da primavera, e do céu pontilhado por nuvens brancas e altas.

Sorrindo, lembrou-se de como havia sido difícil aceitar a idéia de que o mundo era redondo e o céu, infinito. Mas a noção removera as travas de sua imaginação, e Salty aproveitara o momento para apresentá-lo à ficção científica.

Apesar de ter desempenhado todas as tarefas de apoio no teatro de Temple, jamais cedera aos apelos de Felícia que, apesar da determinação e insistência, nunca havia conseguido levá-lo para o palco. Tentara convencê-lo de como seria maravilhoso receber os aplausos, mas Rod não tinha vaidade e jamais deixara-se fascinar por seus argumentos.

Talvez este fosse o problema. Não tinha a menor noção de seu valor e, o

que quer que fizesse, havia sempre alguém capaz de fazer melhor.

Olhou para a extensão de grama cortada e concluiu que havia realizado um bom trabalho. Como era estranho sentir-se orgulhoso por algo tão pequeno e sem importância!

Rindo, virou-se para Helen e perguntou:

— Gostou da grama que cortei para você?

A vaca ergueu a cabeça e fitou-o com olhos inexpressivos, fazendo-o lembrar a maneira como Cheryl o encarava. Sem interesse.

O pônei aproximou-se novamente e colocou a cabeça por entre as tábuas da cerca, e Rod afagou as orelhas grandes e macias, reagindo de forma automática.

— Está precisando de um banho e uma boa escovada.

Encostado à cerca, observou a vaca comendo a grama recém cortada e notou que o pônei inclinava a cabeça, indicando o local onde gostaria de ser afagado. Os humanos eram realmente seres de sorte por possuírem mãos.

Quantas coisas podia fazer com elas? Tudo o que Salty o ensinara a fazer. Pensando nisso, Rod concluiu que tinha mais sorte que os outros humanos por ter conhecido Salty e todos aqueles irmãos e irmãs.

Pouco depois as crianças chegaram no ônibus escolar. Dos seis, apenas duas eram meninas, as mais novas, e todos correram para dentro da casa em busca do lanche da tarde.

Era uma lembrança familiar. Quando criança, também chegava da escola com os outros irmãos e sentava-se à mesa para o lanche. O que havia acontecido com o sonho de felicidade eterna que sempre alimentara?

Agitado, respirou fundo e voltou a cortar a grama.

Depois de algum tempo, os seis irmãos mais novos dos Brown saíram para as tarefas diárias, onde descarregavam toda a energia armazenada durante as horas de disciplina dura da escola.

Assumindo o papel do mais velho, Rod distribuiu as tarefas e as crianças separaram-se para cumpri-las sem protestar. Na verdade, riam como se o trabalho fosse motivo de alegria. Até mesmo Saul, um rapaz de dezesseis anos, e Ben, o de quinze, reagiram da mesma forma. Saul já estava acostumado a supervisionar os mais novos, mas acatou as ordens de Rod sem discutir.

Desde pequenos, aprendiam o significado da palavra disciplina.

Rod os viu afastarem-se e lembrou-se de todas as ocasiões em que comandara os irmãos mais novos. Ser o mais velho acarretava certas responsabilidades.

Chamou Saul em voz alta e viu que ele atendia de imediato.

— Quero que dê banho no pônei amanhã. Ele está perdendo o brilho, e precisa ser escovado com cuidado.

— Nós sempre cuidamos dele no sábado.

— Sábado?

— Sim. Perdemos o dia todo para limpá-lo e escová-lo, porque o maldito animal é arisco e não se submete ao trato. Deve pensar que queremos prepará-lo para servir de montaria, e sempre fica revoltado.

Rod riu do comentário.

Riu! Há quanto tempo não dava boas risadas?

— Cuidado com o vocabulário. Se alguém o ouvir chamando o pônei de maldito, vai ter de passar dois dias lavando a boca com sabão.

— Não vai contar a ninguém, vai? — Saul pediu com um sorriso. — Você é meu irmão.

Saul havia sido adotado quando Rod já não morava com a família, e talvez por isso não sentisse o parentesco. Era estranho ver aquele jovem forte e saudável cuidando das tarefas que. lhe cabiam. Era vinte e dois anos mais velho que ele, podia ser seu pai... Ao pensar nisso, uma expressão sombria passou por seu rosto.

Durante o jantar daquela noite, falaram sobre tantos assuntos que Rod não conseguiu acompanhar a conversa. Havia esquecido de como era viver numa família grande, onde todos eram tão animados e vivos.

Seu irmão Bob e sua cunhada Jo faziam parte do grupo. Ainda dormiam no sótão, ao contrário do que Rod esperava. Aquela altura, já podiam ter se mudado para o quarto de Bob, no segundo andar, ou para a casa de Jo, mas a residência havia sido vendida e os dois pareciam gostar do sótão. Dormiam lá desde a noite do casamento, quatro meses atrás.

Como Jo também havia nascido em Temple, isso comprovava que todas as pessoas da região eram estranhas.

Rod contemplou as diversas convidadas solteiras que ocupavam seus lugares à mesa, contribuições de Felícia. Lá estava ele, viúvo há um mês e vendo

a própria mãe empenhada em despertar seu interesse por outras mulheres. Infelizmente seus esforços eram inúteis, porque ele nunca mais voltaria a se casar.

Mas Rod era gentil, e deixou que as convidadas praticassem seus pequenos jogos de sedução. Era algo que todas as mulheres tinham de fazer. Não retribuía, mas ouvia com atenção e sorria com simpatia, enquanto Saul e Ben disputavam as atenções femininas, interessando-se pelo jogo.

— Por que nos adotou quando ainda era solteiro? — Rod perguntou, fitando o pai com interesse. — Não encontrou uma mulher que o atraísse e que estivesse disposta a assumir o desafio?

— Não — Salty respondeu, olhando para a esposa que, concentrada, conversava com Jake, um garoto de onze anos de idade.

A resposta não era a que Rod esperava e, por isso, ele reformulou a pergunta:

— Por que decidiu nos adotar? Os três primeiros, quero dizer.

— Porque queria uma família. Eu já havia passado dos trinta anos, e estava perdendo as esperanças de encontrar uma mulher como Felícia. Então encontrei você, um menino bom que me deu coragem para procurar os outros dois, Mike e John.

Em silêncio, Rod refletiu sobre o que acabara de ouvir. Salty o julgara um bom menino e quisera mais filhos, o que significava que jamais havia percebido que, naquela época, não fora aprovado de imediato pelo novo membro da família.

— Por que pensava que eu era... bom?

— Porque você era. Se eu conseguisse provar que alguma coisa era lógica e sensata, você obedecia sem discutir. Se fosse algo tolo e pouco prático, mas eu conseguisse provar a utilidade da coisa, você também aceitava e acatava as ordens. E eu o admirava por isso.

Então Salty o havia admirado quando era criança. E agora? Ainda nutria o mesmo tipo de sentimento? Rod pensou em si mesmo e não encontrou nada digno de admiração.

Salty comentou:

— Falei com o médico, e ele disse que Abner já está em condições de pintar a casa. Também disse que ele está exagerando para chamar a atenção.

Você sabe como julgar as pessoas.

— Então posso começar o trabalho?

— Amanhã.

— Eu não estava pensando em começar agora. Você conseguiu me deixar exausto com aquela história de limpar o celeiro e cortar a grama.

— Ainda bem — Salty riu, batendo no ombro do filho.

Pela segunda vez naquele dia, Rod também riu.

Na manhã seguinte, Rod estava começando a preparar o material necessário para a pintura da casa quando Abner apareceu, acompanhado pelo filho. Com cuidado exagerado, desceu do carro e aproximou-se.

— O que pensa que está fazendo?

Mais uma prova de que toda a cidade era habitada por pessoas estranhas. Como um empregado podia falar num tom de voz tão arrogante com o filho do patrão? Rod examinou-o da cabeça aos pés e disse:

— A preguiça o fez engordar.

— Preguiça! — exclamou chocado, mostrando-se ofendido como se houvesse sido acusado injustamente.

Rod voltou ao trabalho e Abner indicou:

— Esta casa é minha!

— Você é um Brown?

— Eu vou pintar esta casa! Sempre cuidei disso sozinho!

— Sem um pincel e uma escada? Duvido!

Rápido, Abner voltou para o carro e sentou-se diante do volante. Seu filho ainda estava fechando a porta do lado do passageiro quando ele arrancou como se um demônio o perseguisse.

Segundos depois Salty saiu e, sorrindo para o filho mais velho, exclamou:

— Você é um terror!

— Não. Sou apenas um homem honesto.

— Ele foi buscar os pincéis e a escada.

— Ótimo! Assim poderá fazer o trabalho.

— Quer saber de uma coisa? Você ainda é o homem que eu imaginava.

Uma onda de calor invadiu o coração de Rod que, de repente, tornou-se mais leve.

Quando os dez dias chegaram ao fim, a casa estava pintada e Salty fez questão de pagar o filho por seu trabalho.

Abner ficou furioso e, sério, Rod avisou:

— Escute aqui, eu o deixei ajudar, entendeu? E agora vai ter de pintar o interior sozinho, porque eu preciso voltar para Fort Wayne.

— Não se prenda por mim.

Rod riu e percebeu que a reação acontecia com facilidade maior a cada dia.

Felícia encontrou um bom motivo para convencê-lo a ficar:

— Você pode participar dos projetos teatrais do verão. Não seria maravilhoso?

— Seria, mas preciso mesmo ir embora.

— Acho que é realmente o melhor que tem a fazer — Salty interferiu. — Mas venha nos visitar sempre que puder, está bem? Você representa uma influência positiva, e sinto-me muito melhor depois dos nossos encontros.

Rod fitou o pai para verificar se estava brincando, mas sua expressão era séria,

— Influência positiva?

— Não tem consciência da força que possui, não é?. Cheguei a sentir que minha posição de comando estava ameaçada.

— Há pouco mais de uma semana, você mesmo disse que eu havia permitido que minha vida se transformasse num poço de estagnação.

— Eu sei o que disse, e não me arrependo. Ainda acho que deixou Cheryl arrastá-lo em sua necessidade de isolamento, e que enfraqueceu. Será que ainda não percebeu?

Rod pensou um pouco e tentou olhar para dentro de si mesmo, mas não encontrou nenhuma diferença.

— Eu sou como sou — disse.

— Ainda não, mas será.

Na manhã seguinte Rod despediu-se de todos e, dirigindo-se ao pai, disse:

— Cuide bem deles.

O sorriso de Salty foi tão genuíno, que teve o poder de atingi-lo como uma bênção.

Enquanto dirigia pela estrada interestadual rumo a Toledo, Rod seguia pensando em sua família. As crianças eram um ramo novo sobre o qual não tinha a menor influência, e pensar nisso o fazia sentir-se mais isolado e absolutamente sozinho.

Mas era sozinho desde que saíra da casa paterna, e sempre havia acreditado que a solução do problema viria com o casamento. Mas, ao casar-se com Cheryl, isolara-se ainda mais e tornara-se mais solitário que antes.

Em Toledo, Rod entrou na estrada para Fort Wayne, uma cidade que aprendera a apreciar. Temple era um lugar muito pequeno e Cleveland era quase uma metrópole, mas Fort Wayne era ideal.

Morava num bairro antigo, onde as pessoas ainda tinham senso de vizinhança e se importavam uns com os outros. Mas, para ele, aquela casa era apenas um lugar para morar, um local que transformara-se num hábito e que não tinha o poder de despertar sentimentos positivos.

A casa ficava numa esquina, e a garagem dava para a rua lateral. Ao parar o carro, olhou em volta e teve uma sensação estranha, como se despertasse de um sono profundo. Por que estava ali?

Cansado, respirou fundo e desceu do automóvel. Retirou a bagagem do porta-malas e dirigiu-se à porta dos fundos, que encontrou aberta. Como alguém havia conseguido abrir a porta de sua casa?

Hesitante, pensou na atitude que devia tomar. Pat era a única pessoa que possuía uma cópia da chave, mas não havia nenhum motivo para que estivesse ali naquele momento. Talvez um ladrão...

Silencioso, voltou para o carro e guardou a mala. Depois tirou os sapatos, as meias, o paletó, e apanhou o revólver que sempre deixava no porta-luvas.

Decidido, voltou para perto da porta e entrou sem fazer barulho, captando um som sibilante que parecia vir da cozinha.

Atento, respirando fundo para manter a calma, aguçou os ouvidos e certificou-se de que o ruído partia realmente da cozinha. Então caminhou silencioso e parou na porta da sala de jantar, surpreso com a cena inesperada.

Apoiada sobre os joelhos e as mãos, uma mulher esfregava o chão da cozinha. Os cabelos loiros estavam presos num rabo de cavalo... e ela estava nua!

CAPÍTULO II

A visão o deixou perplexo. Há quanto tempo não via uma mulher nua, uma mulher de verdade? Ela estava de costas, ocupada... E mesmo em meio à atividade febril e exaustiva, parecia absolutamente feminina.

Rod arrepiou-se e sua respiração tornou-se entrecortada. Sentia-se como um cavalo excitado diante de uma égua no cio. Felizmente estava vestido, e ela não se assustaria se virasse de repente e o visse parado junto à porta. Considerou a idéia de partir em silêncio, mas rejeitou-a de imediato.

Quieto, permaneceu onde estava, apenas olhando...

Por que estava tão concentrada na tarefa de limpar um chão que já estava limpo? Ninguém jamais o usara de verdade, e por isso nunca havia visto alguém esfregando aquela cozinha. A menos que... A menos que alguém houvesse feito o trabalho de limpeza durante todo aquele tempo, sem que ele soubesse.

Aquela mulher maravilhosa já teria estado em sua casa antes, nua?

Seu corpo estava tão tenso, que Rod sentiu que a pele poderia romper-se a qualquer momento. O sangue coma pelas veias com uma velocidade espantosa, e o enchia com um calor intenso e inesperado que ameaçava incendiá-lo. De repente lembrou-se da arma e, olhando para a mão trêmula, baixou-a e afastou o dedo do gatilho.

Talvez ela fosse uma ladra e, percebendo sua chegada, despira-se e começara a esfregar o chão. Estaria fingindo ser a faxineira para confundi-lo?

Não necessariamente. Já ouvira falar a respeito de mulheres que faziam a limpeza da casa despidas. Havia aquela velha história sobre uma mulher que limpava o porão e despia-se enquanto lavava as roupas, aproveitando a máquina de lavar ao máximo. Depois colocava o capacete do filho, porque um cano gotejava sobre sua cabeça. O encanador chegava para fazer o conserto, e depois ia embora dizendo que desejava revê-la em breve.

De repente Rod analisou os próprios pensamentos e julgou ter encontrado o motivo do comportamento estranho de todos os habitantes de Temple. A água. Estivera na casa do pai, consumira a água da cidade e contraíra a estranha loucura do povo daquele lugar.

Apesar de todas as idéias estranhas e sem sentido, não desviou os olhos do corpo nu da desconhecida que esfregava o chão de sua cozinha.

Quem poderia ser?

Não perguntou, porque não queria incomodá-la. Se dissesse alguma coisa, ela sairia correndo e gritando, e acabaria sendo presa por atentado ao pudor, ou por provocar acidentes de trânsito e ataques cardíacos.

Estava sofrendo novamente o efeito da água de Temple. Quanto tempo o organismo levaria para eliminá-la por completo?

Aquela mulher era gloriosa. Por que estava esfregando o chão? Por que uma mulher com aquele corpo precisava esfregar o chão de cozinhas alheias? Poderia ganhar muito dinheiro simplesmente andando despida como estava, sem fazer absolutamente nada... ou quase nada.

Talvez pudesse convencê-la a mudar-se para sua casa. Se gostava de fazer o trabalho doméstico nua, o fetiche não o incomodaria.

De repente percebeu que ela estava movendo-se para o lado e pensou em sair para não ser visto, mas a cena prejudicara seus reflexos e, quando voltou à realidade, já era tarde demais. Agora ela o veria e gritaria como louca.

Tenso, esperou pela reação assustada.

Mas ela ergueu a cabeça, fitou-o e o surpreendeu:

— Já está de volta?

Então o esperava!

A desconhecida levantou-se e sorriu.

Rod retribuiu com esforço, respirando como um touro prestes a atacar.

Como se houvesse acabado de perceber algo importante, ela arregalou os olhos e exclamou:

— Ooops!

E cobriu-se com o pano que usara para esfregar o chão.

Droga!

Um leve rubor surgiu em seu rosto, mas ela continuou sorrindo.

— Sinto muito. Não sabia que voltaria tão depressa — e riu como se a situação a divertisse.

O pano molhado tornara-se transparente, mas ela não parecia notar a ineficiência do expediente.

Confuso, Rod perguntou:

— Você é de Temple?

A questão a surpreendeu e ela disparou:

— Onde fica Temple?

— Em Ohio, ao sul de Cleveland.

Ela negou com a cabeça, sem sair do lugar. E por que sairia? A visão de seu corpo não fora prejudicada pelo pano úmido e transparente, e uma obra de arte não devia realmente ser retirada de seu pedestal.

Sentindo que a excitação crescia a cada instante, ele perguntou:

— Quem é você?

— Não se lembra de mim, sr. Brown? Eu sou Cindy. Moro no fim do quarteirão — e ergueu um braço para apontar a direção correta.

O pano desceu alguns centímetros, mas ela segurou-o em seguida e cobriu-se novamente.

Rod precisou de tanto tempo para levar oxigênio ao cérebro, que ela aproveitou a pausa e acrescentou:

— Eu costumava levar seu cão para passear, lembra-se?

Mas isso havia acontecera quando se mudara para a vizinhança, e ela não devia ter mais do que treze anos. Agora, onze anos mais velha, em tomo dos vinte e quatro, já tinha idade suficiente para despertar sensações intensas e perigosas, como as que ele experimentava naquele exato momento.

Rouco e ofegante, perguntou:

— Por que está esfregando o chão?

— Os vizinhos decidiram formar um mutirão e arrumar tudo para que encontrasse a casa limpa.

— Todos os vizinhos?

— Sim, todos. Sentimos muito por sua esposa. Os policiais são realmente estúpidos, não acha? Queríamos que soubesse como gostamos de você, e como o julgamos especial.

Ela sorriu com expressão amistosa e moveu o corpo para o lado. Definitivamente, não era mais uma garota de treze anos. Transformara-se numa mulher estupenda e crescida, uma tentação para quem quer que a visse.

Confuso, dominado pelas sensações físicas, Rod resmungou:

— Não sei o que dizer.

— Posso sugerir alguma coisa?

— O quê?

— Bem... Podia me oferecer um banho.

Apesar da expressão inocente, Rod estremeceu. Estaria sugerindo...?

— Eu preciso vestir minhas roupas...

Que pena!

— ... mas estou muito suada depois de todo esse trabalho, e gostaria muito de tomar um banho. Ficaria embaraçado se eu usasse seu banheiro enquanto está aqui?

— Não.

— Ótimo! Então feche os olhos para que eu possa me virar e sair. Não espie!

— Não.

Era uma resposta honesta. Rod estava dizendo que não queria que ela se virasse, mas a jovem interpretou a negativa com relação ao comentário sobre não espiar e caminhou até a porta, certa de que ele havia fechado os olhos.

Mas ele a observava, absolutamente encantado.

Cindy virou-se e fitou-o por cima do ombro, percebendo que ele a espreitava.

— Seu indecente! — exclamou, rindo como se tudo fosse apenas uma inocente brincadeira.

No instante seguinte ela havia desaparecido além da porta.

Rod permaneceu no mesmo lugar, perplexo. Jamais imaginara que uma mulher fosse capaz de provocar um homem daquela maneira. Talvez no cinema... Mas na vida real? E ela o provocara. Por alguma razão, sabia que não ficaria surpresa se a seguisse até o banheiro, tirasse as roupas e a acompanhasse no banho.

Teria trancado a porta?

A necessidade de descobrir a resposta tomou-se imperiosa. Descalço, voltou por onde entrara e foi até o hall, de onde partia a escada. Podia ouvir o chuveiro com tanta nitidez, que diminuiu o ritmo dos passos e aproximou-se com cautela, até descobrir que a porta estava... aberta!

Parado, tentou vencer a tentação, mas não conseguia obrigar o corpo a virar-se. Devagar, com esforço e dificuldade, retrocedeu alguns passos até afastar-se o suficiente para recuperar o controle sobre os próprios movimentos. Finalmente conseguiu virar-se e descer os degraus de volta ao hall, experimentando uma estranha sensação de triunfo.

Determinado, saiu e guardou a arma no porta-luvas do carro. Depois calçou as meias, os sapatos e, apesar da melancolia, teve certeza de que a atitude reforçava seu caráter.

Pela segunda vez, retirou a valise do porta-malas e deixou-a no chão. Depois abriu a tampa do motor e examinou as peças com atenção, deixando o tempo passar para que, quando entrasse, ela já estivesse vestida.

Cindy havia dito que todos os vizinhos queriam ajudá-lo, mas ele nem os conhecia. Retribuía os acenos de cumprimento quando saía e os encontrava na calçada, mas jamais pensara em visitá-los ou convidá-los para um café em sua cozinha. Pat era a única que conhecia, e só porque ela sempre fora boa com...

Virou-se e viu Patrícia Ullick parada no portão. Vestia uma calça jeans velha e uma camiseta branca, e os cabelos castanhos estavam presos no alto da cabeça. Não usava maquiagem, e o azul profundo de seus olhos dava uma impressão de calma e controle absoluto sobre tudo e todos. Mas ele ainda não havia recuperado o controle.

Respirando fundo, obrigou-se a dizer:

— Estou de volta — e, lembrando-se do acidente de carro, perguntou: — Você está bem?

— Melhor.

— Ótimo.

— Cindy... já terminou?

— Acho que sim. O chuveiro está ligado.

Pat sorriu com ar divertido, e ele tentou imaginar o que significava aquele sorriso.

— Já teve oportunidade de dar uma olhada na casa? Os vizinhos se uniram e fizeram uma limpeza completa. Não são encantadores? Quando estiver mais animado, pode oferecer algumas cervejas para agradecer a bondade de todos.

Uma festa? Ele? Já havia esquecido como se organizava uma reunião de amigos.

— Sim, vou pensar na sugestão. E também estou em débito com você, Pat. Muito obrigado por tudo.

— O problema de Cheryl era realmente sério, e qualquer um teria pensado em interná-la há muito tempo. Mas você foi muito bom e tolerante.

— Você fez todo o trabalho.

— Senti que precisava de ajuda.

— Pat... Você deve saber que eu não tinha a menor idéia... Bem, eu não percebi que ela estava morta. Cheryl nunca respondia às minhas perguntas, e passava o tempo todo sentada diante daquela televisão, quieta e imóvel. Como eu podia saber que havia algo de anormal?

— Eu sei. Ela estava sempre quieta.

— Foram anos, Pat. Como teve paciência para ajudá-la durante todo esse tempo, apesar dos seus problemas?

Ela o encarou com ar sério e solene, mas não respondeu.

Seria uma forma de censura? Rod não sabia como reagir. O que mais poderia dizer, além de declarar que estava satisfeito com a redenção daquela pobre mulher? Seria honesto, mas daria uma horrível impressão de egoísmo e crueldade.

Durante os dias que passara em Temple, havia compreendido os motivos de seu comprometimento com a doença da esposa. Passara os primeiros anos de sua infância em instituições para menores abandonados. Cheryl havia necessitado de cuidados intensivos, e Felicia e Salty o treinaram para cuidar de outras pessoas. Cheryl havia sido uma mulher retraída e isolada e, em vez de ajudá-la a vencer a tendência ao isolamento, ele a empurrara ainda mais nessa direção.

Salty havia perguntado se sentia-se culpado.

Enquanto Rod duelava com os próprios pensamentos, Patrícia permanecia imóvel e silenciosa. Parecia tão serena... Que pensamentos escondia sob aquela máscara de frieza e distanciamento?

Se soubesse...

Pat lutava para conter-se e não atirar-se em seus braços, e imaginava se Cindy teria conseguido envolvê-lo com seus encantos. Mas ele não passara tanto tempo dentro de casa. Havia visto quando ele estacionara o carro na garagem e lembrara-se da presença de Cindy... Cindy, entre todas as pessoas!

Conhecendo-a como a conhecia, Pat imaginara se o pobre homem conseguiria escapar com apenas alguns arranhões e as roupas rasgadas, mas depois o vira sair com a arma na mão e tranqüilizara-se. Com um revólver como aquele, qualquer homem seria capaz de conter o ímpeto da jovem vizinha.

Pat olhou para o lado com indiferença calculada, e depois voltou a encará-lo. Ainda estava tenso, mas o que Cindy podia ter feito em pouco mais de cinco minutos?

Rod sentia-se estranho. Prolongava o encontro com Pat para que Cindy pudesse terminar de tomar banho e vestir-se, e evitava imaginar seus movimentos sob o chuveiro.

Pat moveu-se, como se pretendesse partir.

Devia realmente deixá-lo ali? Sozinho? Com Cindy por perto? Rod não poderia passar muito mais tempo na garagem, e o suor que cobria sua testa indicava o quanto estava perturbado.

— Quer entrar e tomar uma xícara de café? A cozinha está limpa.

Ela sorriu:

— Obrigada. Passei o dia de ontem esfregando o chão da sua cozinha.

O quê? Patrícia Ullick esfregara o chão no dia anterior? Então, por que Cindy...

Mais determinado, insistiu:

— Entre.

Não queria reencontrar Cindy sozinho.

Pat ergueu uma sobrancelha, como se o convite a surpreendesse, e finalmente respondeu:

— Seria ótimo.

Rod não sabia sequer se havia algum café no armário, mas caminhou até a porta e afastou-se para que ela pudesse entrar. Sabia que a.usava mais uma vez, como havia feito para resolver os problemas de sua esposa doente. Agora queria que Pat funcionasse como um escudo protetor contra Cindy.

— Tem certeza de que sabe fazer café? — ela perguntou. — Não quer que eu cuide disso?

— Acho que seria realmente mais seguro — ele sorriu. — Eu sempre queimo as bordas do filtro de papel.

Não era verdade, mas discutir assuntos domésticos aliviava sua consciência.

— Quem o ensinou a fazer café desse jeito?

— Eu costumava acampar, e só sei fazer café à moda dos escoteiros, fervendo o pó com a água.

— Agora entendo! É o chamado da natureza.

Rod sorriu, mas não respondeu. Estava atento ao som do chuveiro, a única indicação segura de que Cindy não estava por perto.

Pat moveu-se pela cozinha com segurança, como se estivesse na própria casa, e ao vê-la apanhar três xícaras do armário, Rod experimentou um estranho aborrecimento. Queria que Cindy fosse embora, e se ela sentasse para tomar café em sua cozinha, poderia imaginar que ele estava encorajando novas visitas.

O chuveiro foi desligado e o silêncio o atingiu como um soco. Agora ela estava enxugando-se, esfregando a toalha macia e felpuda sobre o corpo tentador, curvilíneo e...

— Rod? Acho que esqueci minhas roupas na sala de jantar.

Invadido por uma ridícula onda de culpa, Rod olhou para Pat e viu que ela o observava com expressão de expectativa. E agora, que atitude devia tomar?

Antes que pudesse encontrar uma solução, Pat avisou:

— Vou levar as roupas de Cindy para o banheiro.

Eficiente, foi para a sala e recolheu as peças jogadas sobre a estante, sacudindo-as e dobrando-as como se estivesse arrumando o quarto de um filho pequeno. Rod a observava em silêncio, encostado no batente da porta da cozinha.

De repente compreendeu que sua fantasia não havia sido tão absurda e estremeceu.

Cindy realmente o vira chegar, e despira-se às pressas para i mu lar uma situação. Estava tentando preparar uma armadilha para envolvê-lo, e decidira usar o próprio corpo como isca.

Qualquer outro homem teria tirado proveito da situação. Ela mio havia demonstrado a menor surpresa ao vê-lo parado na porta, e só cobrira o corpo depois de deixá-lo dar uma boa olhada e excitar-se com sua nudez. Usara um pano úmido para tentar proteger-se, sabendo que a transparência o excitaria ainda mais, e sorrira de forma convidativa e sedutora ao perceber o brilho in-

tenso em seus olhos, uma indicação claro do desejo que o dominara de imediato.

De onde havia tirado a idéia de molhar o pano para deixá-lo transparente? Na verdade, podia apostar que ela só esfregara o chão durante os segundos em que ele a observara.

Rod passara tanto tempo em total celibato, que até uma fraude descarada como aquela o enganara. Não soubera como reagir, porque não tinha experiência com mulheres atiradas e sem pudores. Basicamente, era um inocente.

Quantos homens ela já teria conseguido seduzir com o mesmo truque?

Pat já estava aproximando-se da escada, quando uma voz a fez parar.

— Por que demo... Oh, olá, Patrícia.

Cindy parecia perfeitamente a vontade, como se a presença da vizinha não fizesse a menor diferença. Não se importava por alguém mais ter percebido seu pequeno truque.

Pat sorriu e respondeu:

— Desculpe a demora.

— Não faz mal.

Estava enrolada numa toalha. Como a encontrara com tanta facilidade? Rod estava cada vez mais surpreso com o planejamento cuidadoso e detalhado. Virando-se, notou que um sorriso encantador encurvava seus lábios carnudos e pensou em como ela seria irresistível para alguns homens.

Inclusive ele? Talvez. A verdade era que não conseguia desviar os olhos dela.

Cindy pegou as roupas da mão de Pat e disse:

— Vou me vestir e voltarei num minuto para tomar o café com vocês. Esse cheiro está delicioso!

Devia oferecer-se para ajudá-la com os botões? Vendo-a subir os degraus com movimentos graciosos, Rod tentou descobrir de onde havia tirado uma idéia tão sem propósito.

Num gesto calculado, Cindy puxou a toalha de forma a revelar a curva tentadora das coxas e dos quadris, e Rod teve de fechar os olhos para não ser dominado pelas imagens indecentes provocadas pela visão da pele macia e nua.

A voz de Pat o surpreendeu:

— Tenho de reconhecer que é um homem disciplinado.

— E eu tenho de admitir que não é uma questão de disciplina. Na verdade, estou cansado de ficar apenas olhando.

— Eu daria vinte centavos... Não, talvez até um pouco mais para saber o que o fez sair tão apressado e descalço.

— Seria uma pena perder esse dinheiro por nada.

Pat riu, e som delicioso fez sua libido atingir um nível perigosamente próximo do limite. Havia sido um dia difícil, e de repente percebeu que aquela era a primeira conversa verdadeira que tinha com Pat. Ela possuía um senso de humor tolerante e perverso, uma ameaça para um homem em seu estado.

Só uma mulher muito confiante teria conseguido lidar com a situação sem demonstrar embaraço. Qualquer outra teria recusado o convite para o café, ou reagido com espanto e choque diante das roupas espalhadas por sua sala de jantar, ou demonstrado indignação com a atitude descarada de Cindy.

Mas Pat comportara-se de forma surpreendente e bem humorada. Nenhum homem seria capaz de lidar com uma mulher tão controlada e tolerante. Rod não suportava tanta segurança.

Em menos de uma hora, duas mulheres haviam indicado que esperavam uma aproximação, e ele as rejeitara. Seria alguma falha congênita, ou o casamento o tornara incapaz de envolver-se com o sexo oposto?

Haviam voltado para a cozinha, e Rod provou o café que Pat acabara de servir.

— E então? — ela perguntou. — Gostou?

— E diferente do café do acampamento, mas está ótimo.

Ela sorriu, demonstrando novamente o quanto era segura. Acabara de ser rejeitada e, mesmo assim, ainda era capaz de reagir com bom humor.

Cindy entrou na cozinha abotoando a camisa. Devia ser um gênio do cálculo, ou não teria conseguido deixar os três últimos botões para o momento exato em que, numa resposta automática, ele ergueu a cabeça a tempo de vislumbrar a curva suave e rígida dos seios juvenis. Que mulher era capaz de abotoar uma camisa com tanta sensualidade?

E, no entanto, ela agia como se não tivesse consciência dos próprios movimentos.

— O banho estava delicioso. Eu estava tão suada — e sorriu para Rod como se dividissem um segredo.

Apesar da idade e de todas as coisas que já vira na vida, ele sentiu as orelhas quentes e vermelhas.

Firme, Pat perguntou:

— Já terminou?

— Quase — Cindy respondeu com falsa inocência, passando a ponta da língua pelos lábios.

— Então vou ajudá-la a terminar.

— O banheiro ficou um pouco molhado depois do banho demorado, e a toalha...

Impaciente, Rod interferiu:

— Não se preocupe com isso. Não sei como agradecer por todo o trabalho que teve. A casa está realmente limpa.

Na verdade, não notava nenhuma diferença, a não ser o silêncio.

A televisão estava desligada, e um aroma suave de desinfetante pairava no ar.

— Não precisa agradecer, Rod — Pat avisou. — Foi só uma demonstração de solidariedade da vizinhança.

— Isso mesmo — Cindy concordou com um sorriso malicioso.

— Na verdade, cada um de nós fez alguma coisa para ajudar. Eu levei a cadeira para refazer o estofado.

— Que material escolheu?

Ignorando o tom de censura de Rod, ela explicou:

— Nenhum. Trouxe as amostras para que você mesmo pudesse escolher. Vou buscá-las.

Pat saiu e Cindy disse com entusiasmo:

— Estou realmente feliz por ter voltado. Todos nós sentimos sua falta.

Como poderiam ter sentido sua falta, se ele nunca estava por perto? Jamais desenvolvera um relacionamento amistoso com os vizinhos, e sempre trabalhara mais que o necessário para fugir da casa que eles haviam arrumado com tanto empenho.

— Quando foi a última vez em que a vi? — ele perguntou.

— Excluindo o encontro de hoje?

— Sim.

— Foi no funeral.

Rod afirmou com a cabeça, lembrando-se da ocasião em que vivera um verdadeiro tumulto interior. Sentira pena de Cheryl, mas experimentara um profundo alívio por ter se livrado de uma situação que, de outra forma, jamais teria uma solução.

Olhando pela janela, pensou em como haviam sido raras as vezes em que ficara naquela casa durante o dia. Houve um tempo em que mantivera horários regulares e tentara ter uma vida normal mas, aos poucos, passara a trabalhar cada vez mais para evitar o encontro desgastante com Cheryl e sua televisão.

Pat voltou com as amostras.

— Vou deixá-las sobre o armário. Se não gostar de nada, só terá de devolvê-las e cancelar a ordem de serviço. O endereço da oficina está junto com os tecidos.

Por que julgara-se no direito de remover a cadeira sem perguntar sua opinião? Era uma atitude estranha, especialmente para uma mulher ocupada como ela.

Cindy estava adoçando o café e, ao notar que Rod a observava, sorriu e acrescentou mais três colheres de açúcar à xícara. Era obvio que não apreciara o sabor da bebida.

De repente compreendeu que as duas esperavam pela partida da outra e experimentou uma estranha inquietação. O que queriam dele? A teoria de que os homens eram cada vez mais escassos devia ter um fundo de verdade.

Disposto a pôr um ponto final na situação ridícula e desgastante, olhou para o relógio e anunciou:

— Sinto muito, senhoras, mas tenho de pedir licença. Estou cansado, e preciso desfazer minha mala antes de tomar um banho e tentar relaxar.

Cindy foi a primeira a reagir.

— Se precisar de alguma coisa, não hesite em me procurar. Deixei o número do meu telefone sobre a estante da sala de jantar.

Em seguida saiu pela porta dos fundos, e Rod tentou imaginar o que ela poderia ter deixado em sua casa de forma que, mais tarde, tivesse uma boa desculpa para voltar. Mas então recuperou o bom senso e perguntou-se de onde havia tirado a idéia de que ela faria algo tão estúpido e previsível.

Pat ainda não havia partido.

Rod encarou-a e ela sorriu como se dividissem uma piada particular, mas ele manteve o rosto sério.

— Está muito cansado?

— Exausto. Ajudei a pintar a casa de meus pais.

— Aposto que foi diferente.

Rod não respondeu, esperando que ela compreendesse seu silêncio e partisse.

— Já notou o suprimento de caçarolas no freezer?

Com um suspiro, ele levantou-se e foi verificar o conteúdo do congelador, surpreendendo-se com as inúmeras travessas com etiquetas identificando as remetentes.

— Três viúvas — riu, incapaz de conter-se. — Meu pai me avisou sobre viúvas carregando caçarolas.

— Eu sou uma delas. Não vai esquecer de devolver as travessas? Quando for entregá-las, lembre-se de levar alguma coisa em sinal de agradecimento. Uma caixa de bombons, flores, coisas desse tipo. Acha que vai conseguir pensar em todos esses detalhes?

Ela era uma viúva, e Rod sequer pensara nisso!

— Não vou esquecer — garantiu, mantendo o rosto sério para não encorajá-la.

— Ótimo. Se precisar de alguma coisa, basta assobiar. Ah, sim... Eu levei a cadeira para o conserto porque notei que estava manchada.

— Entendo.

— Desculpe se invadi sua privacidade. Só estava tentando ajudar.

— Foi muita bondade. Eu não havia notado que o estofamento estava manchado.

— Você nunca passou muito tempo em casa. Descobrimos algumas coisas que precisavam de pequenos reparos, e eu fiz uma lista. Há um galho de árvore muito perto do telhado, e precisa cortá-lo antes que ele quebre uma telha. E a janela da garagem está com um vidro .partido.

— Obrigado. Vou cuidar disso assim que puder.

— Também fiz uma lista dos nomes de todos os vizinhos que participaram do mutirão, com seus endereços e telefones. Fiz algumas observações a respeito da aparência de cada um, caso não consiga ligar os nomes às pessoas.

— Boa idéia.

— Bem... Até logo. Se precisar de alguma coisa...

Pat caminhou lentamente em direção à porta, como se relutasse em partir. Rod moveu-se ainda mais devagar, temendo apressá-la e ser grosseiro, ou ser gentil e dar a impressão de que queria que ficasse mais um pouco. Na verdade, a única coisa que realmente desejava naquele momento era um pouco de solidão.

— Cuide-se bem.

— Obrigado, Pat.

— Por nada.

E então ela partiu.

Finalmente estava sozinho.

CAPÍTULO III

Cada caçarola teria sido suficiente para alimentar quatro homens famintos. Rod examinou o freezer abastecido e compreendeu que as viúvas haviam tido trabalho para agradá-lo. Mas o que faria com toda aquela comida?

Então notou que cada travessa fora dividida em quatro partes, c que folhas de papel alumínio separavam as porções de forma que uma ou duas pudessem ser removidas, deixando o restante congelado. As mulheres eram espertas. Atenciosas. Boas.

Enquanto o jantar era aquecido no forno, Rod andou de um lado para o outro, inquieto. Encontrou uma garrafa de vinho e serviu-se de um copo. Depois viu a lista das pessoas que haviam participado do mutirão e leu seus nomes, tentando lembrar-se das casas mencionadas ao lado de cada um deles. Mike, seu irmão, conseguira memorizar os nomes de todos os colegas do último ano de escola e, quando voltou do Golfo Pérsico, pôde visitá-los e chamá-los pelos nomes certos.

Por que não podia fazer o mesmo? Com afinco, Rod releu a lista dos vizinhos e associou-os com as casas mencionadas ao lado de cada um deles. Também notou que Pat não fizera nenhum comentário para identificar Cindy fisicamente.

Em seguida leu as características físicas dos vizinhos. Fechando os olhos,

tentava visualizar as casas conhecidas e associá-las aos nomes dos proprietários. Em seguida abria os olhos e verificava se acertara. Aprendia depressa, e as descrições despertaram seu interesse para encontrar aquelas pessoas e compará-las com as características que Pat descrevera. Era uma mulher inteligente e uma excelente vizinha.

Rod comeu em silêncio, tão sozinho quanto sempre havia sido, mas sentindo realmente o peso da solidão pela primeira vez. Era estranho. Nunca estabelecera relacionamentos verdadeiros com ninguém, nem mesmo no trabalho, e agora que a tranqüilidade incomum de Cheryl desaparecera, sentia-se solitário.

Evitou a sala íntima, preferindo a sala de estar. Estendeu a mão para ligar o aparelho de tevê e hesitou durante alguns instantes, mas finalmente decidiu verificar a programação de um canal a cabo especializado em notícias.

Ficou vendo o mundo do qual fazia parte. Na verdade, não sentia um envolvimento especial com os fatos que o apresentador relatava, mas aquelas pessoas também não haviam pedido para estarem envolvidas nos acontecimentos e, no entanto, participavam dos eventos que a vida lhes apresentava. As circunstâncias as arrastavam para o redemoinho de fatos que culminavam numa determinada situação. Possuíam opiniões, crenças e, na maior parte das vezes, eram vítimas das próprias idéias. Todos infelizes, como ele. Mas ele havia sido envolvido pela parte triste e melancólica deste mar de acontecimentos que é a vida.

E queria sair desta maré de tristeza.

Era uma idéia curiosa. O que buscaria realmente de agora em diante? Alegria? Satisfação?

Rod desligou a televisão e aproximou-se da sala íntima, sem sequer perceber que esperava encontrar apoio no odor que sempre o incomodara. A sala estava limpa. Pat cuidara de tudo. Cheryl se fora, a cadeira havia desaparecido, e o lugar voltara a ser apenas uma sala.

Preferiu evitar o chuveiro que Cindy usara, porque seria íntimo demais despir-se no lugar onde ela havia estado nua. Além do mais, estava muito cansado, e só queria ir para a cama.

Sonhou com Cheryl a noite toda, e ela apareceu como era quando se conheceram. O sorriso tímido, o corpo esguio, a dependência frágil e quase assustada... Curiosa e interessada, ansiosa para aprender todas as coisas que ele podia lhe ensinar.

Seu abraço envergonhado, sua modéstia e até mesmo seu gato.

Rod havia esquecido o gato. Por que nunca lhe dera outro? Porque Cheryl havia dito que não queria outro. Mas, se houvesse insistido, talvez o animal a mantivesse um pouco mais próxima da realidade que a cercava.

No sonho, ele a viu na cozinha com o jantar pronto e a mesa arrumada. Viu todas as coisas boas. Abraçou-a com carinho e fez amor com ela como no princípio, deliciando-se com seus suspiros. Cheryl afagou seus cabelos e sorriu com ar doce, e depois levantou-se para ir ao banheiro. Na porta do quarto, virou-se para um último aceno e um sorriso, e então ela se foi.

Rod acordou e ficou olhando para a escuridão que o cercava. Havia sido tão real! Cheryl viera despedir-se, dizer que libertara-se e lembrá-lo de que, um dia, haviam vivido um amor verdadeiro. E depois disso partira. Para onde?

Tanto tempo havia se passado sem que tivesse qualquer tipo de comunicação com ela, que passara a considerá-la uma pessoa limitada cuja vida era absolutamente diferente de todas as outras. Saber que ela viera mostrar que estava livre e que ainda tinha sentimentos de ternura por ele eram um grande conforto. Agora, ele também estava livre. Cheryl o libertara de uma maneira tão doce, que já não havia espaço para culpa ou lamentações.

Rod passou algum tempo deitado, invadido por uma paz maravilhosa, e depois adormeceu novamente, mergulhando num sono calmo e sem sonhos.

Na manhã seguinte acordou invadido por uma súbita determinação. Vestiu-se, tomou café e saiu para mais um dia de trabalho na loja de peças e serviços automotivos.

Salty administrava um negócio parecido, e todos os filhos haviam aprendido um pouco do ofício. Eram bons mecânicos.

A loja de Rod vendia óleo, filtros e correias, e trocava freios, escapamentos e amortecedores. Vendia peças e baterias para os clientes que pudessem realizar a troca sozinhos e para pequenas oficinas e garagens da região. Era um negócio bastante satisfatório.

Salty havia contado que Cray, um dos filhos, conseguira expandir sua oficina mecânica em San Antonio, e naquela manhã Rod olhou para o estabelecimento comercial de maneira diferente. Acostumara-se a passar boa parte do dia naquele lugar, sem realmente vê-lo, mas depois da viagem e das conversas com o pai, agora voltava a enxergar o mundo que o cercava, e isso incluía a loja. Verificou cada polegada do espaço, cada gaveta e prateleira, e depois convocou uma reunião com todos os funcionários para aquela tarde.

Tinha a manhã inteira para refletir sobre a situação, e acabou compreendendo que, se deixara a vida doméstica escapar ao seu controle, era bem provável que a loja houvesse sofrido a mesma negligência.

Durante a reunião com os funcionários, pediu opiniões sobre o que devia ser mudado e assumiu toda a culpa.

— Sempre encarei o trabalho como um time de futebol. Como eu sou o treinador, não posso culpá-los pela minha displicência. A partir de agora, vamos pensar numa forma de organizar melhor nosso espaço de trabalho.

Nas semanas seguintes, Rod recebeu assessoria de um escritório de organização que enviou uma equipe para informatizar os dados da loja. Os arquivos de fichas desapareceram e tudo foi simplificado com o uso de um computador. Estava empregando o tempo para poupar tempo.

As ferramentas foram arrumadas de acordo com a conveniência dos mecânicos, e todo o espaço foi reestruturado para corresponder às necessidades dos empregados. A loja transformou-se num lugar limpo e arrumado, e todos sentiram-se mais eficientes.

As paredes foram pintadas e, terminada a etapa de reforma e arrumação, os funcionários reuniram-se novamente para decidir sobre o novo uniforme. Os representantes de uma indústria especializada foram convocados para receber o pedido. Que tipo de bolso seria mais apropriado? Onde precisavam de apoios e suportes para as ferramentas? Em que áreas julgavam mais necessário o uso de tecido resistente ou elástico? Preferiam zíperes ou botões? Que material era mais confortável? Quais as regiões mais propensas ao desgaste? Joelhos, ou cotovelos?

Foi um exercício estimulante para toda a equipe. Os empregados foram consultados, e consideraram todas as questões com bom senso e seriedade. Alguns pediram dois ou três dias para refletir sobre o assunto, julgando-o realmente importante. Em vez de pensar apenas na estética e no custo, passaram a prestar atenção no tipo de movimento que faziam para realizar cada uma das tarefas, verificando na prática onde seria mais propício um bolso ou um suporte para determinada ferramenta.

Rod estava bastante satisfeito com a reação dos funcionários. Levavam todas as perguntas e sugestões a sério, e discutiam cada tópico sem transformar as divergências em confrontos.

Estava realmente orgulhoso de todos. Era gratificante ver a equipe colaborando, opinando e tentando solucionar um problema que afetava a todos

igualmente. Formavam um grupo integrado e harmonioso.

A essa altura as caçarolas já haviam sido consumidas, e Rod devolvia todas as travessas acompanhadas de buquês de flores que enviava através da floricultura local, sempre com breves notas de agradecimentos.

Estava muito ocupado, mas conseguiu organizar-se de forma a estar presente no casamento de Cray e Susanne, uma jovem que já havia morado na casa dos Brown durante dois anos. Salty entrou na igreja com a noiva, ocupando o lugar do pai que ela perdera.

Quatro meses haviam se passado desde a morte de Cheryl, e a vida de Rod seguia seu rumo.

Ao voltar pára Fort Wayne, Cindy quase conseguiu encurralá-lo por duas vezes, uma delas na garagem.

Rod estava entretido, arrumando as ferramentas, e de repente ela apareceu.

— Olá, estranho — cumprimentou com um sorriso, pegando-o de surpresa.

Rod levantou-se devagar e cruzou as mãos às costas. No dia anterior, havia ajudado a transportar uma bomba muito pesada e exigira demais dos músculos do braço.

Mas Cindy era esperta:

— Está machucado?

— E só uma distensão muscular.

— Se quiser entrar, podemos tratar disso com meu exclusivo tratamento de calor.

Que tipo de calor ela pretendia usar?

— Não, obrigado. Você é muito gentil, mas eu tenho muito trabalho a fazer.

— Entendo. Posso ajudar?

— Não. Isso é trabalho para um homem.

— Conheço outro trabalho de homem no qual você poderia me ajudar.

— Infelizmente não posso. Por que não pede ajuda a Fuquay, aquele rapaz que mora no final do quarteirão?

— Ele é insignificante.

— Não seja injusta. Ele é um rapaz apresentável, e já conseguiu até

comprar um carro.

— Prefiro homens mais velhos.

— Então procure o sr. Appleton, aquele velhinho de noventa anos que passa o dia todo na janela. Ele jura que faz parte do Conselho de Observação dos Cidadãos.

Ignorando as respostas de Rod, Cindy aproximou-se com confiança e sensualidade, abraçou-o e ergueu a cabeça para fitá-lo nos olhos.

Rod foi incapaz de livrar-se daqueles braços, porque o corpo recusou-se a perder a oportunidade e a mente invocou a imagem que vira em sua cozinha. Cindy esfregando o chão, nua.

Ela deslizou as mãos por baixo de sua camiseta, tocou a pele de suas costas e beijou-o.

Foi como se um fogo incontrolável corresse por seu corpo, atingindo diretamente as partes mais sensíveis. Não conseguiria resistir e, por isso, assumiu o controle e beijou-a como há muito desejava. As mãos passaram a mover-se por conta própria, e uma delas encontrou a curva tentadora de seus quadris. Rod puxou-a de encontro ao corpo e respirou fundo, abraçando-a e movendo-se devagar, fazendo-a sentir a evidência física de seu desejo.

Cindy começou a emitir protestos abafados e tentou empurrá-lo. Estava assustada!

Rod abriu os olhos e surpreendeu-se com a expressão de pânico que viu em seu rosto juvenil.

Com voz rouca, disse:

— Você ainda precisa crescer. Sou velho demais para uma garota da sua idade.

Com esforço, afastou da mente a lembrança de que, na mesma idade, Salty casara-se com uma mulher vinte anos mais jovem. E ele era apenas quatorze anos mais velho que Cindy.

Ela estava tão chocada, que não disse nada. Jamais encontrara um homem que a controlasse, e a força do desejo de Rod a assustara.

Lentamente, ele a deixou afastar-se de seu corpo relutante e faminto. Depois virou-a e levou-a até a porta.

— Aprenda a cuidar melhor de você — aconselhou.

Cindy partiu com passos incertos e ele percebeu que seu corpo estava em chamas.

Era estranho. Uma necessidade tão intensa era própria de homens mais jovens! Vivera entorpecido por quase oito anos, desde que Cheryl começara a comportar-se de maneira estranha, e agora seu corpo estava despertando novamente. A velha e conhecida lebre voltava a fazê-lo arder. Droga! Quando resolvia um problema, surgia outro.

Mandara trocar as fechaduras de todas as portas, porque sabia que Cheryl possuía uma cópia da chave. Ela... e provavelmente metade da vizinhança. Patrícia Ullick foi a única a receber uma nova cópia, por medida de segurança. Se a casa pegasse fogo, ela poderia abrir a porta para facilitar o trabalho dos bombeiros.

Portanto, estava seguro.

Havia encontrado Pat uma vez, mas estava tão ocupado com a renovação da oficina que limitara-se a cumprimentá-la com um aceno rápido.

Terminadas as reformas na loja, Rod passou a usar o computador do escritório com freqüência cada vez maior. Operava o programa simples com confiança e uma agradável sensação de competência, alimentando o sistema com problemas e obtendo soluções rápidas sem nenhum esforço. A máquina trabalhava por ele.

Certo dia, um dos funcionários entrou no escritório e perguntou:

— Posso conversar com você?

— E claro que sim, Pedro — Rod respondeu, virando-se para o empregado e deixando o computador trabalhar sozinho. — Sente-se. Qual é o problema?

Pedro sentou-se na beirada da cadeira diante da mesa do chefe, e era óbvio que não estava a vontade.

— Bem, é que... Minha esposa e meu filho mais velho gostariam de ver o que fizemos aqui. Contei algumas coisas sobre as mudanças, e eles ficaram curiosos. Acha que eu poderia trazê-los para uma visita?

— É claro que pode!

— Obrigado. Sabia que não haveria problemas, mas achei melhor pedir permissão.

— Traga sua família quando quiser. Seria melhor que viessem depois do expediente, porque as máquinas ficam desligadas e a visita seria mais segura.

— Tem razão — ele sorriu, levantando-se para partir.

Pedro já estava alcançando a porta, quando Rod pediu:

— Espere um minuto.

— Algum problema?

— Não... Sente-se novamente. Gostaria de pedir alguns conselhos.

Pedro voltou sobre os próprios passos e acomodou-se na mesma

cadeira, mas desta vez parecia mais confiante.

— Sobre o que quer falar? — perguntou.

— Eu estive pensando... O que acha de abrirmos a loja para as famílias de todos os'funcionários? Acho que todos gostariam de mostrar o lugar onde trabalham.

— Perfeito!

Um comitê foi formado para cuidar dos preparativos, e um dos funcionários, o mais novo na loja, ofereceu-se para levar algumas fitas que, segundo ele, eram muito melhores do que as que ouviam diariamente.

Alguns protestaram, mas em função da presença de Angie, a única mulher na oficina, e de Twila, a secretária de Rod, os protestos foram comedidos e cuidadosos. Uma das vantagens de contratar mulheres era que os rapazes sentiam-se obrigados a moderar o vocabulário. Twila sequer notava o esforço dos colegas, mas Angie lutava para conter o riso.

Rod contratara Angie porque Jo, a esposa de seu irmão, sempre fora uma boa mecânica. A princípio Angie tivera dificuldades de adaptação, mas agora era tão boa profissional quanto qualquer um dos rapazes. Suas mãos cabiam em espaços reduzidos, onde os homens tinham dificuldade de trabalhar, e era mais quieta e compenetrada que todos os colegas. Com as novas máquinas, ninguém mais precisava contar com a ajuda de alguém mais forte para apertar ou afrouxar parafusos e peças.

Quem Angie traria para visitar a loja? Um namorado? Um irmão? Era a primeira mulher que despertava a curiosidade de Rod nos últimos anos. Era solteira, mas ele não sabia se morava com alguém ou mantinha um relacionamento mais sério.

Talvez pensasse em si mesma como um homem. Escolhera um trabalho masculino, e a opção podia ser um indicação de suas escolhas afetivas. Olhando para o corpo escultural e feminino, Rod esperou estar enganado.

O dia da visita foi perfeito.

— Eu não sabia que era tão bom na limpeza — Rod brincou, dirigindo-se a um empregado.

Sam riu e apresentou o chefe à esposa e aos filhos.

Aproveitando a idéia da lista de vizinhos prestativos que Pat fizera, Rod analisara as fichas dos empregados e descobrira os nomes de suas esposas e filhos. As crianças ficavam encantadas quando o chefe do pai as chamava pelo nome correto, e sentiam-se importantes e conhecidas.

Mas, o que mais o deixou satisfeito, foi notar o orgulho dos rapazes ao mostrar o local onde trabalhavam e ganhavam o sustento da família.

Angie havia levado os pais e um belo rapaz, que passou o tempo todo segurando sua mão.

Depois do sucesso da visita familiar, Rod e os funcionários decidiram promover um evento similar para os clientes e fornecedores. Fizeram uma lista de convidados e acrescentaram diversos fregueses em potencial, como uma companhia de táxis e uma empresa de aluguel de automóveis.

Pat Ullick também recebeu um convite para a visita à loja.

Um número impressionante de pessoas compareceu no dia marcado para a visita, mas o serviço de bufê já havia previsto um número excedente de visitantes e prevenira-se para a eventualidade. O evento foi perfeito, e todos pareciam bastante satisfeitos.

Rod estava conversando com Angie, quando notou que Pat o observava de maneira insistente. Encerrou a conversa e foi ao encontro da vizinha, mas uma cliente parou para cumprimentá-lo e ele a perdeu de vista. Graças à inteligência de Twila, que sugerira o uso de crachás de identificação para os convidados, Rod soube que a cliente ruiva chamava-se Glenna Madison. Podia tê-la cumprimentado usando o primeiro nome, mas preferiu dizer:

— Oh, olá, raiva.

Rod sabia que Glenna era viúva. O marido fora convocado para a guerra no Golfo Pérsico e morrera na explosão de uma mina após o término oficial do combate. A notícia comovera toda a cidade, e desde então ela vivia sozinha.

Rod era casado com Cheryl, e jamais conseguira livrar-se dos valores morais que Salty e Felícia haviam ensinado a todos os filhos. Por isso, a ruiva sempre estivera além do seu alcance. Mas agora a via de outro ângulo. Eram

duas pessoas adultas e livres...

Glenna sempre conseguia conversar com Rod quando levava o carro para algum reparo, e jamais deixava de fazer um comentário mais picante. Flertava abertamente, e agora ele estava pronto para participar do jogo de sedução. Conversaram muito, riram, e ele a encorajou a ficar na loja até que a festa terminasse.

— Não posso ficar até muito tarde. Amanhã terei um dia muito ocupado — ela disse, atenta às reações que provocava.

— Algumas horas não vão prejudicar suas tarefas.

— Tive um dia cheio, e ainda não jantei.

— Por que não disse antes? Venha comigo. Vamos ver se encontramos algo apetitoso no bufê. Temos coisas realmente maravilhosas, como... presunto e queijo? Macarrão?

— Estou de dieta.

Rod deixou os olhos deslizarem pelo corpo perfeito e perguntou:

— Por quê?

Glenna riu, e Rod sentiu um arrepio delicioso percorrer sua pele.

Disposto a retê-la até o final da festa, apanhou um prato e encheu-o com guloseimas.

— Ei, não sou nenhuma estivadora! — ela protestou, sorrindo com malícia e fitando-o com olhos brilhantes.

— Vamos dividir a porção — Rod sugeriu, flertando como jamais fizera.

E Pat assistia a tudo com atenção.

Rod não a convidou para ir à sua casa naquela noite. Glenna estava de carro, mas ele fez questão de segui-la e esperou até que ela entrasse e fechasse a porta.

Rod despediu-se com um beijo. Ela beijava como Cindy, ou sua sensibilidade excessiva o fazia imaginar coisas?

Cuidadoso, voltou para o carro com passos silenciosos e planejou a estratégia de sedução durante o trajeto para casa. Quando?

As vizinhas apreciaram tanto as flores que enviara com as travessas vazias, que ele decidiu mandar um ramalhete idêntico para Glenna, em seu escritório.

Ela telefonou para agradecer, e sua voz parecia mais quente que nunca. Rod não cortejava uma mulher há muito tempo, e por isso não tentou marcar um encontro para aquela noite. Apesar do corpo impaciente e faminto, preferia agir à moda antiga.

Mais alguns dias se passaram, e Glenna dava sinais cada vez mais claros de seu interesse. Mas Rod preferia esperar. Ela o ajudou a organizar a festa para os vizinhos, uma maneira de agradecer a ajuda que recebera de todos, e também participou do evento, apesar de não fazer parte da vizinhança.

Comportaram-se de maneira discreta, e Rod achava que ninguém havia notado nada. Mas, com o passar do tempo, os olhos passaram a buscar-se com mais freqüência, os sorriso tornaram-se mais constantes... e ele foi obrigado a reconhecer que ninguém era bobo.

O simples fato de tê-la convidado para uma festa restrita à vizinhança já era quase um anúncio. Sabia que não era muito bom na arte da dissimulação, mas também não estava muito preocupado com disfarces.

Gostava do jogo de sedução, das provocações silenciosas e dos arrepios que o percorriam de quando em quando. Passara anos entorpecido, e era maravilhoso sentir-se vivo novamente.

Sabia que naquela noite teria Glenna em seus braços.

A distração do anfitrião tornou-se o principal comentário dos vizinhos, que divertiam-se com a situação. Todos haviam ficado encantados ao serem recebidos e tratados por seus nomes.

Rod conseguira memorizar a lista de Pat, e não foi difícil associar as características físicas de cada um com os sinais de identificação que ela acrescentara aos nomes. Todos os vizinhos foram apresentados a Glenna, inclusive Patrícia Ullick.

Ao cumprimentá-la, Rod comentou:

— Reconheci George pelos dentes.

— Pelo aparelho nos dentes, você quer dizer — ela respondeu com ar sério.

Pat providenciara um financiamento para o tratamento dentário, mas George sempre havia pensado que o ortodontista o tratara gratuitamente, interessado apenas na oportunidade de pesquisar e aprimorar seus conhecimentos profissionais. Era realmente uma mulher esplêndida.

Ainda era cedo quando Rod sentiu sua falta. Onde teria ido? E por que partira sem sequer despedir-se?

Mas Glenna ainda estava lá, sorrindo e mordendo os lábios cada vez que o fitava.

Finalmente os vizinhos se foram e Glenna o ajudou com o trabalho de limpeza.

Depois de quase duas horas, ela anunciou:

— Pronto. Está terminado.

— Ainda não.

— Não? — ela sorriu. — Esqueci alguma coisa? O quê?

— Eu.

Glenna riu e Rod estendeu a mão.

— Venha comigo.

E o convite foi aceito de imediato.

Depois de apagar as luzes da cozinha, ele a levou para o quarto e percebeu que não precisaria sequer encorajá-la. Glenna o seguia até com certa ansiedade.

No quarto, Rod beijou-a e abraçou-a com força, mantendo-a colada ao corpo e fazendo-a sentir os músculos firmes de seu peito ofegante. Em seguida pousou uma das mãos em seus quadris e puxou-a, mostrando o quanto a queria.

O beijo tornou-se mais quente e profundo, e Rod abriu a camisa. Em seguida abriu o zíper do vestido de Glenna e puxou-o lentamente para baixo, expondo a metade superior de seu corpo. Abraçou-a novamente, e deliciou-se com a pele quente e macia cm contato com a sua. O beijo aprofundou-se ainda mais e os dois perderam o contato com o mundo real, atentos apenas às sensações deliciosas que experimentavam.

Glenna gemeu de prazer e o som o enlouqueceu. Transtornada, inclinou a cabeça para trás e ofereceu os seios.

— Oh, Sidney... Há quanto tempo...

Sidney?

Rod sentiu-se paralisar.

Glenna continuava gemendo e sussurrando, absolutamente excitada e pronta para entregar-se, mas ele havia esfriado.

Sidney devia ser o nome do marido que ela perdera. Estava usando outro homem para tentar recapturar a essência de um homem morto. E ele estava sendo usado!

Firme, Rod segurou-a pelos ombros e a fez afastar-se um pouco, de forma que pudesse ver seu rosto. Glenna precisava de um homem... e ele era um homem.

Podia lhe dar tudo o que precisava, e estaria até fazendo uma boa ação. Era o que as pessoas chamavam de consolar a viúva. Os homens sempre ofereciam-se para esse tipo de conforto. Usavam mulheres sozinhas e tristes com o pretexto de estarem ajudando as pobrezinhas a superarem o trauma da viuvez.

Mas Rod sabia que não seria capaz de algo tão baixo e cruel. Queria fazer amor com uma mulher, mas não tinha a menor intenção de ser um substituto para a imagem de outro homem.

— Sidney era seu marido? — perguntou.

Glenna abriu os olhos e percebeu o que havia feito.

— Oh, Rod! Desculpe!

— Está tudo bem — e abraçou-a de maneira carinhosa, limitando-se a confortá-la.

O desejo de antes desaparecera por completo.

— Por favor...

— Não, Glenna. Você deve ter amado seu marido intensamente, e ainda não superou a dor da perda. Precisa esperar mais um pouco. O que está sentindo é apenas uma espécie de fome, e ficaria embaraçada depois de saciá-la. Não faça mais isso.

— Você é muito antiquado.

— Provavelmente. Fui criado desta maneira, e aprendi que um homem deve respeitar as mulheres.

— Qual é o problema? Nós dois somos viúvos. Por que não podemos nos consolar? Eu quero você.

— Quando eu fizer amor com uma mulher, não quero que ela me veja como um substituto.

— Foi um deslize.

— Se ainda o deseja a ponto de chamá-lo sem sequer perceber, ele deve ter

sido um homem e tanto!

— Ele era — Glenna admitiu, recolocando o vestido.

— Como aconteceu? Soube que seu marido morreu quando a guerra já havia terminado. Ele desceu do jipe para ajudar alguém e tropeçou na mina?

— Sim — e virou-se de costas, incapaz de encará-lo.

— Deve ser horrível perder alguém desse jeito.

— Tem razão.

— Você ainda não superou a dor de tê-lo perdido, não é?

— Oh, não! Ainda sinto a falta dele, Rod! Gostaria de tê-lo de volta!

— Existem grupos de apoio para pessoas com dificuldades de superar a morte de um ente querido. Por que não procura ajuda? Se continuar agindo como agora, vai acabar provocando sofrimento e tumultuando a vida de alguém sem querer. Eu corri o risco de me apaixonar... Você precisa de ajuda.

— Pensei tê-la encontrado esta noite.

— Você estava apenas me usando, e poderia me destruir sem perceber.

— Talvez não.

— Nós decidimos ficar juntos pelos motivos errados.

— O que há de errado em buscar satisfação para uma necessidade? Você também precisa disso. Deve sentir falta de sua esposa como eu sinto de Sidney.

— As circunstâncias eram diferentes. Nós não vivíamos como marido e mulher há muito tempo, e depois de reencontrar a liberdade, descobri que minha libido é como a de uma rapaz de dezenove anos. E uma necessidade física. Eu também estava usando você.

— E daí?

— Eu sinto que este não é o caminho para nenhum de nós.

— Caminho? Você fala como se sexo fosse uma peregrinação.

Ele riu:

— Quem sabe? Talvez seja realmente.

Terminaram de vestir-se e voltaram para a cozinha. Fizeram um lanche rápido e foram sentar-se na sala de estar, onde conversaram até às três horas da madrugada. Glenna era encantadora, e Rod gostava de sua companhia.

— Preciso ir — ela anunciou. — Você é um homem maravilhoso.

— Mas não sou Sidney.

— Ninguém é.

— Fico feliz por ter percebido. Acho, que este é o primeiro passo para superar a dor e recuperar o controle sobre sua vida.

— Você sonha com sua esposa?

Então ela também havia sonhado com Sidney.

— Quando voltei para casa, depois de visitar minha família, cheguei a acreditar que o espírito de Cheryl havia vindo me visitar. Ela estava como quando nos conhecemos, e foi uma despedida doce e calma.

— Eu não consigo esquecer meu marido.

— Acha que ele quer ser esquecido?

— Não sei.

— Você precisa conversar com alguém que possa lhe dar alguns conselhos.

— Falar com você me ajudou bastante.

— Mas eu não tenho as respostas que procura.

— Mas me ouviu, foi atencioso e... Bem, obrigada por tudo. Qualquer outro homem teria ficado ofendido.

— Você é uma boa mulher.

— Eu sei. Boa noite.

— Vou acompanhá-la até sua casa. Só para ter certeza de que chegou bem.

— Nos veremos novamente?

— Vamos deixar o tempo decidir, está bem?

— É uma decisão sensata.

CAPITULO IV

No sábado, Pat estava no jardim quando Rod chegou da loja. Ele estacionou o carro e aproximou-se para cumprimentá-la, e surpreendeu-se com a resposta evasiva e o comportamento frio e distante.

— Você está bem? — perguntou preocupado.

— Sim.

— A cabeça ainda está incomodando? — insistiu, lembrando-se do acidente de carro que ela sofrerá meses antes.

— Não.

Por alguma razão, Pat preferia manter uma certa distância entre eles.

— Já recebi os folhetos de divulgação do piquenique da associação Quatro de Julho.

Ela não respondeu.

— Você vai ao piquenique?

— Não sei.

— Pat, qual é o problema? Fiz alguma coisa que a ofendeu? Está aborrecida comigo?

— Não.

— Patrícia...

Ela continuou cuidando das flores, sem sequer levantar a cabeça para encará-lo.

— Tem certeza de que não há nada errado?

— A festa que organizou para os vizinhos foi ótima. Sentindo que ela começava a interessar-se pela conversa, Rod aproveitou a oportunidade:

— As pessoas ajudaram a preparar tudo na garagem, e foi realmente muito divertido. Na verdade, não participava de uma lesta há anos.

— Que bom.

Rod hesitou, notando que ela persistia no comportamento distante. Não sentia-se no direito de pressioná-la, mas precisava saber a razão de uma mudança tão brusca. Por que tanta frieza? Talvez estivesse aborrecida com alguma outra coisa, ou apenas indisposta.

Com tom suave, Rod agradeceu:

— Obrigado pela idéia da festa para os vizinhos. Foi genial.

Pat afirmou com a cabeça e continuou cuidando do jardim.

Ele esperou por alguns instantes, mas foi inútil. Ela permanecia em silêncio.

— Bem, nos vemos depois.

— Até logo.

Era estranho, mas de repente Rod teve a impressão de que a despedida, além de formal, podia ser definitiva.

Depois de rejeitar as atenções generosas de duas mulheres e ser ignorado pela melhor vizinha, sentia-se mais isolado e deprimido que nunca.

Olhando-se no espelho do banheiro, pensou em tudo o que vivera durante o breve período de viuvez. Assustara uma jovem sensual e provocante e quase transformara-se em substituto para um marido morto na guerra. Se não tomasse cuidado, acabaria sem nenhuma auto-estima.

O trabalho o distraía bastante, mas os dias eram todos iguais, sem desafios ou novas propostas que pudessem estimulá-lo. Seria ótimo ter de enfrentar uma crise de qualquer tipo, desde que ela o absorvesse. O excesso de tempo livre o deixava melancólico, e estava começando a sentir pena de si mesmo.

Julho chegou depressa, e a associação do bairro uniu-se a outras Ires entidades para promover as comemorações da Independência. Uma parte do parque foi isolada para a queima de fogos de artifício, e a prefeitura os prevenira sobre a necessidade de um seguro contra incêndios e um comunicado oficial ao corpo de bombeiros.

As associações brigavam pelo mesmo espaço a cada ano, e o comitê trabalhava nos preparativos desde o quatro de julho anterior. Encomendaram comida para um batalhão, planejaram brincadeiras e jogos para as crianças e, como sempre, prepararam o espetáculo com os fogos.

Rod fora convidado para a festa por um panfleto que alguém deixara em sua porta, e já havia decidido comparecer. No dia marcado, bateu na porta de Pat para verificar se ela gostaria de acompanhá-lo, mas não havia ninguém em casa.

Dirigiu-se ao parque sozinho, carregando sua contribuição para a festa, bandeiras coloridas que recortara durante a última semana, e uma cadeira portátil. Todos preferiam ir ao parque a pé, porque estacionar era sempre um grande problema e as pessoas envolvidas na organização moravam perto do local determinado.

Apesar da multidão, Rod foi reconhecido e cumprimentado por diversos clientes da loja que, depois da visita organizada, julgavam-se íntimos e especiais. De repente sentia-se como integrante de um grupo, e isso era bom. Satisfeito, decidiu sentar-se junto de duas famílias que moravam em sua rua.

Cindy acenou e sorriu ao vê-lo, mas manteve-se afastada e comportou-se

de maneira discreta.

Rod já havia procurado por Pat em todos os lugares, e pouco antes do espetáculo de fogos de artifício, concluiu que ela decidira não comparecer. Onde estaria?

Na semana seguinte, Rod passou a voltar para casa mais cedo por causa do calor sufocante, e certo dia encontrou Pat no jardim, cuidando de suas plantas.

Só então percebeu o quanto havia procurado por ela e sentido sua falta. Era a primeira vez que a via desde que Patrícia o tratara com tanta frieza.

Cansado e suado, Rod saiu do carro e espreguiçou-se, tentando aliviar a tensão nos ombros e braços. Estava exausto, e precisava de um sorriso amigo.

Decidido, caminhou até o jardim de Pat. Ela permaneceu abaixada, os olhos fixos nas flores, e não deu nenhum indicação de ter percebido sua presença, apesar do barulho do carro. Por que estava tão aborrecida? O que ele havia feito de tão grave?

— Olá, Pat.

— Olá.

Franzindo a testa, Rod tentou encontrar um assunto que pudesse despertar seu interesse e, finalmente, perguntou:

— Está plantando, ou removendo?

— Acrescentando fertilizante.

— Ahhh...

Esperou durante alguns instantes, mas ela não disse nada.

— Você está bem?

— Sim, obrigada.

Nenhum sorriso, nenhum gesto de simpatia ou amizade.

— Fiz alguma coisa que não devia? Não a vi no piquenique da Independência, e você não fala comigo desde o dia da festa para os vizinhos. Aconteceu alguma coisa? Por que saiu tão cedo, e sem despedir-se?

— Porque ninguém precisava de mim.

-— E você precisa sempre sentir que é necessária? Não pedi sua ajuda porque tive receio de abusar da sua bondade, e acho que nunca serei capaz de agradecer tudo o que já fez por mim.

— Não precisa agradecer.

— Recebeu alguma notícia ruim? Está enfrentando alguma dificuldade? Sabe que pode contar comigo para o que for necessário, não é? Meu Deus, Pat, estou em débito com você até o fim da vida.

— Você não me deve nada. Cheryl era uma amiga de infância, e fiz tudo o que pude para ajudá-la. Foi por ela.

— Mesmo assim, eu também fui beneficiado. E quero que saiba que, sem sua colaboração, Cheryl não poderia ter ficado cm casa. Eu não teria sido capaz de cuidar dela, e a teria internado numa clínica especializada. Você a ajudou, e eu sou grato por isso. Se eu puder retribuir de alguma forma, não hesite em me procurar.

Pat fitou-o rapidamente e voltou a baixar os olhos, fixando-os nas luvas de borracha.

— Algumas coisas não podem ser solucionadas.

— Que coisas? — ele abaixou-se, tentando uma aproximação. — Por favor, diga o que a aflige. Sempre existe uma solução. Tenho mais dinheiro do que preciso, sou forte e saudável, e conheço um excelente advogado. Isso cobre qualquer tipo de problema. Em que categoria está enquadrada a resposta para o seu caso?

— Vou vender minha casa.

— Vender? — Rod surpreendeu-se. — Por quê?

— Porque vou me mudar para outro lugar.

— Mas... por quê?

Ela hesitou durante alguns instantes e Rod esperou, apesar da impaciência.

— Eu... estou aborrecida.

Com um sorriso divertido, ele sugeriu:

— Podemos procurar outra mulher doente para ocupar seu tempo.

Pat abaixou a cabeça e olhou novamente para as mãos enluvadas. Sentindo que fizera um comentário de mau gosto, Rod desculpou-se.

— Sei que não é engraçado. Desculpe, não quis ser inconveniente. Só estou tentando encontrar uma maneira de ajudá-la! Afinal, qual é o problema?

Podia sentir seu desconforto. Por que estava tão aflita? Sempre fora confiante, serena, e de repente parecia profundamente perturbada, como se algo

sério estivesse acontecendo em sua vida.

Em voz baixa, tentando demonstrar simpatia e solidariedade, Rod afirmou:

— Seja o que for, deve haver uma solução. Por que não me deixa ajudar? Não sabe como seria maravilhoso ter uma oportunidade de retribuir tudo o que fez por mim e por Cheryl.

Pat encarou-o. Como poderia dizer que ele era o grande problema? Não seria capaz de seguir vivendo a seu lado, ouvindo seu carro entrando e saindo da garagem e vendo as luzes se acenderem em sua casa, sabendo que havia outra mulher além daquela porta fechada. Na noite da festa, vira quando ele apagara as luzes da cozinha e, segundos depois, acendera a do quarto.

Ficara sentada junto à janela, observando e sofrendo, até que, por volta das três da madrugada, ele acompanhara aquela mulher até o carro e depois entrara no seu para segui-la. Desesperada, havia permanecido no mesmo lugar e o vira voltar sozinho, e depois soubera quando, ao apagar todas as luzes, ele havia ido para a cama. Satisfeito.

Passara o resto da noite acordada, deixando-se consumir pelos ciúmes e pelo orgulho ferido, e na manhã seguinte, lembrando-se do próprio comportamento, assustara-se e fizera várias censuras em voz alta, dizendo a si mesma que estava sendo tola, ridícula e infantil.

— É um homem?

Pat foi arrancada subitamente de suas reflexões e, sobressaltada, gaguejou:

— O quê...? Por quê?

— Bem, porque... Se o problema é esse, acho que posso compreender. Lembra-se de Glenna? Pensei que ela estivesse ardendo de desejo por mim, mas então nos beijamos e ela me chamou de Sidney.

Pat ficou em silêncio, fitando-o com ar perplexo.

Rod prosseguiu com a história.

— Sidney era o nome do marido de Glenna. Lembra-se dele? Morreu no Golfo Pérsico. Foi uma daquelas tragédias idiotas e absurdas. A guerra já havia terminado e ele tropeçou numa mina.

— Eu me lembro.

— Passamos a noite toda conversando sobre o assunto.

Conversando?

— Eu disse a Glenna que devia procurar ajuda. Conhece algum grupo de apoio para pessoas com esse tipo de problema? Você também perdeu marido. Como conseguiu superar a dor?

— Foi diferente. Meu marido estava doente há muito tempo, e para ele a morte trouxe o alívio da libertação. Foi muito parecido com o que aconteceu com Cheryl.

— Desculpe, mas não consigo recordar... Ele também sofria de algum distúrbio mental?

— Não, infelizmente. Esteve consciente durante todo o tempo.

— Não queria fazer você lembrar de coisas tão tristes...

— Fred era um bom homem, e ainda sinto um grande afeto quando me lembro dele. Mas era muito mais velho que eu e...

— Nós nunca falamos sobre seu marido, não é?

— Não. Enquanto Cheryl estava viva, eu não tinha tempo para lembrar o passado. Ajudá-la foi muito bom para mim.

— Não sabe como isso me deixa aliviado. Durante muito tempo, me senti culpado por tê-la deixado cuidar de tudo sozinha.

— Eu ajudei porque quis, lembra-se? Ninguém me pediu nada.

Rod levantou-se devagar, sentindo o corpo dolorido.

— Eu ganhei mais uma caçarola de Ellen, aquela vizinha simpática que mora do outro lado da rua. Não quer jantar comigo?

Pat havia notado o cansaço estampado em seu rosto e, prestativa, sugeriu:

— Não gostaria de nadar um pouco? Os Abbot têm uma piscina em casa, e eu poderia telefonar para eles e avisar que vamos dar um mergulho. Eles sempre convidam toda a vizinhança. Depois jantaremos em sua casa.

— E depois você dirá a Ellen Cornwell como a caçarola estava deliciosa? — ele brincou.

— Vou dizer a ela que você ficou impressionado e comentou alguma coisa comigo.

— Escolha as palavras com cuidado, porque ela não é uma boa cozinheira e pode .perceber alguma coisa.

— Eu também não sou.

— Não? Bem... algumas mulheres não precisam saber cozinhar.

Pat ficou vermelha e esboçou um sorriso, recuperando o antigo brilho nos olhos azuis.

— Esta é a Pat que eu conheço — Rod sorriu.

Sem dizer mais nada, Patrícia foi telefonar para os Abbot e avisou que estavam a caminho.

Encontraram-se pouco depois no jardim de Rod, ambos carregando toalhas e vestindo camisetas e shorts por cima dos trajes de banho.

Merle Abbot estava ansiosa para ver o vizinho viúvo em sua piscina, mas preferiu permanecer dentro de casa. Com um sorriso simpático, desculpou-se:

— Infelizmente não posso acompanhá-los no mergulho. Estou preparando a festa de Halloween das crianças da quarta série, e é difícil pensar em bruxas e abóboras nesta época do ano.

Merle voltou ao trabalho e os dois ficaram sozinhos na piscina.

A água estava morna, e divertiram-se como duas crianças alegres. Conversaram, apostaram corridas e riram das brincadeiras que inventavam.

Depois de algum tempo, mais relaxados e contentes, saíram da piscina e foram enxugar os cabelos com as toalhas que haviam levado. Depois vestiram-se, despediram-se da dona da casa e partiram.

Merle teve de afastar-se da janela às pressas para que a resposta não soasse muito próxima.

Caminharam pelas ruas da vizinhança conversando como velhos amigos, e Pat foi para sua casa para tomar banho e mudar de roupa, enquanto Rod colocava a caçarola no forno. Ele também tomou banho, vestiu um short confortável e uma camiseta velha, e decidiu ficar descalço.

Pat também vestia camiseta e short, e também preferira ignorar os sapatos. Andara espionando o vizinho pela janela do quarto, e por isso vestira-se como ele. Carregava uma travessa de salada de frutas frescas, pães caseiros e uma garrafa de vinho, sua contribuição para o jantar improvisado.

Rod aceitou a garrafa e, lendo o rótulo, exclamou:

— Você é a mulher mais elegante que já conheci!

A caçarola estava deliciosa, os pães crocantes foram aquecidos no forno e o vinho era magnífico. A companhia era simplesmente perfeita e, mais uma vez,

conversaram como velhos amigos.

O tempero italiano da comida serviu como ponto de partida para a conversa, e os dois falaram sobre os pratos típicos da Itália que conheciam e apreciavam. Isso os levou a discutir outros grupos étnicos, seus hábitos alimentares e suas tradições. Cada um tinha suas histórias a respeito do assunto. As de Rod eram sempre engraçadas, cheias de humor e piadas, e as de Pat sempre enfocavam pessoas que haviam conseguido vencer suas dificuldades.

— Eu não ficaria surpreso se descobrisse que você é uma espécie de samaritana — ele comentou, servindo mais vinho para os dois.

A temperatura caíra um pouco com o anoitecer, e Rod providenciou suéteres e um par de meias para ela. Continuaram conversando, surpresos com o fato de estarem realmente começando a se conhecer depois de morarem lado a lado durante oito anos. Falavam muito, mas não revelavam idéias, opiniões ou experiências pessoas. Rod sentia-se diante de uma estranha, mas ela tinha impressão de conhecê-lo profundamente.

Ele perguntou:

— Como podemos convencê-la a desistir de mudar-se para longe daqui? A vizinhança nunca será a mesma sem você.

— Ainda não encontrei outra casa, mas vou visitar uma na sexta-feira.

— Vou com você.

— Eu... bem, é muita gentileza.

— A que horas pretende sair?

— As sete.

— Jantaremos juntos depois de conhecermos a casa, se for conveniente para você.

— Seria... maravilhoso.

Finalmente interromperam a conversa para colocar os pratos na lavadora automática. As sobras da caçarola haviam permanecido muito tempo fora' do refrigerador, e Rod decidiu jogá-las no lixo.

— Quer uma xícara de café? — ofereceu.

— Não, obrigada.

— Infelizmente não tenho nenhuma sobremesa.

Não? Por que não oferecia ele mesmo para a sobremesa? Gostaria de

provar o sabor dos beijos com os quais havia enlouquecido Glenna, roubando seu equilíbrio a ponto de fazê-la pronunciar o nome do marido sem perceber. Como uma mulher podia pensar em outro homem estando naqueles braços?

Durante os breves instantes de silêncio, Rod concluiu que Pat precisava de um pouco da ousadia de Cindy. Por que não o jogava sobre o chão limpo da cozinha e o cobria de beijos?

— Foi uma noite muito agradável — Pat comentou. — Obrigada.

— Obrigado pelo mergulho. Adorei sua companhia. O que acha de repetirmos a dose? Quantas vezes podemos nadar na piscina dos Abbot sem aborrecê-los?

Pat virou-se, temendo dizer alguma coisa idiota como, todas as noites. Em vez disso, respondeu:

— Não sei, mas vou perguntar a Merle.

Notando o retraimento súbito, Rod disse a si mesmo que tinha de ir com calma. Aquela era Pat, uma mulher séria e tímida, absolutamente diferente de Cindy e Glenna, e acabaria perdendo a chance de tê-la em seus braços se não fosse mais devagar.

Afinal, em que estava pensando? Ir com calma? Ir mais devagar? Pat não era um objeto disponível para atender as conveniências de um homem solitário! Estaria disposto a tratá-la com a seriedade que ela certamente exigiria?

Tinha de pensar no assunto.

Na sexta-feira Rod levou-a para ver a casa, mas a vendedora insistia em falar mantendo os olhos fixos em seu rosto.

— Eu não sou o comprador — ele disse depois de alguns minutos, sentindo-se constrangido.

A corretora passou a dar mais atenção a Pat, mas ainda o fitava rapidamente de vez em quando, incapaz de esconder o interesse. Finalmente perguntou:

— Você está no mercado?

Não sabia a que mercado ela referia-se, mas optou pela resposta mais segura.

— Não.

Rod examinou cada recanto da casa, abrindo e fechando portas, testando a

parte elétrica e verificando o estado de conservação de armários e janelas.

A corretora insistiu em lhe dar um cartão, mesmo depois dele protestar e dizer que não estava procurando nenhum imóvel, e Rod foi obrigado a retribuir a gentileza deixando um cartão da loja.

Quando entraram no carro, ele não esperou muito tempo para emitir sua opinião.

— Esta casa é um horror. Você teria de fazer uma reforma completa em menos de um ano. Colocaram papel de parede sobre o revestimento de gesso, a fiação está em péssimo estado de conservação e o encanamento é velho.

— Como conseguiu descobrir tudo isso?

— Olhando. Vamos ter de procurar outra casa.

Pat não era tão ingênua a respeito do assunto, e sabia que ele estava mentindo. As paredes da casa eram sólidas, o piso era de madeira de boa qualidade e o encanamento não apresentava nenhum problema. Os proprietários haviam feito uma reforma completa há menos de dois anos, e contrataram uma empresa de prestígio e tradição para realizar o serviço.

Mas ele insistia em apontar defeitos que não existiam, e parecia disposto a persistir na idéia de acompanhá-la na busca. Por quê? Seria uma forma de convencê-la a não se mudar?

Apesar da súbita onda de esperança, Pat conseguiu conter-se e manter o controle.

— Você é muito atencioso — disse, aceitando o jogo interessante.

— É o mínimo que posso fazer.

Na terça-feira seguinte, voltaram a nadar na piscina dos Abbot, e na quinta foram mais cedo de forma que pudessem dar alguns mergulhos antes da chegada das pessoas que o casal convidara para jantar.

Na sexta-feira, foram visitar outra casa e Rod comentou:

— Não é uma vizinhança muito segura.

— Mas olhe só para estes quartos!

— Não pode morar num bairro onde não existe segurança.

— Este lugar é elegante, Rod!

— Era!

Depois da visita, foram jantar num restaurante aconchegante e agradável perto do centro da cidade. Era um lugar pequeno, e tiveram de esperar pela mesa no bar, onde saborearam um drinque.

Durante o jantar, Pat falou sobre pratos elegantes e sofisticados, enquanto Rod ouvia com ar encantado, como um plebeu que, pela primeira vez, entrava no mundo de uma princesa.

Ele havia descoberto o restaurante, e os garçons o cumprimentavam com sorrisos e acenos, como se o conhecessem há algum tempo.

Naquela noite, Rod despediu-se de Pat com um beijo profundo e demorado. Tomou todo o cuidado para não chocá-la, como havia acontecido com Cindy, mas depois das despedidas ela havia sido obrigada a mudar de roupa e ir correr pelo parque para acalmar-se. A única dificuldade que tivera explicar sua presença aos policiais de plantão.

Na segunda-feira seguinte foram novamente à piscina dos Abbot, e Rod comentou:

— Todas as piscinas ficam fechadas nas segundas-feiras. Seus amigos são liberais.

— A água precisa ser tratada, mas eu prometi que nós cuidaríamos disso antes do nosso mergulho.

— Você prometeu? E quem disse que eu sei alguma coisa a respeito do assunto?

— Nunca cuidou de uma piscina?

— Não.

— Como aprendeu a nadar?

— No rio Cuyahoga.

— Que horror! Não é aquele rio poluído por substâncias químicas de diversas indústrias? Dizem até que pegou fogo!

— O rio não era poluído quando eu aprendi a nadar. Além do mais, minha família é de Temple, ao sul de Cleveland, e lá nunca houve poluição de espécie alguma.

— Mas um rio que pega fogo é realmente intrigante! E contraditório. A notícia de que o corpo de bombeiros havia sido mobilizado por um incêndio deste tipo chamou a atenção de todo o país.

— E verdade. Como conseguiu lembrar o nome do rio?

— Eu tenho crises de insônia, e me ocupo com assuntos estranhos quando não consigo dormir.

Juntos, limparam os ladrilhos da piscina dos Abbot, cuidaram do filtro e trataram da água antes de mergulharem.

Merle havia dito que a casa estaria vazia, e Rod sugeriu que nadassem nus.

— Que horror! De onde tirou uma idéia tão indecente? Estou chocada! — Pat respondeu.

— Por quê? Não seria muito diferente de usar um maiô que, afinal, é só uma segunda pele. Eu não ficaria surpreso.

— Mas eu ficaria!

— Você não tem senso de humor — e beijou-a.

Voltaram para casa de mãos dadas, e o beijo de despedida

provocou um verdadeiro incêndio no corpo de Pat.

A terceira casa que visitaram também não conseguiu corresponder aos padrões de exigência de Patrícia Ullick. O corretor tentava provar as vantagens da construção antiga, mas ela disse que não daria sequer um dólar por aquela espelunca. E desta vez, Rod não precisou sequer interferir.

Depois ele levou-a para almoçar num lugar exótico, um restaurante oriental onde garçonetes seminuas dançavam entre as mesas. Era um teste, e Pat não reagiu de maneira chocada ou ofendida. Pelo contrário. Apesar do comportamento discreto, mostrou-se atenta e curiosa.

— Consegui surpreendê-la, não é?

— Como descobriu que eu sou curiosa?

— Foi simples. Andei observando você na piscina dos nossos vizinhos, e descobri que nenhum homem está a salvo de seu erotismo.

— Você está — ela respondeu, fitando-o com ar divertido.

— Que pena...

Pat riu e Rod sentiu um arrepio. Então havia acertado! Ela era realmente erótica, ao contrário do que podia parecer a um observador menos atento!

O espetáculo terminou minutos depois, e Rod decidiu não pedir o almoço. Queria aproveitar o pretexto para levá-la a outro lugar.

— Isso aqui é bem diferente — ela riu, olhando em volta e surpreendendo-se com a elegância do segundo restaurante.

— Eu sei. Prefiro comer num lugar mais sossegado. Aquela agitação toda acabaria provocando uma indigestão.

— Tem razão — ela riu, examinando as opções do cardápio.

— Acha que é capaz de dançar como aquelas bailarinas?

— Talvez.

— Duvido.

Pat concentrou-se e fez uma rápida imitação dos movimentos das garçonetes orientais, movendo os braços, a cabeça e os seios.

— Viu? Não é tão difícil.

— Pois eu a proíbo de ir procurar emprego naquele lugar!

— Você não manda em mim. E eu jamais tentaria trabalhar num lugar como aquele... Acabaria roubando o espetáculo e prejudicando a carreira das pobres bailarinas.

Os dois riram, e Rod perguntou:

— Como vai preencher seu tempo, agora que Cheryl não precisa mais de sua ajuda?

— Existem outras pessoas. Os problemas de Cheryl só ocupavam uma pequena parte do meu tempo.

— Eu não recusaria um pouco de cuidado.

— Eu também não.

Surpreso, Rod perguntou:

— Que tipo de cuidado está precisando?

— O normal.

— Estou equipado para suprir suas necessidades.

— Ah, que comentário machista! Acha que cuidado e sexo são a mesma coisa?

— Bem... são coisas de que todos nós precisamos.

— E quanto ao amor?

— E apenas mais uma faceta dos relacionamentos.

— Nunca conheci um homem tão confiante. Você não tem problemas?

— Só um. Quando estou na cama, não gosto de ser chamado pelo nome de outro homem.

— E compreensível.

— Se nós fizéssemos amor, como me chamaria?

Pat girou o copo de vinho entre as mãos e sorriu, fitando-o com ar divertido:

— O que acha de querido? E um rótulo genérico, mas bastante seguro.

— O que está fazendo comigo é cruel e desumano.

— O mundo é duro, e você precisa se acostumar.

— Quero vê-la dançando como aquela garçonete oriental. O que acha de um espetáculo particular esta noite?

— Não sei... Não sou tão bem dotada quanto ela, e acho que ficaria desapontado.

— Podemos testar sua hipótese.

— Você é impossível — ela riu. — Sua mãe nunca lhe ensinou que não se deve falar com uma mulher como está falando comigo?

— Felícia só me ensinou que eu jamais devia brincar com uma mulher. Ela me obrigava a ser sério, atencioso, a dizer por favor, muito obrigado, e a me comportar como um perfeito cavalheiro.

— Não está sendo um cavalheiro comigo. Primeiro sugeriu que eu nadasse nua, depois me levou àquele lugar horrível, e agora quer que eu tire minhas roupas e dance para você.

Ele apoiou os cotovelos sobre a mesa e enterrou o rosto entre as mãos.

Depois de alguns segundos, Pat começou a ficar preocupada e, tocando-o no ombro, perguntou:

— Rod? O que houve?

— Você acabou de dizer! Descreveu exatamente o que eu quero que faça esta noite, e a idéia está me fazendo subir pelas paredes.

— Não seja mentiroso! Você está aproveitando o pretexto para expressar a reação que aquelas dançarinas provocaram.

— E você não perdeu um minuto do espetáculo. Se o lugar era tão

horrível, por que não disse que queria ir embora? Por que não ficou ofendida, indignada, chocada? Qualquer coisa, menos curiosa! Prestou tanta atenção, que tive a impressão de que estava tentando decorar o que elas faziam, e que voltaria para casa e as imitaria diante do espelho do banheiro.

Pat riu com vontade. Quando finalmente conseguiu controlar as gargalhadas, respirou fundo e perguntou:

— Quantas irmãs você tem?

Rod ergueu os ombros.

— Não sei... Cinqüenta, acho.

— Que absurdo!

— Tem razão, estou exagerando. Quando meus pais se casaram, Salty já havia adotado três garotos, e eu era um deles. O mais velho. Depois tiveram cinco filhos naturais e adotaram mais um batalhão de crianças de todas as idades. Problemáticas, abandonadas, carentes... Minha casa parecia um hotel.

— Deve ter sido maravilhoso.

— Quantos anos você tem, Pat?

— Cavalheiros não perguntam esse tipo de coisa a uma dama.

— Cavalheiros também têm direito a pequenos deslizes e curiosidades.

— Bem, na última contagem eu tinha vinte e nove.

— Eu tenho trinta e oito.

— Eu sei.

— Sabe? Como?

— Acho que Cheryl disse alguma coisa quando ainda podia falar.

— Eu gostaria muito de ter uma família.

— Eu também.

— Gostaria de ter filhos naturais ou adotados? Aposto que ainda sou capaz de ter cinco ou seis.

— Não acha que esta conversa está indo depressa demais?

— Desculpe... Eu só queria saber se considera um homem de trinta e oito anos muito velho.

— Não.

— Estou satisfeito — ele sorriu. — Precisava saber sua opinião sobre o assunto.

Pat não respondeu. Por que Rod estava tão interessado em sua opinião? Depois de viver oito anos ao lado de Cheryl, casamento era uma palavra que ele devia ter riscado de sua lista de planos para o futuro.

CAPÍTULO V

Julho chegou ao fim. Agosto passava depressa, e Rod começou a perceber que olhava para Pat de forma cada vez mais possessiva. Ela era perfeita, e embora beijasse com abandono e ardor, parecia interessada apenas num relacionamento de amizade. Provocava, ria, jamais ofendia-se com seus comentários atrevidos, mas era só isso.

E Rod começou a pensar nela cada vez mais. Era a única mulher que havia realmente despertado seu interesse. Gostava de contar as coisas que fazia durante o dia de trabalho, e adorava quando ela o ouvia com interesse e curiosidade, fazendo perguntas pertinentes e opinando com seriedade e bom senso.

Nadavam na piscina dos Abbot a cada dois dias, e estavam sempre sozinhos.

Certa tarde, Rod comentou:

— Parece que eles nunca usam a piscina.

— Eles nadam diariamente, mas preferem outro horário.

Patrícia havia tido uma conversa franca com Merle, e por isso sabia um pouco mais sobre os hábitos do casal.

Iam ao cinema, jantavam juntos, nadavam, e Rod sempre despedia-se com um beijo de boa noite. Esperava o momento da despedida com ansiedade, porque era a única oportunidade que tinha para beijá-la.

Durante o mês de agosto, visitaram todas as casas vazias de Fort Wayne, mas nenhuma delas satisfez o padrão de qualidade exigido por Rod. Ele inspecionava as paredes, o piso, o encanamento, e sempre tinha alguma objeção a fazer.

Pat sugeriu que continuasse a procura sozinha, mas ele protestou com veemência e explicou as razões pelas quais julgava necessário acompanhá-la.

— Todos querem tirar vantagem de uma mulher sozinha.

Descreveu a conduta de certos homens com exagero, e não esqueceu de mencionar o comportamento das mulheres que atuavam no mercado imobiliário.

— Elas vão oferecer uma série de vantagens, mas nenhuma delas será especificada no contrato.

Rod continuava apontando os defeitos de cada casa, e ela sempre respondia:

— Eu não teria notado. Felizmente posso contar com sua ajuda.

E ele sempre concordava com a cabeça, solene e silencioso.

Depois de cada visita, jantavam em locais diferentes e voltavam para casa. Rod a acompanhava até a porta e finalmente despedia-se com o beijo tão esperado.

Esta era a melhor parte, quando podia sentir seus seios macios contra o peito e acariciá-la com mãos ansiosas. Agora já não permitia que ela se afastasse durante o beijo, porque queria que soubesse o quanto a desejava.

Mas Pat não precisava da evidência física para saber o que ele sentia. Também experimentava coisas parecidas. Sonhava com ele todas as noites, e passava horas acordada sofrendo as punições do corpo frustrado.

Já havia percebido que Rod não a deixaria tomar a iniciativa, c decidira não seguir os exemplos de Cindy e Glenna. Tinha de lidar com ele de forma a fazê-lo pensar que estava no comando e que precisava cuidar de uma mulher tão frágil e vulnerável. Depois o faria descobrir que, cuidando dela, poderia conhecer prazeres que jamais havia imaginado.

Mas Rod ainda não estava preparado para um relacionamento permanente. Passara onze anos casado, e os últimos oito haviam sido um imenso deserto estéril e solitário. Tornara-se cauteloso, e só uma mulher especial o faria mudar de atitude.

Rod sabia que ela apreciava sua companhia e seus beijos. Como seria estar casado com Patrícia? A mente rejeitou a idéia de compromisso imediatamente. Mas Cheryl parecera a mulher certa nos primeiros anos de casamento. Por que não podia esperar o mesmo de Pat?

Já observara outros casais e concluíra que a maior parte não vivia o casamento ideal, mas as pessoas adaptavam-se e conseguiam estabelecer um relacionamento satisfatório.

Olhava para outras mulheres, as comparava com Pat, e ela sempre saía vitoriosa.

Então começou a ter algumas dúvidas. Seria bom o bastante para ela? Era

uma idéia estranha para alguém que sempre julgara-se o melhor.

Quando não conseguira solucionar o problema de Cheryl, perguntara-se por que não era capaz de tomar a atitude mais lógica. Como Salty havia dito, deixara Cheryl controlar sua vida e não fizera nada para mudar a situação.

Mas Pat não era Cheryl. Jamais conhecerá tamanho companheirismo ao lado da esposa, e estar com Patrícia era como receber um presente dos céus.

Como seria dormir com ela, fazer amor e depois ficar deitado a seu lado, satisfeito e em paz?

Seu corpo gritava pelo dela, e abraçá-la era uma doce tortura. Os beijos eram cada vez mais ardentes e a frustração aumentava a cada dia.

Então passou a beijá-la quando a encontrava, permitindo que as mãos se movessem com maior liberdade.

Rod a enlouquecia. O que podia fazer? Como aquela ruiva conseguira ser levada para o quarto dele?

No final de agosto, numa tarde de sexta-feira, Rod e Pat foram nadar na piscina dos Abbot. Voltaram para casa no início da noite, ouvindo o canto das cigarras e das aves noturnas que cortavam o céu escuro. Distraída, Pat tropeçou na raiz de uma árvore e torceu o tornozelo.

Preocupado, Rod perguntou:

— Você está bem?

— Sim — ela respondeu, ignorando a extensão do problema. Tentou levantar-se, mas foi surpreendida pela dor intensa. — Ai!

Sem pensar em mais nada, Rod a ergueu nos braços e carregou-a. A natação o ajudava a manter a forma física, e o esforço sequer alterava o ritmo de sua respiração. Na verdade, a experiência o fazia sentir-se poderoso.

— Está doendo muito? — perguntou.

— Só um pouco.

— Vou levá-la para o hospital.

— Que exagero! Foi só uma torção no tornozelo, Rod!

— Sabe de uma coisa? E tão fácil carregá-la, que estou começando a desconfiar que você é vazia.

— Não — ela riu. — Meus pensamentos é que são leves.

— Então pense pesado, e vamos ver se sou realmente forte.

Pat fez uma careta e Rod fingiu arquejar.

— Seu tonto — ela riu.

De repente percebeu que jamais brincara com outra pessoa além dela e fitou-a de maneira estranha. Com sua irreverência, Pat conseguira estimular o humor que perdera ao longo dos anos de solidão e tristeza.

Rod parou sob uma árvore e fitou-a em silêncio.

— O que foi? Perdeu o senso de direção?

— Não, mas acho que vou perder o juízo. Eu quero você, Pat!

Rod não oferecia amor. Apenas desejo. Patrícia sabia que aceitaria a oferta, mas não concordou de imediato, limitando-se a encará-lo em silêncio.

Ele inclinou a cabeça lentamente até que os lábios se tocassem, e beijou-a como um herói medieval. Mas Pat não era uma donzela assustada, e por isso podia corresponder sem receio, exatamente como desejava.

Finalmente os lábios se afastaram e Rod retomou a caminhada em silêncio. Quando chegaram à casa de Pat, ela abriu a porta com a chave que tirou do bolso do short e disse:

— Obrigada pela carona. Agora já pode me pôr no chão.

— Nem pense nisso. Vou levá-la para dentro.

Pat permitiu que ele a carregasse através do hall e indicou:

— A cozinha é por ali.

— E o banheiro?

— O... banheiro?

— Você precisa fazer compressas de água fria nesse tornozelo.

Invadida por um estranho pressentimento, Pat apontou para a escada. Não conseguia falar, porque estava prendendo o fôlego para manter o controle.

No banheiro, Rod a fez sentar-se num banco e ajoelhou-se para examinar a extensão da lesão. Não encontrou cortes ou arranhões, e seus dedos exploraram a região sem provocar protestos ou gemidos de dor.

Sério, fitou-a nos olhos e disse:

— Um pouco de água fria vai resolver o problema. Tem bi- carbonato de sódio?

— Sim, na geladeira.

— Na geladeira?

— O bicarbonato é ótimo para retirar o odor dos alimentos.

— Entendo. Espere aqui, está bem? Vou até a cozinha e volto num instante.

Pat afirmou com a cabeça.

Assim que ficou sozinha, levantou-se e foi até o quarto em busca do quimono de seda. Rápida, voltou para o banheiro, despiu-se, colocou o quimono, e estava prendendo a faixa em torno da cintura quando ele retornou.

Rod olhou para as roupas no chão e para a peça delicada que cobria seu corpo.

— E então? Encontrou?

— O quê? — perguntou, confuso e atordoado.

— O bicarbonato de sódio.

Ele ergueu a mão e olhou para a caixa como se a visse pela primeira vez.

— Há um balde na última prateleira do armário — ela disse. — Acho que será mais prático do que encher a banheira.

Em silêncio, Rod abriu a porta que ela apontava e encontrou o balde. Colocou-o dentro da banheira e abriu a torneira, virando-se para observar mais uma vez o quimono que a cobria como uma segunda pele. A água transbordou e, surpreso, Rod despejou um pouco do excedente, antes de acrescentar o bicarbonato de sódio ao conteúdo do balde.

Pat ameaçou levantar-se, mas ele exclamou:

— Fique quieta!

Ele suava, e seu rosto estava contorcido numa máscara de tensão. Fitava-a com expressão estranha, como se sua presença representasse um perigo eminente.

Pat sentou-se e viu a água escorrer pelas bordas do balde novamente. Em silêncio, cruzou as pernas para que o tornozelo torcido ficasse mais próximo dele.

Rod olhou para o balde cheio e pensou no que devia fazer em seguida.

Patrícia levantou-se e ele virou-se para encará-la. Estavam a poucos

centímetros de distância. Rod esqueceu o balde e abriu os braços, esperando que ela desse o passo necessário para colocar-se entre eles. Pat aproximou-se e, com os braços dele em torno da cintura, entregou-se ao prazer de sentir o corpo sólido e forte contra o seu.

Ele a beijou.

E foi diferente de todos os outros beijos que haviam trocado, porque agora sabiam que o abraço não terminaria depois do beijo.

Rod deslizava as mãos sobre a seda macia, sentindo os seios rígidos sob o tecido fino e delicado. Trêmulo, teve certeza de que não seria mais capaz de conter-se.

Era maravilhoso poder explorar aquele corpo, e ela moveu-se para ampliar o contato e o prazer que ele provocava. Envolvida pelo desejo, emitiu um suspiro abafado que o fez gemer de agonia.

De repente Pat deslizou as mãos pelo peito musculoso e foi descendo lentamente, buscando a evidência de que Rod a desejava tanto quanto ela o queria.

— Isso é crueldade — ele gemeu.

— O que pretende fazer para me punir?

Sem responder, ele inclinou-se e segurou-a pelos joelhos, erguendo-a acima dos ombros.

— Não se mova — avisou, dirigindo-se à porta. — Não quero derrubá-la.

— Mas a água...

— Como pode pensar em água num momento como esse?

Sem soltá-la, Rod virou-se e fechou a torneira, deixando o balde cheio dentro da banheira.

Com cuidado, passou pela porta e perguntou:

— Qual é o caminho?

— Vá até o final do corredor.

— Ahhh! Tenho sonhado com esse quarto todas as noites.

Pat respirou fundo para não responder, pois uma piada poderia estragar aquele momento. Em silêncio, deslizou as mãos por suas costas até alcançar a curva dos quadris.

— O que pensa que está fazendo? — ele gemeu.

— O mesmo que você.

— Meu Deus! Você é mágica!

— Você também.

— Estou ardendo por sua causa.

— Eu também.

— Eu... preciso ir até minha casa, mas volto num minuto.

— O que vai fazer? Buscar preservativos?

— Exatamente.

— Eu tenho alguns.

— Por que guarda preservativos em casa?

— Porque sabia que esse momento chegaria, e esperava que... — e parou, temendo que ele sentisse que estava perdendo o controle da situação.

— Você fez isso? — Rod perguntou. — Comprou preservativos pensando em mim?

— Sim.

— Meu Deus, Pat! Por que não disse antes que também me queria? Tenho vivido num inferno, tentando encontrar uma forma de tê-la em meus braços sem ofendê-la com uma proposta direta!

Rod a pôs no chão, no centro do quarto, e começou a despir-se. Em seguida estendeu a mão para soltar a faixa que mantinha o quimono fechado, mas ela protestou.

— Não!

— Eu quero despi-la.

Ela sorriu, retrocedendo alguns passos.

— Você é uma feiticeira. Por que não se comportou assim antes? Cheguei a pensar que precisava de um pouco da ousadia de Cindy, e no entanto...

— Quando foi isso?

— Quando eu voltei da visita à casa de meus pais.

— Não vai me contar por que saiu correndo naquela tarde, quando encontrou Cindy em sua casa?

Rod estava completamente nu e, notando o olhar fascinado com que ela o observava, comentou:

— Você ainda é muito jovem. Está assustada?

— Não. Estou excitada.

— Está querendo dizer que finalmente encontrei uma mulher que realmente me deseja?

— Você é magnífico!

— Oh, Pat! Venha, quero despi-la.

Desta vez ela não protestou. Sorrindo, aproximou-se e abriu os braços para que ele soltasse a faixa em torno de sua cintura, e notou o brilho intenso em seus olhos quando o quimono se abriu, expondo seus seios.

— Meu Deus! — ele gemeu, deslizando os olhos por seu corpo.

Devagar, empurrou o robe macio de sobre seus ombros e o viu cair no chão. Absolutamente excitado, Rod caminhou em torno dela como se observasse uma obra de arte.

— A única vez em que vi um espetáculo como esse foi no dia em que me levou àquela lugar horrível cheio de mulheres seminuas.

— Eu? — ela surpreendeu-se.

— Sim. Percebi que estava tentando me excitar, e decidi ajudá-la.

Pat abriu a boca para protestar, mas ele a abraçou e puxou-a de encontro ao corpo excitado, beijando-a como os homens devem beijar as mulheres nessas circunstâncias.

Pat sentia as mãos deslizando sobre sua pele, explorando cada centímetro e provocando sensações intensas e incontroláveis, e decidiu retribuir um pouco do prazer que ele lhe proporcionava. Insinuante, começou a mover-se lentamente, o corpo colado ao dele, e teve a impressão de que enlouqueceria com o som sensual de seus gemidos.

Rod a ergueu nos braços e levou-a para a cama. Sentindo o peso do corpo musculoso sobre o seu, Pat deslizou as mãos por suas costas e encorajou-o, recebendo seus beijos e retribuindo com ardor.

Os beijos tornaram-se mais profundos e íntimos, e a resposta dela o inflamava cada vez mais.

Pat não estava apenas esperando que ele a possuísse, mas participava e o

encorajava com movimentos sensuais e carícias que o enlouqueciam.

— Oh, Pat, como eu a quero!

— Eu também.

— Está pronta?

— Sinto que vou explodir.

— Espere por mim.

— Vou tentar.

Rod virou o corpo e tocou seus seios com o rosto suado, tomando um deles entre os lábios e mordendo com delicadeza.

Pat movia-se e murmurava palavras aflitas, contorcendo-se sob as mãos que a torturavam.

Sem afastar os lábios de seu seio, Rod acariciou o outro com a ponta dos dedos. Para conter-se, deitou-se de costas e ficou imóvel durante alguns segundos, surpreendendo-se ao sentir que ela tocava seu sexo com uma das mãos. Gemendo, Rod virou-se e beijou-a com desespero, estremecendo ao perceber que ela respondia com o mesmo ardor.

— Você está me enlouquecendo — gemeu.

— Era exatamente o que eu esperava. E você ainda não viu nada — ela sorriu com malícia, empurrando-o e deslizando os lábios sobre seu corpo até alcançar a região mais sensível.

— Oh, não! Não sei se posso agüentar por mais tempo!

— Eu sei que pode — ela murmurou, sem interromper a carícia erótica.

Depois de alguns instantes, Pat levantou-se e foi buscar os preservativos que guardara no armário.

Rod tremia de desejo, e ela teve de ajudá-lo a preparar-se.

— Você é maravilhosa — ele murmurou. — Quantos homens já teve?

— Só quis um realmente.

— Quem?

— Você.

— E por que não disse antes?

— Porque tive medo de que me julgasse atrevida demais.

— Pois agora quero que seja mais ousada que nunca...

Pat riu e ele a tomou nos braços, fazendo-a gemer e balbuciar súplicas desesperadas que o inflamavam como jamais alguém conseguira. Estava tão excitado, que tinha medo de machucá-la. Mas as pernas dela o enlaçaram e, ao fitá-la, Rod sentiu-se confiante com o sorriso que viu em seu rosto.

Então começou a penetrá-la, lentamente, sussurrando perguntas que a excitavam ainda mais.

— Está gostando?

— Siiimmm...

— E agora? Isso é bom? — E moveu-se devagar.

Pat acompanhou-o com ondulações lentas e sinuosas.

— Cuidado — ele gemeu.

— Por quê?

— Nem em meus sonhos mais ousados você movia-se dessa maneira, e não sei se poderei suportar por mais tempo.

— Vou ficar quieta.

— Mexa-se bem devagar.

— Assim? — e aproximou o corpo do dele de forma quase imperceptível.

— Oh, Deus!

— E agora? — e girou os quadris devagar.

— Cuidado...

Pat suspirou e Rod começou a mover-se num ritmo constante, sentindo que ela deslizava a língua por um de seus ombros. Gemendo, ele inclinou a cabeça e deslizou os lábios até alcançar a ponta de sua orelha, sugando-a com delicadeza.

Pat arrepiou-se e ergueu os quadris, fazendo com que ele a penetrasse mais profundamente. Rod ergueu a cabeça e ela fitou o rosto contorcido, sorrindo de prazer.

— Acho que é o momento de pararmos para fumar um cigarro — ela sussurrou.

— Pensei que não fumasse.

— E não fumo.

— Nem eu.

— Podemos dividir uma maçã, ou um copo de vinho...

— Por quê?

— Para esfriarmos um pouco. Você está lutando tanto para resistir, que achei que gostaria de uma pausa.

— Não — e penetrou-a mais profundamente. — Quero permanecer dentro de você. Gostaria prolongar esse momento até o infinito, mas não quero parar.

— Não?

— Não. Deixe o intervalo para mais tarde. Temos o dia todo para interromper, adiar e protelar, mas não agora. Não posso mais esperar.

Pat ergueu os braços e segurou-se na cabeceira da cama, movendo os quadris para acompanhá-lo naquela viagem maravilhosa. Levantando o tronco, roçou os seios em seu peito e moveu os ombros.

— Reconhece esse truque? — sorriu. — Aquela loira fez isso no dia em que me levou àquele lugar horrível.

Rod fez um movimento de rotação com os quadris e provocou:

— Você é deliciosa. Não sei o que fez para me inflamar desse jeito...

— Educação e conhecimento são importantes em qualquer atividade.

— Então me eduque.

— Quer saber sobre Dick e...

— Não. Quero saber sobre Rod e Pat. O que você quer?

— Você — e voltou a mover-se como uma serpente, fazendo-o sentir que explodiria a qualquer momento.

Quando finalmente atingiram o êxtase, Pat não pôde conter os gritos de prazer que abafaram os gemidos roucos e profundos de Rod.

Em silêncio, inertes, tocaram-se e acariciaram-se até que, exaustos, adormeceram.

Nenhum deles sonhou.

Quando Rod acordou e descobriu-se sobre a cama ao lado dela, nua e deliciosa, decidiu que não poderia desprezar a oportunidade.

Com cuidado, levantou-se, foi até o banheiro e voltou pouco depois. Havia visto onde ela guardava os preservativos e, silencioso, apanhou mais um e voltou

para a cama. Delicadamente, empurrou-a até que estivesse deitada de costas, absolutamente exposta e vulnerável, e acariciou o corpo com que tantas vezes sonhara. Ela não despertou, mas os movimentos suaves indicavam que estava excitada e pronta para ser possuída. Aquele era o sonho secreto de todos os homens e, mergulhando na própria fantasia, Rod penetrou-a com rapidez impressionante.

Só percebeu que Pat estava acordada quando sentiu que ela acompanhava seus movimentos e acariciava suas costas.

Quando Rod finalmente deixou-se cair de costas, relaxado e satisfeito, ela perguntou:

— Por acaso você é alguém que eu conheço?

— Acho que nos encontramos na piscina dos Abbot — ele riu.

— Oh, sim! Como é mesmo seu nome, querido?

— Eu sabia...

— Que nome mais estranho! Oriental?

Ele abraçou-a e, rindo, respondeu:

— Vou lhe mostrar uma técnica oriental.

— Talvez mais tarde. Acabei de ser atropelada por um ônibus... ou coisa parecida.

— Era eu, e não sabe como fiquei excitado quando fingiu que estava dormindo. Era uma fantasia, sabe? Entrar em seu quarto no meio da noite e penetrá-la sem que percebesse.

— Sem que eu percebesse? — ela riu.

Rod apoiou a cabeça sobre seus seios e fingiu-se decepcionado:

— Ah, então notou que eu estava fazendo amor com você...

— Isso não é fazer amor. E um ataque traiçoeiro.

— Bem... Quando quiser ser atacada, não hesite em me procurar.

— Quanta generosidade!

Os dois riram, e minutos depois Rod adormeceu novamente.

Pat permaneceu acordada, com um sorriso de satisfação bailando nos lábios e sentindo a respiração quente em seus seios.

Parecia impossível mas, mesmo dormindo, Rod a enlouquecia.

CAPITULO VI

Na manhã seguinte, quando os amantes despertaram, trocaram um sorriso de cumplicidade como se só agora se conhecessem realmente.

Rod beijou-a, virando-se com um movimento preguiçoso, e ela sentiu-se frágil e pequena junto ao corpo forte e musculoso. Era como estar protegida contra todos os perigos do mundo.

Jamais tivera essa sensação ao lado de Fred, um homem bom, fascinante e sensato, mas racional demais para deixar-se levar por instintos, sentimentos e emoções. Rod era diferente. Forte, imponente, capaz de caminhar como se possuísse cada porção da terra onde pisava.

Lembrou-se de como ele fora atencioso e solícito, enchendo aquele balde para cuidar de seu tornozelo torcido. Naquele momento, chegara a pensar que ele a julgava perigosa para seu equilíbrio, mas agora sabia que Rod apenas tentara esconder o perigo que ele mesmo representava. Ele a escolhera, e tomara todo o cuidado para não deixá-la perceber o quanto era primitivo.

Teria idéia de que a atração que sentia não era simplesmente uma conveniência, uma forma de recompensar-se pelos anos que perdera ao lado de uma esposa doente? Talvez imaginasse que, escolhendo a mulher que cuidara de Cheryl, estava recuperando o que ela o fizera perder.

Mas Pat sabia que isso não era verdade.

Confiante, acariciou seus cabelos e ofereceu os lábios.

Desta vez o beijo foi diferente, menos erótico e possessivo. Havia passado tanto tempo sozinho, sem desfrutar dos prazeres que um encontro como o deles podia oferecer, que talvez houvesse esquecido todas às coisas sensuais que um homem faz com uma mulher que deseja.

Ele era leal. Passara todos aqueles anos no celibato, e a dificuldade que tivera com os preservativos era uma prova disso.

Os últimos vestígios de resistência desapareceram do coração de Pat, e de repente sentiu que agora podia amá-lo de verdade.

Abraçando-o, sentiu a barba espessa no rosto e arrepiou-se, fazendo-o pensar que o contato não a agradava.

— Eu devia me barbear.

— Oh, não! Você está ótimo. Adoro sentir sua barba em minha pele.

— Onde?

— Aqui — sugeriu, apontando para o próprio pescoço.

Rod acatou a sugestão e roçou o rosto na pele delicada.

— Onde mais? — perguntou.

Nunca havia feito isso com outra mulher?

Pat indicou a região interna do cotovelo, e gemeu ao sentir o contato áspero, porém excitante.

Rod estava excitado com o jogo e com os gemidos de prazer que ela emitia, e passou a procurar novas áreas onde pudesse provocar reações semelhantes. Uma coisa levou à outra, e aos poucos as carícias foram tornando-se mais íntimas e eróticas. E, mais uma vez, fizeram amor.

Ficaram deitados lado a lado, relaxados e contentes.

— Jamais imaginei que uma mulher pudesse me fazer sentir coisas tão maravilhosas. Você transforma o sexo em algo mais... mais... — e franziu a testa, esforçando para encontrar a palavra adequada. Quando percebeu que não conseguiria, sorriu e completou: — Você é diferente.

Qualquer mulher seria diferente de Cheryl. As mulheres sempre eram diferentes umas das outras, como os homens. Entregar-se era sempre um ato diferente, mesmo entre duas pessoas que já haviam dividido momentos de intimidade várias vezes. Portanto, as palavras dele não tinham nenhum significado especial. Não a fizeram sentir que a amasse, ou que pensava iniciar um relacionamento mais profundo e permanente. Gostava de sua companhia, gostava de fazer amor com ela, mas nada indicava que o amor fizesse parte de seus sentimentos.

Sendo a mulher prática e objetiva que era, Pat preferia não fazer planos. Não perguntou em que casa iriam morar e não disse que ele devia levar suas coisas para o armário do quarto dela. Felizmente, não disse nada para pressioná-lo.

— Quer tomar café na cama? — Rod perguntou. — Se quiser, podemos fazer um acordo. Você prepara tudo, e eu espero aqui até o momento de ir buscar a bandeja.

Ela riu, acariciando seus cabelos.

Assumindo uma expressão mais séria, Rod desculpou-se:

— Eu acabei com toda sua energia. Estou envergonhado por ter sido tão exagerado. Quer que eu vá preparar o café?

— Se me ajudar a descer a escada, acho que ainda tenho forças para cuidar disso.

— Não quer que eu a ajude a tomar um banho primeiro? Sempre quis dar banho numa mulher. Acha que ainda é cedo para esse tipo de coisa?

— Talvez um pouco — Pat riu, fingindo-se embaraçada.

— Mas eu já dei banho em cachorros.

— Ah, muito obrigada pelo elogio!

— Sabe que foi só uma brincadeira. Você é tão elegante e delicada, que as vezes me sinto grande e desajeitado a seu lado. Fico pensando em gentilezas como colocar o suéter no chão para você caminhar sobre ele, coisas desse tipo.

— Você já me carregou nos braços. Não acha que é suficiente?

— Foi só uma desculpa para abraçá-la — e deslizou o dedo sobre seus seios.

— Eu também queria que me abraçasse.

— Oh, não! Não posso estar excitado novamente!

— Também acho que não.

— Vamos deixar para depois do café.

— E a terceira vez que fala no café. Está querendo dizer que está com fome?

— Está vendo? Eu sabia que era uma mulher inteligente. O que esperava? Passou a noite toda roubando minha energia, lembra-se? Ou faz alguma coisa para me fortalecer, ou vou acabar morrendo de fraqueza.

Pat pousou a mão sobre seu peito e disse:

— Você ainda está quente. Não parece tão fraco.

— Estou lutando para sobreviver.

— Não precisa mais se preocupar — ela riu, levantando-se devagar. — Vou providenciar socorro.

Rod levou a mão à testa e gemeu:

— Acho que ainda tenho forças para ir até a cozinha.

— Quanta coragem!

— De qualquer forma, se eu desmaiar, providencie uma dose de cerveja. '

— No café da manhã?

— E bom para reanimar.

— Não acredito!

— Oh, não! Já começamos a identificar as primeiras diferenças. Você não gosta de cerveja — concluiu com ar trágico.

Felícia jamais conformara-se por não ter conseguido arrastá-lo para o palco do teatro de Temple. Tanto talento desperdiçado a deixava furiosa.

— E por que está reclamando? — Pat respondeu. — Já que eu não gosto de cerveja, você pode ficar com a minha parte.

— E verdade. Não havia pensado nesse ângulo da questão.

Questão. Rod não conseguia referir-se ao relacionamento sequer como um caso!

Apesar disso, Pat conseguiu rir. Em seguida levantou-se e foi para o banheiro.

Tomou banho sozinha, mas quando abriu a cortina do chuveiro, ele estava parado do lado de fora, nu e glorioso.

— Você é muito egoísta.

— Egoísta? Deve estar brincando! Passamos a noite toda dividindo coisas maravilhosas, e ainda quer mais? Pelo amor de Deus! Preciso dormir, ou vou acabar caindo de cansaço!

— Saia daí e me deixe enxugá-la. No estado em que estou, não represento nenhuma ameaça — ele riu.

Pat tentou sorrir, mas manteve-se em silêncio.

— O que foi? Parece que não acredita em mim.

— É mesmo? Que surpreendente!

Só então percebeu que ele havia feito a barba. Como conseguira, se não ouvira o som da torneira? Talvez houvesse usado o banheiro do sótão. Ou teria ido até sua casa? Impossível. Os minutos que passara no banho não foram suficientes para que ele se vestisse, saísse e voltasse a tempo de despir-se outra vez.

Rod estendeu a mão e ajudou-a a sair do reservado que incluía a banheira e o chuveiro.

— Preciso abraçá-la — disse. — Você não permitiu que eu a ajudasse a tomar banho, e agora quero senti-la enquanto ainda está molhada.

Par abriu a boca para pronunciar um protesto bem humorado, mas ele a silenciou com um beijo e fez exatamente o que desejava. Depois enxugou-a com cuidado e levou-a para a cama, deitando-se sobre ela e penetrando-a.

— Gosto de estar dentro de você — disse, mantendo-se imóvel.

Divertindo-se com a situação, Pat confessou:

— Sinto muito, mas acho que desta vez não serei capaz de ajudar.

— Não faz mal. Eu também não tenho a menor intenção de me mover agora. Vamos fazer o que você sugeriu na noite passada, e levaremos o dia todo para atingir o clímax. Vamos nos excitar, provocar e esperar. Vou deixá-la tão maluca, que no final da tarde você vai me atacar e aproveitar-se do meu pobre corpo indefeso.

Pat o abraçou para que ele não visse a compaixão estampada em seus olhos. Quanto tempo havia passado sem desfrutar da companhia de uma mulher? Alguma vez brincara com uma amante, como faziam desde a noite anterior? Ou fazer amor com Cheryl havia sido sempre apenas uma forma de alívio?

Pat beijou-o com ternura, acariciando seus cabelos com gestos suaves.

— Temos de nos separar. Se continuar me provocando desse jeito, não sobreviverei até o pôr-do-sol. E quando a noite chegar e você estiver pronta para o final glorioso, eu já estarei arruinado.

Os dois riram e Rod levantou-se.

— Vou ajudá-la a vestir-se — anunciou, apanhando o quimono do chão. — Gosto de vê-la usando esta coisa.

— Esta coisa é seda pura!

— E mesmo? Eu gosto — e segurou o quimono para que ela o vestisse, atento a cada movimento de seu corpo. — Já usou isso para outro homem?

— Não.

— Ótimo. Se um dia nos separarmos, lembre-me de queimá-lo. Não quero nem pensar em você desfilando com esse robe diante de outro homem.

Pat não respondeu. De onde ele tirara uma idéia tão absurda? Não sabia que ela nunca mais seria capaz de estar com outro homem?

Estava realmente envolvida com Rod, e precisava saber se, para ele,

representava apenas uma forma de satisfação sexual. Mas, pensando bem, que importância tinha? Mesmo que o relacionamento fosse apenas temporário, queria estar pronta para aceitar tudo o que ele pudesse oferecer.

Amava Rod Brown há anos. Quantas vezes passara horas na janela, esperando para vê-lo entrar ou sair? Lutara contra o sentimento com toda a força que tinha, e só atrevera-se a admiti-lo depois da morte de Fred.

Havia sido este amor que a levara a cuidar de Cheryl com tanta dedicação, buscando uma forma de aliviar a culpa e expressar os sentimentos humanitários que os vizinhos deviam ter. Felizmente o resultado fora positivo.

Enquanto pensava no passado, Pat terminou de preparar as bandejas com o café da manhã. Rod a ajudou a levá-las para o terraço dos fundos, um lugar mágico cercado por árvores e flores perfumadas.

A sol ainda não conseguira aquecer o ar da manhã de agosto, e o jardim brilhava sob as gotas de orvalho da madrugada. Pat plantara todo o tipo de flores em seus canteiros, e conseguia um jardim colorido durante o ano inteiro.

Iniciaram a refeição com morangos, pêssegos frescos e fatias de melão. Depois comeram ovos com presunto, pães caseiros aquecidos no forno com geléia de diversos sabores, e tomaram várias xícaras de café forte.

Depois da refeição, dividiram o jornal do dia e ligaram o aparelho de tevê no canal a cabo, interessados nas notícias do mundo.

Era sábado, e Rod telefonou para a loja e avisou que não iria trabalhar.

Surpresa, Twila perguntou:

— Está doente?

O chefe nunca perdera um único dia de trabalho!

— Não, mas não tenho tempo para ir à loja. Se precisar de alguma coisa, telefone para Ned. Ele saberá o que fazer.

— Está bem.

Depois de desligar, Rod encarou Pat como se houvesse lembrado algo importante e, sorrindo, perguntou:

— Tem planos para hoje?

— Tenho. Vou passar o dia com um maluco que decidiu me atormentar com propostas eróticas, e que só vai me satisfazer depois do pôr-do-sol.

— Alguém que eu conheço?

— Talvez. Nesse exato momento, ele está sentado na sua cadeira.

Rod levantou-se de um salto e olhou em volta, e Pat espalmou a mão sobre a testa, fingindo um espanto exagerado e um mal estar súbito.

Ele aproximou-se para providenciar a respiração artificial.

Devagar, ergueu-a nos braços e sentou-se, colocando-a em seu colo.

— Adoro quimonos — sussurrou.

Pat fechou os olhos, deixando-se invadir pelo som melodioso e sensual de sua voz. Inclinou a cabeça para beijá-lo novamente, mas ele levantou-se, colocou-a no chão e anunciou:

— Vamos ao zoológico!

Apesar da surpresa, ela não protestou. Já aprendera a lidar com Rod, e sabia o quanto ele gostava de atitudes inesperadas e surpreendentes.

Vestiram roupas confortáveis e foram para o parque ao norte da cidade, onde passaram horas vendo os animais e seus filhotes.

Depois comeram cachorro quente e tomaram sorvete, e então Rod a levou de volta para o carro.

Sem dar explicações, dirigiu para um recanto afastado do parque e mostrou o que um homem pode fazer com uma mulher, mesmo num lugar público.

Pat aceitou a brincadeira, e decidiu provar o que uma mulher esperta é capaz de fazer para proteger-se contra um homem excitado. Quando sentiu que ele estava prestes a perder o controle, cruzou as mãos sobre o colo e assumiu a expressão mais pura e ingênua de que foi capaz.

Ele estava vermelho, bufando como um touro.

— O cachorro quente está provocando alguma reação estranha em você? — perguntou. — Coisas como arrepios, tremores e idéias atrevidas?

— Não. E você quem me faz sentir esse tipo de coisas.

A resposta quase o fez dar o passeio por encerrado, mas Rod resistiu com coragem e determinação.

O calor aumentava a cada instante, e Pat lembrou-se de um casal de amigos que possuía uma chácara com um lindo lago natural.

— É claro que podem nadar no lago — Paul Paynes sorriu ao recebê-los. — Isso é, se não se importarem com os peixes — e piscou para Rod. — Minha mulher diz que eles são frios e escorregadios, e que a fazem pensar em coisas

deliciosas.

Rod sorriu, incapaz de pensar numa resposta sensata.

Percebendo sua reação, Paul bateu em suas costas e sugeriu:

— É melhor levar uma toalha, ou um cobertor onde possam se deitar. A água é normalmente fria, mas um pouco de atividade física resolve o problema.

Jennie exclamou pela décima vez:

— Paul! — e, virando-se para Pat, desculpou-se. — Ele é incapaz de pensar em outra coisa. Vai acabar me matando de exaustão!

Sorrindo, Pat percebeu que Jennie observava Rod com interesse, e que seus olhos brilhavam de maneira intensa.

Minutos depois despediram-se dos Paynes e, carregando uma toalha grande e macia, atravessaram o campo florido que levava ao lago natural. O caminho aberto entre a vegetação demonstrava que o local era o favorito da família e dos amigos.

Lembrando-se de algo em que não pensara antes, Pat parou e exclamou:

— Eu não trouxe um maiô!

— Graças a Deus!

— Mas... se você estiver usando um calção de banho, vou me sentir inadequada e exposta. O que significa que terá de nadar nu para me deixar mais... a vontade.

— Não sei... Bem, acho que você merece o sacrifício. O que um verdadeiro cavalheiro não faz para deixar uma mulher a vontade?

— Está reclamando porque tem de carregar a toalha.

— É verdade.

— Podia tê-la deixado no carro.

— Mas se eu não houvesse trazido a toalha, você insistiria em deitar-se sobre o meu corpo. As mulheres só pensam no próprio conforto.

— Não acha que podemos fazer alguma coisa interessante nessa posição?

— Com você, sou capaz de fazer coisas interessantes em qualquer posição.

Ela riu.

Quando chegaram ao lago, Rod compreendeu que a ausência dos trajes de banho não representava nenhum problema. O lugar era totalmente isolado,

cercado por árvores e flores, e ninguém poderia invadir a privacidade do casal. Era maravilhoso.

Devagar, despiram-se completamente e logo perceberam que Paul usava substâncias químicas pára livrar-se dos mosquitos.

Rod estendeu a toalha sobre a grama macia, deitou-se e disse:

— Venha me atormentar mais um pouco. Quero ouvir seus gemidos.

— Este lugar é um verdadeiro paraíso, mas você não é Adão e eu não sou Eva.

— E daí? Não tem imaginação?

— Tenho. Nesse exato momento, estou olhando para o seu corpo e imaginando uma infinidade de coisas.

— Então venha aqui e me mostre algumas.

Pat aproximou-se e deitou-se ao lado dele, beijando-o de maneira sensual e provocante. Rod correspondeu, deslizando as mãos por seu corpo e usando os lábios para tocá-la em locais que jamais imaginara ser beijada.

Depois ele a ergueu nos braços e caminhou para dentro do lago. Ofegante, Rod olhou para os seios rígidos e arrepiados pela água fria e tomou um deles entre os lábios, mordendo-o com delicadeza. Os gemidos de Pat o enlouqueciam e ele a segurou com mais força, buscando um contato completo entre os corpos.

Depois de alguns minutos sentiu que era hora de afastar-se e, deixando-a no chão, comentou:

— Acho que este é o dia mais promissor que já tive em toda a minha vida. Já fez coisas parecidas com outro homem?

— Não, mas uma de minhas colegas de faculdade dizia que provocava o marido durante o dia todo, e que depois passavam a noite inteira se amando. Acho que muitos casais fazem esse tipo de coisa. Brincam com o sexo durante dias, até semanas.

— Semanas? Estou fazendo um esforço enorme para chegar ao fim do dia!

— Nem todos os homens têm a sua... energia. — Percebendo como devia ter sido difícil possuir uma mulher depois de tantos anos de abstenção, ela sorriu com ternura e concluiu: — Você é um amante maravilhoso.

— Sou? Gosta de fazer amor comigo?

— Sim, muito... — e abraçou-o, passando as pernas em torno de sua

cintura e entregando-se mais uma vez.

Apesar da água fria, Rod a penetrou sem a menor dificuldade, provando o quanto a desejava. Era viril, e o jogo de tentação exigia um controle que só a determinação poderia assegurar.

Minutos depois Rod afastou-se e mergulhou na água fria. Quando voltou à superfície, fitou-a e perguntou:

— Já percebeu que a água esquentou de repente?

— Tem certeza?

— Sim, desde que você entrou no lago. Seu fogo está incendiando toda a área.

Pat riu e bateu uma das mãos sobre a superfície do lago, espirrando água na direção dele.

Rod aproximou-se e puxou-a para baixo, e sua atitude deu início a uma brincadeira infantil, porém divertida. Rápidos, tentavam mergulhar a cabeça do outro na água fria, até que Rod a segurou pelos pulsos e fez um giro rápido com o corpo. Antes que pudesse perceber, Pat estava montada em seus ombros.

Ele levantou-se, e a sensação de estar nua num local aberto a fez arrepiar-se. Em seguida ele começou a caminhar pelo lago, e os movimentos de seus ombros provocavam sensações intensas que a fizeram gritar de desejo. Rod ria, como se torturá-la aumentasse seu prazer.

Continuaram brincando durante quase uma hora, alternando a água fria e a superfície morna da toalha estendida ao sol.

Quando deitaram-se para descansar, Rod perguntou:

— Como consegue ser tão linda, mesmo com os cabelos molhados?

— Sua visão está prejudicada. Acha que eu sou linda, porque tem certeza de que vai me possuir.

— Ah, e por isso não consigo tirar os olhos de seu corpo?

— Isso mesmo. Está pensando que vai conseguir me levar para a cama, e decidiu me elogiar para apressar a decisão.

Rod decidiu provar que não precisava de uma cama. Rápido, puxou-a pela mão e a fez levantar-se. Depois colocou a toalha num tronco de árvore e a fez encostar-se nela.

— Viu como eu sou cuidadoso? — sussurrou. — Não quero machucar suas

costas — e penetrou-a.

Depois de alguns segundos afastou-se, estendeu novamente a toalha sobre a grama e sentou-se, colocando-a sobre ele e penetrando-a novamente. Como já fizera várias vezes naquele dia, afastou-se logo depois, quando sentiu que ela começava a mover-se.

— Por que está me torturando desse jeito? — Pat perguntou. — Você pode fazer o que quiser comigo, mas quando vou tocá-lo, sempre dá um jeito de se afastar.

— Porque sou um homem quente e você é uma mulher fria.

— Que comentário mais machista!

— Mas é verdade! Não ouvi você me pedir para tomar cuidado, ou para ir mais devagar. Como consegue suportar toda essa tortura sem perder o juízo?

— O nome disso é controle.

— Acha mesmo que é tão controlada assim? — e deitou-a sobre a toalha, expondo-a à exploração íntima de suas mãos e lábios.

Queria provar que ela não tinha controle, e pouco depois ou- viu-a murmurar:

— Não precisamos esperar o anoitecer.

— Mas eu prometi, e costumo cumprir minhas promessas.

— Então espere você!

— Não! Se eu posso, você também pode.

Estava sendo perverso, e tratá-la com crueldade o excitava ainda mais. Era um círculo vicioso. Pat ardia de desejo e implorava que ele a satisfizesse. Rod interrompia as carícias para atormentá-la, ela abria os olhos e a visão de seu corpo excitado a fazia arder novamente. Então ele retomava as carícias, fazendo-a gemer e suplicar outra vez.

Sua necessidade o estimulava, alimentando sua auto-estima.

— Nenhuma mulher me quis como você. Não sabe como isso me deixa maluco.

— Por favor, não pare. Continue me tocando.

Rod a atendeu, tocando-a suavemente e escolhendo as partes mais sensíveis de seu corpo, parando sempre que ela aproximava-se do clímax.

De repente ergueu-a nos braços e levou-a de volta ao lago.

Pat apoiou as mãos e seus ombros e deixou-se abraçar, coisa que ele fazia de forma quase obscena. Olhando em volta, respirou fundo e disse:

— E melhor sairmos daqui, ou a água vai ferver e evaporar. O vapor vai esconder o sol, e os Paynes vão imaginar o que está fazendo comigo. Vão perceber que teve de me jogar na água várias vezes para esfriar meu sangue.

— Fico me perguntando se serei capaz de satisfazer toda essa necessidade.

— Oh, pobre Rod!

— De qualquer forma, prometo que vou tentar e me esforçar.

Minutos depois voltaram para a toalha e deitaram sob o sol

quente, aquecendo os corpos gelados pela água.

Quando abriu os olhos, Pat viu que ele a fitava de maneira intensa e disse:

— Acho que sei exatamente o que está pensando.

E estava certa.

Desta vez tentou impedi-lo de afastar-se, mas Rod insistiu e avisou:

— Eu não trouxe preservativos.

— Mas eu estou num período seguro.

— Não foi o que disse na noite passada.

— Mas é verdade.

Rod não acreditava nela... o que significava que não queria correr o risco de engravidá-la. Não se importaria de ter um filho dele, e sua renda mensal era mais do que suficiente para sustentar uma criança com conforto. Se tivesse de trabalhar para garantir a própria sobrevivência, jamais assumiria o risco de ser mãe sem o comprometimento de um homem, mas tinha mais dinheiro de que precisava, e podia assumir a responsabilidade sozinha.

E no entanto, Rod estava irredutível.

— Ainda não. Espere mais um pouco, e prometo que não vai se arrepender.

Mas ela estava impaciente, oferecendo-se e roçando o corpo no dele.

— Por favor, Rod! Preciso de você...

— Eu também.

— De onde tirou essa idéia idiota?

— Idiota? Eu estou gostando. Brincar com você me estimula, e fico muito excitado quando reage às minhas provocações. Nunca havia feito isso com ninguém.

— Por que não me beija?

— Não sei se merece...

— Prometo que ficarei quieta se me beijar.

— Promete? Mesmo?

— Sim.

E ele a beijou como se a estivesse possuindo, invadindo sua boca e fazendo-a contorcer-se numa doce agonia.

— Vamos voltar para casa — ele anunciou.

— Ótimo! A tarde está quase chegando ao fim.

— Está com fome?

— Um pouco.

— Vou providenciar mais um cachorro quente do zoológico. Deve ser afrodisíaco.

— Não seja ridículo. Você passou o dia todo me provocando, e a culpa é do sanduíche?

— Tem razão. E como sou culpado, tenho de fazer alguma coisa para me redimir. Vista-se, e vamos voltar para casa... e para a cama.

Rod ajudou-a a vestir-se, escolhendo que peças ela devia colocar primeiro e quais devia ignorar.

Finalmente despediram-se dos Paynes, entraram no carro e voltaram para Fort Wayne.

— Dirija com cuidado. Não quero sofrer um acidente e ser levada para o hospital sem minha calcinha.

— Você sempre usa roupas íntimas?

— E claro que sim!

— Que bobagem! Vou ensiná-la a viver com mais liberdade.

— Tenho medo de perguntar o que tem em mente.

— Ainda não percebeu? Já teve uma boa amostra.

— Se isso foi só uma amostra, imagino o que ainda terei de enfrentar.

— Garanto que vai gostar.

CAPÍTULO VII

Havia sido uma tarde maravilhosa. A chácara de Jennie e Paul Payne era tão distante da cidade, que Rod e Pat sentiram-se como se estivessem isolados do universo. Era o desejo secreto de todas as pessoas envolvidas num romance tórrido como o deles. Os amantes sempre têm a impressão de que não precisam de mais ninguém.

Lançando olhares quentes e maliciosos na direção dela, Rod dirigiu até Fort Wayne e passou por SouthGate, rumo à loja dos Kroger. O armazém estava instalado num grande galpão, e o proprietário decidira aproveitar o espaço extra para criar uma pequena mercearia.

Felizmente a loja não estava cheia, e eles não tiveram de suportar os olhares de curiosidade enquanto faziam suas compras. Era óbvio que haviam passado um dia ao ar livre, porque ambos tinham o nariz vermelho do sol e suas roupas estavam amassadas.

A população de Fort Wayne sempre deixava a cidade durante os meses quentes do verão, preferindo os chalés perto dos lagos ao norte.

— Estiveram em um dos lagos? — o balconista perguntou com um sorriso simpático.

Como realmente haviam passado a tarde perto de um lago, os dois sorriram e concordaram com a cabeça, encerrando o assunto e evitando especulações.

Levaram algum tempo para escolher as lagostas e camarões que comeriam no jantar, mas finalmente pagaram a conta e dirigiram-se à casa de Pat.

— Preciso tomar um banho — ela avisou assim que entraram. — Deixei as lagostas descongelando. Quer tomar um copo de vinho enquanto espera?

— Eu posso me servir. Levarei um copo para você no banheiro. Rod apressou-se, mas ela foi mais rápida e conseguiu entrar no banho antes que ele a alcançasse.

Mesmo assim, ele despiu-se e abriu a cortina que cercava a banheira.

— Rod! O que está fazendo?

— Já disse que uma de minhas fantasias é banhar uma mulher.

— Por favor...

— Qual é o problema? Passamos a tarde toda num lago, nus! Por que fica tão embaraçada com a idéia de me deixar banhá-la? Não há uma só parte de seu corpo que eu ainda não tenha tocado.

— Mas é diferente...

— Você não é diferente.

— Se sou como todas as outras mulheres, por que insiste nessa idéia?

— Porque gosto de tocá-la.

— Você já fez isso.

Vendo que ela tentava esfregar as costas, ele riu e comentou:

— Posso fazer isso com mais facilidade que você.

— Sabe o que vai acontecer se eu deixar você me dar banho.

— Não vai acontecer nada. Eu já provei que tenho muito controle.

Ela riu, e Rod insistiu:

— Está duvidando de mim?

— Você não precisa me provar coisa alguma. Desta vez foi ele quem suspirou:

— Você precisa de um banheiro mais espaçoso para que eu possa apreciar este espetáculo com mais conforto.

— O que há de tão fascinante num banho?

— Se ainda não sabe, é porque não conhece nada sobre prazer e erotismo.

Pat enfiou a cabeça sob o chuveiro e lavou os cabelos, lutando para manter o controle. Rod a observava, absolutamente fascinado. De repente ela pensou na possibilidade dele jamais ter visto uma mulher tomando banho, e compreendeu que por isso insistia tanto no assunto. Patrícia desligou o chuveiro, aceitou a toalha que ele oferecia e, ao sair da banheira, disse:

— Tudo bem. O próximo banho será responsabilidade sua.

— Ótimo! Vou levá-la para o jardim e jogá-la sobre a terra imediatamente!

— Estou com. fome.

— Eu também.

— Rod, estou com fome de verdade! Comida, entendeu?

— As vezes você é tão materialista...

Ela riu e deixou-o sozinho para tomar um banho. No quarto, escolheu um short confortável, uma camiseta larga e vestiu-se.

O jantar começou como mais uma etapa do jogo de provocações. Pat ria dos comentários atrevidos que ele fazia, e Rod arrepiava-se como se estivesse ligado a uma tomada de alta voltagem.

— Experimente isto — ela sugeriu, preparando uma torrada com caviar e aproximando-a dos lábios dele.

Rod mordeu a torrada e, mantendo os olhos fixos em seu rosto, lambeu a ponta de seus dedos.

Em seguida pegou um camarão entre os dentes e resmungou:

— E muito grande. Venha pegar a metade.

Ela sorriu com malícia, erguendo-se na ponta dos pés para tomar posse do que ele lhe oferecia. Rod afastou-se um pouco, obrigando-a a esticar-se para alcançá-lo. Quando ela finalmente conseguiu, ele pôs todo o camarão na boca e, além de esticar-se, Pat teve de obrigá-lo a entreabrir os lábios.

— Você deve ser descendente de algum pirata — Rod comentou. Como conseguiu roubar a comida de dentro da minha boca?

— Quer repetir a dose e tentar descobrir?

— Não. Na verdade, já esperava que acabasse mostrando suas verdadeiras tendências.

— E os seus ancestrais?

— Meu pai fez parte da Marinha americana. Sabe o que eles faziam com os piratas?

— Acho que entrei numa encrenca... — e levantou-se, fingindo que pretendia fugir.

Mas Rod a imitou e, rápido, empurrou-a até que estivesse encurralada entre ele e a porta do refrigerador.

— Vai ter de me recompensar pelo saque.

— Sinto muito, mas não possuo nada de valor.

— Então vai ter de pensar em outra forma de recompensa.

— Hummm...

— Precisa de ajuda? — e pressionou-a com mais força.

— Não. Preciso de comida.

— Se acha que vou alimentá-la com camarões e deixá-la escalar meu corpo para roubá-los, saiba que não sou de ferro.

— Não? — e deslizou os dedos sobre seu peito lentamente, descendo até tocar seu sexo.

Rod inclinou-se para beijá-la, mas ela escapou por baixo de seu braço e riu.

— Tem razão. Você não é de ferro.

Rindo, levaram os pratos para a mesa do terraço dos fundos e sentaram-se para comer. As velas criavam sombras fantásticas nas paredes, e pequenas lâmpadas colocadas entre as flores do jardim emprestavam um toque mágico à atmosfera.

Rod estava fascinado, mas sabia que a comida e a iluminação não eram responsáveis pelas coisas que sentia. Pat as provocava, e estava começando a sentir medo da força dos próprios sentimentos.

— Rod, acabei de me lembrar de algo importante. Você não vai para casa há dois dias!

— Eu sei. Tenho medo de encontrar Cindy escondida sob minha cama.

— Como aconteceu quando voltou de Ohio?

— Exatamente. Só irei para casa se você for comigo. Acho que me sentirei mais protegido.

— O que aconteceu naquele dia? Cindy o esperou dentro de casa e tentou seduzi-lo... Por quê? Por compaixão, porque sabia que estava viúvo há pouco tempo?

Não sabia o quanto aproximara-se da verdade.

Rod negou com a cabeça e censurou-a:

— Não sabia que era tão curiosa. Tem idéia de como tudo aconteceu?

— Não, e não vou perguntar. Não gosto de ser criticada duas vezes pelo mesmo erro.

Os dois riram e voltaram ao jantar delicioso.

Quando terminaram de comer, Rod a levou para sua casa. O silêncio e o

aroma de limpeza criavam uma atmosfera de paz, e ele recolheu a correspondência e examinou rapidamente os envelopes. Havia a carta mensal de Felícia, e mais um daqueles bilhetes breves de Salty.

Desta vez ele limitara-se a duas frases:

Como vai indo? Esperamos notícias.

Sabendo o quanto devia estar preocupado para pedir notícias, Rod foi até o telefone e discou o número da casa da família em Temple, Ohio. Apenas as crianças estavam em casa, e falaram com ele como se o julgassem capaz de resolver todos os problemas do universo.

Saul reclamou que as garotas de Temple era horríveis e sem graça, e que um irmão mais velho tinha o dever de providenciar namoradas para os mais novos.

Rod respondeu:

— Quando eu encontrar uma garota como está procurando, vou guardá-la para mim mesmo.

— E melhor assim. As mulheres que o atraem são velhas demais para mim.

— Tem razão. Bem, diga a Salty e Felícia que eu telefonei, e que estou muito bem.

— Não sei se poderei transmitir o recado.

— Por quê? Aconteceu alguma coisa com papai, Saul?

— Não, mas Salty está zangado comigo. Se eu tentar me aproximar dele para dizer que você telefonou, vou levar outro puxão de orelha.

— Por quê? O que andou fazendo?

— Eu... não limpei o celeiro como devia.

Rod lembrou-se de sua juventude e disse:

— Então transmita o recado a Felícia, e deixe que ela cuide de papai. Ah, e peça a ela para contar a Salty que acabei de jantar com uma viúva.

— Está bem, eu direi.

Saul chamou os irmãos menores e Rod teve de conversar com os três garotos e as duas meninas. Disse boa noite a todos e finalmente desligou o telefone, consciente de que Pat ouvira toda a conversa. Fitou-a, e viu que ela sorria com ar divertido.

— Qual é a graça? Por acaso eu disse alguma bobagem?

— Não. É que... Bem, não sei como é conviver com tantos irmãos e irmãs. Eu sou filha única...

— Pat, ainda não compreendeu minha família? As crianças são todas adotadas.

— Eu sei, e acho que vou fazer o mesmo. Adotar algumas crianças.

— Por quê? Não pode ter filhos?

— Não sei. Nunca tentei.

— Podemos praticar a mecânica da coisa e deixar os resultados para mais tarde.

— Agora sou apenas uma mec... — e parou.

Rod fitou-a com ar sério, como se houvesse percebido algo novo nela.

— Você já disse isso outras vezes. Agora sou isso, ou aquilo... Por quê? O que quer dizer?

Pat permaneceu em silêncio, o rosto tingido por um ligeiro rubor. Ameaçou levantar-se da cadeira onde acomodara-se ao chegar, mas ele aproximou-se e passou um braço por sua cintura e outro sob os joelhos, erguendo-a com facilidade.

Agora estava em sua casa, e não precisava perguntar que direção devia tomar. Parava de quando em quando para que ela pudesse apagar as luzes, e finalmente levou-a para o quarto.

Pat lembrou-se da noite em que sentara-se ao lado da janela e vira aquelas mesmas luzes se apagarem. Naquela ocasião, sabia que Glenna estava com ele e sofrerá uma agonia indescritível ao imaginar que Rod estava fazendo amor com aquela ruiva insinuante.

A cama não estava arrumada.

Na verdade, a cama de Rod só era arrumada quando a faxineira mudava os lençóis. Mas ele sequer notou a confusão. A única coisa que importava naquele momento era o fato de estar em sua casa, prestes a fazer amor com Pat em sua cama.

— Sabe por que a trouxe aqui?

Sabia, mas preferiu responder de maneira prática, como uma professora interessada no sucesso de seus alunos:

— Sugiro que verifique todas as portas e janelas e examine os recados da secretária eletrônica. Alguém pode ter tentado encontrá-lo, e há sempre a possibilidade do assunto ser importante ou urgente.

Conseguira distrai-lo.

— Você sempre pensa nas outras pessoas, não é?

— Tenho tempo de sobra.

— Mas só pensa nos outros porque realmente se importa com o bem-estar do próximo.

— Eu nunca tive uma família grande, pessoas que se importassem comigo e participassem da minha vida. Fui obrigada a procurar pessoas em quem pudesse pensar.

— Agora pode pensar em mim. Não sabe como preciso de atenção.

— Que tipo de atenção?

— Tire as roupas, e vou explicar de maneira clara e direta.

Pat colocou um dedo sobre a testa e, assumindo uma expressão confusa, perguntou:

— Tirar as roupas para ouvir uma explicação? Que método mais estranho de expor as próprias idéias. Acha que é mais fácil convencer alguém nu?

— Tenho certeza.

— Fascinante! E como pretende me fazer compreender seu ponto de vista?

— Estou ansioso para demonstrar.

— Vou ter de me deitar no chão e deixá-lo caminhar sobre minhas costas, como os japoneses costumam fazer?

— Oh, não. Pode deitar-se na cama...

— Ótimo! Será mais confortável.

— Deixe-me ajudá-la.

— Oh, não se preocupe. Já me despi sozinha várias vezes, e agora que andei praticando, tudo ficou mais fácil.

— Fique quieta e me deixe ajudar. Gosto de ser útil.

— Se é assim...

Pat ficou imóvel como uma estátua, os braços caídos ao longo do corpo e

uma expressão de falso interesse no rosto.

— Qual é o problema? Nunca foi seduzida? Está me distraindo.

Pat não queria que a primeira noite de amor em sua casa fosse

parecida com a tentativa fracassada que vivera com Glenna. Tinha de ser especial, quente e inesquecível.

Com voz rouca, sussurrou:

— Passei o dia todo tentando distrai-lo, e você só queria me dar banho e fazer coisas indecentes com meu corpo. Indecentes e... deliciosas.

— Oh, sim...

— O que significa que é obcecado por sexo.

— Devo admitir que sim.

— Isso explica muitas coisas.

— O quê, por exemplo?

Já havia terminado de despi-la e, obrigando-a a deitar-se, tocou-a no recanto mais intimo e sensível de seu corpo, mordendo um de seus seios.

— Oh, eu... ainda não tenho certeza.

— E agora? — sussurrou, deslizando os lábios até alcançar o outro seio. Incansáveis, os dedos seguiam em sua exploração íntima.

— Você está estremecendo meu sistema nervoso.

— Só o sistema nervoso?

— Oh, não... Todas as células do meu corpo, incluindo lugares estranhos que eu sequer sabia possuir.

— Que lugares? Este, por exemplo?

— Um pouco mais para baixo.

— Este?

— Ohhhhh... um pouco mais...

— Aqui?

— Ohhhh, siiiiimmm...

— Que escândalo! Papai já havia me prevenido sobre mulheres como você. Fique quieta, e me deixe descobrir até onde pode ser depravada.

— Por que precisa descobrir isso?

— Porque quero ajudá-la a viver de acordo com padrões morais respeitáveis, e preciso saber que tipo de coisa terei de fazer para ensiná-la a comportar-se de maneira mais discreta.

— Vai ter muito trabalho...

— Eu já imaginava. Não sabe que tipo de coisas terei de fazer com você para verificar o que precisa ser mudado em sua conduta. Isso pode ser exaustivo. Acha que é capaz de dedicar os próximos dois meses ao trabalho?

— Não sei, mas vou verificar minha agenda.

— Ótimo. Se está disposta a colaborar, não vai ficar chocada com as coisas que terei de fazer para ajudá-la. Espero que compreenda.

Pat ergueu o corpo e Rod sussurrou:

— Quando você faz isso, seus seios ficam ainda mais provocantes.

— Oh, desculpe — e deixou-se cair de costas sobre a cama.

— Agora a curva de seu ventre ficou muito sedutora.

— Oh — e levantou-se.

— Os seios novamente.

Pat pôs as mãos sobre os seios e tentou escondê-los.

— Não se incomode — ele disse. — Eu cuido disso por você.

Rod espalmou as mãos sobre seus seios e acariciou-os, deixando-os ainda mais rígidos.

— É como eu disse — murmurou. — Seu corpo não tem noção de disciplina. Quanto mais tento esconder seus seios, mas empinados eles ficam. Está atenta à lição?

— Muito. Quer ver?

Devagar, sem desviar os olhos dos dele, tocou-o de maneira íntima e firme.

— Oh! O que está fazendo? — ele gemeu.

— Demonstrando que aprendi a lição. Se temos de impedir que certas partes da anatomia fiquem rígidas, tenho obrigação de retribuir sua ajuda.

— Sua boa vontade é admirável, mas ainda precisa aprender algumas coisas. Existem outras formas de resolver esse pequeno problema.

— Qual, por exemplo?

— Fico feliz por ter perguntado, porquê era exatamente o que eu pretendia demonstrar. O processo é muito simples, e se prestar muita atenção, poderá graduar-se na segunda ou terceira tentativa.

— Estou ansiosa para aprender.

— Pare com isso.

— Por quê?

— Porque este não é o procedimento correto.

— E qual é o procedimento correto?

Rod teve de demonstrar como devia deitar-se e o que devia fazer. Pat fazia perguntas interessadas e pertinentes, e ele sempre acrescentava demonstrações práticas às respostas e explicações. Em seguida ela o imitava, tocando-o, segurando e acariciando, acrescentando toques pessoais e criativos à técnica que acabara de aprender. Rod gemia e contorcia-se, suportando os espasmos de prazer que sacudiam seu corpo excitado.

Com voz rouca, murmurou:

— Segure com força.

Pat obedeceu e manteve-se imóvel durante alguns instantes, mas então notou que ele continuava gemendo e estremecendo, e decidiu retomar o processo, repetindo as lições com perfeição admirável.

Incapaz de conter-se por mais tempo, Pat colocou-se sobre ele e o fez penetrá-la, movendo-se como uma serpente. Rod parecia enlouquecido. Seu corpo contorcia-se e seu rosto transformou-se numa máscara de prazer a agonia. A respiração tornava-se mais acelerada a cada instante, acompanhando os movimentos cadenciados dos quadris da parceira.

As mãos dele a seguravam de forma possessiva, acompanhando a curva suave e arredondada de seu quadril e obrigando-a a aumentar o ritmo dos movimentos.

Era como estar à beira de um abismo, prestes a mergulhar. Sensações estranhas e maravilhosas brotavam de seu ventre, espalhando-se por todo o corpo e fazendo-a estremecer diversas vezes.

De repente Rod emitiu um gemido mais alto e ela fitou-o no rosto, surpresa com a intensidade de sua resposta. Naquele momento, ele entregava-se aos instintos e seguia o curso da natureza, vivendo a mais intensa sensação física

que um ser humano pode experimentar. Era uma resposta tão primitiva e envolvente, que Pat não pôde mais conter-se e seguiu-o no mergulho vertiginoso, sentindo que uma bola de fogo explodia em suas estranhas e a dominava por completo.

Algum tempo depois, Patrícia virou a cabeça sobre o travesseiro e fitou-o.

— Tenho de confessar uma coisa — disse.

— O que é?

— Não estava prestando muita atenção à lição, e acho que perdi detalhes importantes do processo.

— Está querendo dizer que vou ter de repetir as explicações e demonstrações?

— Sinto muito, mas receio que sim.

— As coisas que um homem é obrigado a fazer na vida espantariam um marciano.

— Talvez.

— Já conheceu algum?

— Acho que sim. Você...

— Como descobriu?

— Pelo terceiro olho.

— Onde?

— Na sua testa.

— E quando conseguiu vê-lo?

— Quando eu tirei minhas roupas. Você piscou com o terceiro olho.

— Droga! Nós fomos prevenidos a respeito disso várias vezes, mas... Lembra-se do que eu contei sobre ter sido adotado por Salty e Felícia? Pois nem eles conseguiram descobrir a verdade a meu respeito. Eu não devia ter me envolvido tanto nessa lição. Fiquei chocado, e esqueci de proteger meu segredo.

— Eu fiquei chocada! Vocês marcianos têm uma maneira estranha de fazer as coisas. E são rápidos!

— Eu não estava preparado.

— Estava!

— Não estava. Queria prolongar ao máximo aquela sensação deliciosa, mas você ficou excitada e assumiu o comando como uma selvagem.

— E o que esperava depois de flertar comigo durante o dia todo?

— Flertar? Como é capaz de descrever o dia que tivemos com uma palavra tão... insípida?

— Seu tom de voz ao pronunciar esse insípido foi realmente impressionante. Qual é o problema? A palavra é tão repugnante assim?

— Talvez.

— Você é incapaz de ser insípido.

— Obrigado pelo elogio.

— Não me agradeça. Ainda não tenho certeza se é tão maravilhoso quanto parece. Pode haver algum defeito em sua personalidade. Falta de sensibilidade, por exemplo.

— Duvido.

— Vou ter de observar.

— Faça isso — e sorriu com ar divertido. Em seguida assumiu novamente a expressão séria e anunciou com tom solene: — Sabe que teremos de repetir toda a nossa experiência amanhã, não sabe? Começaremos o dia com sexo, e depois passaremos cada minuto nos provocando. Não sei se serei capaz de suportar mais um dia como o de hoje.

— Meu Deus!

— Esta resposta demonstra que tem um mínimo de sensibilidade.

— Por quê? Eu só estava respondendo à idéia de passar outro dia à beira do abismo.

— Não me diga que pensou em suicídio! Foi tão difícil assim?

— Você nem imagina como.

— Não gosta de um pouco de suspense?

— Bem...

— Eu sabia. Agora está novamente com aquele ar de mulher perigosa, disposta a assumir o controle da situação e tirar vantagem de um pobre homem cansado e indefeso. Está planejando me deixar exausto novamente amanhã. Como acha que conseguirei chegar à loja na segunda-feira?

— Caminhando?

— Quem escreve o seu roteiro?

Mesmo deitada, Pat conseguiu encolher os ombros:

— Eu improviso. Você me dá as deixas, e eu dou asas à minha impressionante criatividade.

— Sabe de uma coisa? Acho que vou vender a loja.

— Vender? Por quê?

— Vamos tentar a sorte na Broadway.

— Está pensando em recriar a Broadway aqui, em Fort Wayne? — ela perguntou, fingindo levar a conversa a sério.

— E por que não? Podemos fazer nossa estréia na velha estação dos bombeiros. A Sociedade de Preservação conseguiu salvar aquele lugar da destruição. Para contracenar com uma atriz quente como você, o local é ideal.

Com cuidado, Pat perguntou:

— Contracenar?

— E claro. Temos de aproveitar esse seu descaramento para algo útil.

— Você gosta do meu... descaramento.

— Digamos que me esforço para suportá-lo. O que acha de um beijinho para começar os ensaios?

Pat ofereceu os lábios e Rod a beijou com paixão.

Quando afastaram-se, ele perguntou com voz rouca:

— Eu já disse que esse foi o melhor dia de toda a minha vida?

— Não, mas eu já imaginava. Minha opinião é parecida.

Mas então ele ficou em silêncio. Nenhuma palavra a respeito de amor, compromisso ou envolvimento. Não perguntou se ela tinha planos para os dias seguintes, e nem planejou coisas que pudessem fazer juntos.

Deitada na cama dele, com a cabeça apoiada em seu peito, Pat teve certeza mais uma vez de que aquela reação era apenas uma coisa passageira. Depois de todos os anos que passara ao lado de Cheryl, Rod colocava sua liberdade acima de tudo.

E era uma escolha compreensível. Ela também sentira-se como um pássaro fora da gaiola quando Fred morrera. Mesmo apaixonada como havia sido, e

apesar de toda a preocupação que tivera com seu conforto e bem-estar, experimentara uma intensa sensação de liberdade depois da morte do marido, e sabia exatamente o que Rod estava sentindo.

E no entanto, se haviam tido experiências tão semelhantes com relação aos cuidados de outras pessoas, por que apenas ela pensava na idéia de envolver-se novamente, enquanto Rod sequer considerava a possibilidade?

Seria mais difícil para um homem? Mas ele não participara diretamente dos cuidados que Cheryl necessitara. Se ela não morasse na casa ao lado e não houvesse oferecido-se para ajudar, Rod certamente teria contratado alguém para a triste tarefa.

Aceitara a permanência da esposa doente em sua casa e responsabilizara-se pelo pagamento de todas as contas, inclusive a dos honorários do médico que a visitava regularmente. O doutor logo percebera que levar a paciente para uma consulta fora de casa seria impossível.

Mas, apesar de não economizar um único centavo para garantir o conforto e o tratamento de Cheryl, Rod jamais estivera preso numa casa com uma pessoa que sequer comunicava-se.

Ou estava enganada?

Talvez...

Pat virou-se de lado e ele protestou:

— Fique quieta. Está balançando a cama.

— Preciso ir para casa.

— Eu passei a última noite com você. Agora é sua vez de retribuir a gentileza.

Com paciência, ela explicou:

— Sua reputação é diferente da minha. Se eu passar a noite aqui, amanhã toda a vizinhança estará comentando.

— E daí? Que falem o que quiserem. Quem se importa?

— Eu me importo.

— Você é um pé no... — e virou-se com um sorriso. — Quer saber onde?

— Não sei se devo perguntar.

— Então me dê sua mão.

— Não sou tão imprudente como pode parecer. Além do mais, preciso da minha mão.

— Prometo que a devolverei em seguida. Já ouviu falar na expressão ver para crer? Pois acabei de inventar outra. Sentir para entender. Serve para pessoas trancadas em quartos escuros.

— Por que não acendemos a luz? Assim eu poderia ver e tudo seria mais simples.

— Patrícia! Não me diga que é uma daquelas pessoas que sentem prazer espionando certas partes do corpo alheio! Você parece uma mulher tão correta!

— As aparências enganam. Esta é uma faceta oculta que gosto de cultivar.

— E sabe como é feito o cultivo?

— E claro que...

— Arando a terra e plantando.

— Ah, não! Não se atreva!

— Eu só estou pensando em fazer uma demonstração prática de como...

— Rod, eu realmente preciso ir. O dia foi maravilhoso, você é um anfitrião fantástico e... bem, diferente. Acho que nunca ouvi falar de alguém como você. Vou me lembrar de tudo o que aconteceu hoje, e certamente jamais saberei como consegui sobreviver.

Rod suspirou, e o gesto o fez lembrar todas as vezes em que Felícia havia sido positiva sobre seu talento dramático.

— Você ainda tem muito a aprender sobre os homens — sorriu. — Mostre-me o pouco que seu marido lhe ensinou.

— Vai ter de me soltar.

— Oh, desculpe — e removeu o braço que mantinha em torno de seu corpo.

— Não se faça de ingênuo. Você me agarra sempre que tem uma oportunidade.

— Pensei que estivesse sendo mais sutil. Como conseguiu perceber?

— Eu sou o alvo de suas investidas.

— E verdade. Digamos que é o meu... recipiente.

— Antonia Fraser escreveu um livro denominado O Vaso Frágil. O título

refere-se às mulheres e sua condição de cidadãs de segunda classe, e a história descreve casos ocorridos há quatro ou cinco séculos, quando elas já tentavam fazer alguma coisa para mudar essa situação. Sabia que as mulheres estão lutando para ter voz ativa há todo esse tempo?

— Não. Eu só cheguei há trinta e oito anos.

— E eu estou presenciando os fatos há vinte e nove.

— Não diga! Começou a lutar pelos direitos femininos desde que nasceu?

— Basta testemunhar um nascimento, um parto, para se perceber quem fica com a diversão e quem faz todo o trabalho.

— O bebê?

Pat respirou fundo e ele comentou:

— Você tem seios lindos.

— São muito pequenos.

— Se fossem maiores, você não conseguiria carregá-los sem perder o equilíbrio.

— Está tentando me distrair?

— Estávamos falando sobre cultivo e plantio, e eu estava prestes a demonstrar como isso é feito na prática, quando você largou seu pano de pratos e começou a fazer discursos sobre os direitos das mulheres.

— Pois eu acho que o momento é perfeito para mencionar algo a respeito do assunto.

— O quê?

— Se não se lembra, eu estava dizendo que precisava ir para casa, porque minha reputação seria arruinada se eu passasse a noite em sua casa.

— Por quê?

— Porque isso não é correto.

— Mas eu passei a noite em sua casa.

— E diferente.

— Qual é a diferença?

Pat suspirou com paciência e respondeu:

— Não sei, mas é óbvio que existe alguma.

— Então vou amarrá-la ao pé da cama, e se alguém mencionar qualquer coisa sobre ter passado uma noite em minha casa, você só terá de dizer que foi obrigada.

Uma noite. Singular. Seria esta a única oportunidade que teria de dormir na cama dele? O que devia fazer? Agir como uma escrava das próprias sensações e concordar? Ou mostrar que tinha vontade própria e personalidade?

— Eu realmente preciso ir.

— Tem certeza? É sua última chance.

— Foi um dia maravilhoso. Obrigada.

— Fique.

— Não posso.

— Então vou acompanhá-la até sua casa.

Ele estava desistindo.

Rod beijou-a com paixão, um beijo longo e profundo, e Pat sentiu que o coração derretia com o calor daquele contato. Retribuindo, deslizou as mãos por suas costas e emitiu um gemido abafado.

Rod afastou-se para fitá-la, visivelmente satisfeito com a própria capacidade de fazê-la reagir tão imediatamente. Rápido, deitou-se de costas e puxou-a sobre o corpo, acariciando-se de forma provocante.

— Vá para casa e descanse — sussurrou. — Você está precisando. Ficarei aqui, quieto e atento. Se precisar de alguma coisa, é só gritar. O telefone fica bem ao lado da cama, e eu ligarei para a polícia e pedirei ajuda para você.

— Você é um cretino — ela riu.

Em seguida levantou-se, recolheu as roupas espalhadas pelo chão e sacudiu-as.

Rod cruzou as mãos sob a cabeça e ficou olhando para o teto com ar pensativo.

— Cretino? O que é isso? Acho que já ouvi o termo antes, mas... Bem, nunca consegui saber exatamente o que significava, exceto que é um insulto.

— Uma pessoa mal formada com desenvolvimento mental retardado.

— Isso explica tudo — e levantou-se para aproximar-se dela.

Pat gritou e correu para fora do quarto, atravessando o hall e dirigindo-se à

porta dos fundos.

Ele a seguiu, rindo e fazendo sons estranhos como grunhidos. Pat saiu como estava, nua, apertando as roupas contra o peito, e entrou em sua casa a tempo de ouvir o telefone tocando.

Atendeu assustada e riu ao ouvir os sons parecidos com o ronco de um animal.

— Você outra vez? — e desligou.

CAPÍTULO VIII

Pat havia acabado de trancar a porta dos fundos e aproximar-se da escada, quando ouviu alguém bater. Rod, com certeza. Ainda estava nua, segurando as roupas junto ao peito.

— Pat? — ele chamou, batendo novamente.

— O que é?

— O que quer dizer com o que é? Sou eu, Rod!

— Eu sei. Algum problema? — e abriu alguns centímetros, tomando o cuidado de manter a porta de tela fechada e trancada.

— Abra a porta.

— Não estou vestida.

— Eu não me importo.

Pat abriu a porta interna e sua pele suave brilhou na escuridão da noite.

— Por favor, me ajude — ele implorou. — Preciso de uma vacina para curar meu vício por você.

— Sinto muito, mas não sei qual é a dose correta.

— Podemos experimentar.

Estava dizendo que desejava curar-se do desejo que sentia por ela?

— O que está fazendo aqui?

— Por que disse "você outra vez", quando eu resmunguei no telefone?

— Porque sabia que era você.

— Ah. Quando respondei daquele jeito e desligou, lembrei-me de que existem pessoas que telefonam para outras e ficam gemendo e suspirando. Pensei que alguém estivesse fazendo isso com você.

— Não.

— Abra a porta. Quero entrar.

— Vá para casa.

— Eu não tenho casa.

— Não seja bobo! Sua casa fica logo ali, bem além da minha garagem — e apontou.

— E só uma construção fria e vazia.

Percebendo que ele falava sério, apesar do sorriso divertido, Pat sentiu-se invadida por uma onda de compaixão e abriu a porta, deixando-o entrar.

— Posso passar a noite aqui?

— Acho que não deve.

— Eu sei. Por favor... — implorou.

Como poderia recusar um pedido tão veemente? Não só o amava, como sentia-se comovida com suas angústias e aflições. Durante todos os anos nos quais Rod vivera na casa ao lado, jamais tivera um lar de verdade, e era óbvio que sentia-se sozinho e perdido.

Rod aproximou-se e beijou-a, abraçando-a com um carinho surpreendente.

— Eu... estou cansado. Passei o dia todo tentando me livrar de uma maluca que insistia em explorar meu pobre corpo indefeso, e preciso de um lugar seguro para repousar.

— Um santuário, por exemplo?

— Seria perfeito.

— Venha comigo.

Pat subiu a escada e ele a seguiu de perto, tocando-a em lugares inesperados.

— Pare com isso!

— Não posso. Sofro de cegueira noturna, e preciso me guiar através do tato.

Rindo, Pat levou-o para o quarto de hóspedes.

— Vai dormir aqui? — ele perguntou.

— Não. Você vai.

— Por quê?

— Porque estou exausta e preciso dormir.

— Ah...

Ele não fez nenhum outro comentário e nem tentou protestar. Devagar, tirou o short e exibiu sua nudez com orgulho, atraindo um olhar de admiração sem malícia. Ou melhor... quase sem malícia.

— Sabe onde encontrar o que precisa — ela disse, preparando-se para sair.

— Sei.

Pat providenciou lençóis e um travesseiro, e depois foi tomar um banho. Quando terminou, deixou a luz do banheiro acesa, como fazia todas as noites, e foi para o quarto. Esperava ter de expulsá-lo de sua cama, mas Rod não estava lá.

Um pouco desapontada, deitou-se e puxou os cobertores. Passou algum tempo acordada, pensando em Rod e em como ele era complicado, no medo que tinha de comprometer-se com alguém e assumir um envolvimento afetivo... Mas estava muito cansada, e adormeceu sem completar o raciocínio.

Pat não soube por quanto tempo havia dormido, mas de repente acordou assustada, e teria gritado se uma mão enorme não houvesse coberto a metade inferior de seu rosto.

— Sou eu. Rod.

Ela removeu a mão que a mantinha calada e perguntou com tom de censura:

— O que está fazendo em minha cama?

— Eu sofro de pavor noturno. Tenho medo de escuro, e preciso de uma mulher forte e corajosa para me acalmar.

— Volte para o quarto de hóspedes. Passei um período de vinte e quatro horas de tortura, e preciso descansar.

— Falando em período, o seu já deu algum sinal?

— Não.

— E isso é bom ou ruim?

— Shhhhhh!

— Já sei. Tensão pré-menstrual — concluiu com tom satisfeito.

Pat emitiu um suspiro irritado e ele ofereceu:

— Quer que eu massageie seus ombros para aliviar a tensão?

— Não.

Rod acendeu a luz e ela piscou rapidamente, antes de serem novamente envolvidos pela escuridão.

— Desculpe. Só queria ter certeza de que estou falando com a mulher que esteve em minha cama há algum tempo.

— Já viu? Agora pode ir dormir.

— Então feche os olhos e descanse, está bem? Amanhã será outro dia...

— Eu sei, e é isso que me preocupa.

— Por quê? Está adquirindo o hábito de preocupar-se por antecipação, e isso não é bom para...

— Vá dormir!

— Estou indo.

Pat não conseguia esquecer da presença dele em sua cama. O calor do corpo de Rod a atingia com intensidade assustadora, e de repente o calor tornou-se insuportável e ela teve de livrar-se das cobertas.

— Shh — ele reclamou.

Gostaria de dizer a ele que ninguém a mandava ficar quieta em sua própria cama, mas estava cansada demais para iniciar uma discussão e manter-se acordada por tempo suficiente para vencê-la. Devagar, relaxou e adormeceu embalada pela respiração lenta e profunda de Rod.

Pouco depois acordou novamente, mas desta vez não estava assustada. Rod a virara na cama, e estava tentando afastar seus joelhos sem despertá-la.

— O que pensa que está fazendo?

— Fale baixo — ele sussurrou. — Tenho um teste de anatomia amanhã e acho que ainda não estudei o suficiente. Preciso esclarecer algumas dúvidas, e como você não está fazendo nada, pensei que não se importaria de me ajudar. Tentarei ser breve. Volte a dormir, está bem?

E ela riu.

Devagar, Rod deitou-se sobre ela e penetrou-a com facilidade, demonstrando o quanto estava pronta para ser possuída.

— Ahhhhhhh...

Pat não movia um único músculo. Não era necessário. Ele fazia tudo sozinho, gemendo e contorcendo-se num prazer intenso que a envolvia por completo. Seus sussurros e movimentos lentos eram mais que suficientes para os dois e, juntos, atingiram o clímax.

Depois de alguns instantes, Rod beijou-a no rosto e levantou-se, deixando-a sozinha para finalmente tentar descansar.

Pat virou-se de lado e cobriu-se, e estava quase adormecendo quando ele voltou para a cama. Silencioso, cobriu-se e acomodou o corpo ao dela, envolvendo-a em seu calor. O som de sua respiração profunda a fez relaxar, e ela adormeceu pensando na enorme diferença existente entre os homens.

Quando acordou, descobriu que estava sozinha na cama. O sol brilhava além da janela, e Pat espreguiçou-se demoradamente, esticando os músculos cansados e sentindo-se absolutamente satisfeita. Lembrou-se de ter tido sonhos realmente quentes, e olhou para o travesseiro vazio a seu lado. Estava arrumado, como se ninguém o houvesse usado. Teria sonhado com Rod em sua cama?

Teria sonhado que ele a procurara no meio da noite dizendo que tinha medo do escuro? Na noite anterior, estivera tão cansada que não conseguia confiar na própria memória. Havia sido um dia longo e envolvente... Sorrindo, olhou para o teto e pensou no homem maravilhoso com quem passara aquelas horas de loucura.

De repente ouviu um ruído no andar de baixo e ficou imóvel, atenta, tentando defini-lo. Talvez um quadro caindo da parede... Eram sempre uma surpresa desagradável no silêncio da noite. Por que nunca caíam dos pregos durante o dia, quando sempre havia alguém por perto?

O som repetiu-se e ela levantou devagar, rígida, aguçando os ouvidos e respirando fundo para acalmar-se.

Um degrau da escada rangeu. Havia alguém na casa!

Decidida, abriu a gaveta do criado mudo e apanhou a arma que deixava sempre preparada. Ergueu-a...

A porta abriu-se e Rod atirou-se no chão num movimento automático.

— Não atire!

— Rod?

— Já ouvi histórias sobre mulheres que negam tudo na manhã seguinte,

mas apagar as pistas praticando um homicídio já é exagero!

— Você me assustou!

— E o que acha que fez comigo? Não quero mais saber de armas dentro de casa!

— Desculpe, mas você me surpreendeu e...

— Você também me surpreendeu. Meu Deus!

Rod continuava no chão, cercado pela bagunça que minutos antes era um café da manhã.

— Oh, não! — Pat exclamou, levantando-se e aproximando-se dele. — Você trouxe o café para mim!

— Era o que eu pretendia, mas acho que foi trabalho perdido.

— Era o mínimo que podia fazer depois de ter esgotado minhas energias!

— Eu não fui tão cruel assim! Não o suficiente para ser ameaçado com uma arma!

Pat obrigou-o a apoiar a cabeça em suas coxas nuas e apanhou um guardanapo para limpar os ovos de seus cabelos.

— Podia ter se machucado.

— E você podia ter me matado!

— A arma estava travada. Sei como lidar com um revólver, Rod. Não precisava jogar a bandeja no chão e gritar como um desesperado.

— Não sabe como esta notícia me deixa feliz — Rod respondeu com ironia.

— Veja só a sujeira que você fez.

— Devia estar satisfeita por não ter de limpar manchas de sangue!

— Eu tenho de estar preparada para reagir em quaisquer circunstâncias. Sou uma mulher sozinha, e preciso cuidar de mim mesma. Não costumo sair atirando por qualquer coisa.

— Vamos nos livrar desse revólver.

— Ei, esta casa é minha!

— Então dormiremos na minha.

— Rod, você está exagerando.

— Alguma vez preparou o café da manhã para uma pessoa e foi recebida por um arma apontada para sua cara?

— Quer parar com isso? Está ficando paranóico!

— Vi minha vida inteira desfilando diante de meus olhos.

— Mas eu só apontei...

— Todas as cenas em ritmo acelerado, e depois a escuridão. O nada!

— Deixe de ser dramático!

— Jamais diga isso a Felícia.

— Sua mãe?

— Ela passou anos tentando me incluir no elenco de suas peças, e eu nunca quis participar. Felícia dizia que eu tinha um grande potencial artístico, e se algum dia se atrever a comentar com ela que sou capaz de agir com tanta dramaticidade, jamais conseguirei me livrar dela. Além do mais, não sou dramático. Você só disse isso porque sabe que me assustou com aquela arma, e está tentando se livrar da responsabilidade. Quer me convencer de que reagi com exagero.

— Nós temos um excelente grupo de teatro aqui em Fort Wayne. Eles estão ensaiando...

— Não mude de assunto! Preciso me acalmar, e você não está ajudando em nada.

Pat apanhou um morango da bandeja, mergulhou-o na tigela com o que restava do creme e o fez comê-lo.

Rod abriu a boca sem protestar e mastigou-o, enquanto ela afastava os cabelos de seu rosto.

— Está sendo gentil para me convencer a não processá-la.

— Bem, eu faço o que posso. Duvido que um júri, por mais maluco que seja, acredite que você estava com medo de ficar sozinho num quarto escuro, e que veio dormir na minha cama porque queria que eu o protegesse das coisas que o atacam no meio da noite. Basta olhar para o seu tamanho e a história seria arruinada. Num tiro...

— Não diga esta palavra!

Rod deixou-se cair deitado no chão, a cabeça apoiada em suas pernas nuas, bem perto de seus seios, e os olhos fixos no rosto solene e preocupado. Estava

gostando de ser o alvo das atenções de Pat, e divertia-se com o jogo de provocação. Tomara conhecimento da arma na noite anterior, e sabia que a trava de segurança impedia um disparo acidental. No momento em que encontrara o revólver, verificara se estava carregado e travado.

Em silêncio, deixou-a escolher os métodos com que o acalmaria. Saboreou o biscoito com geléia caseira e sorriu, sem desviar os olhos de seu rosto. Felícia era uma mulher estranha. Tão divertida e imprevisível... Quem mais pensaria em tranqüilizar um homem adulto alimentando-o com pedaços de uma refeição espalhada pelo chão?

Enquanto mastigava uma fatia de torrada com mel, concluiu que jamais conseguiria imaginar o final de uma daquelas conversas que tinham. O raciocínio dela funcionava de maneira... diferente, e estava surpreso com a rapidez com que havia aprendido a acompanhá-la. Quem poderia imaginar que uma simples troca de palavras podia transformar-se numa aventura excitante?

Como sua vida havia sido vazia! Pensara que fosse apenas a falta do sexo, mas desejo e atração física não eram suficientes para estabelecer um relacionamento físico. Existiam mais coisas a serem divididas, desfrutadas e descobertas.

Amigos. Quantos amigos Pat conquistara, pessoas que a adoravam e respeitavam de verdade, que a recebiam com simpatia e que, por conseqüência, agora o tratavam da mesma maneira?

Como ela conseguira preencher a própria vida e torná-la gratificante. O jardim, os amigos, a casa, as cores e o conforto, todas os cuidados que tomava para tornar aquele lugar agradável aos olhos e ao coração...

E ele ainda tivera a coragem de acreditar que, exceto pelo celibato, também vivia de maneira satisfatória! Agora entendia porque Salty havia dito que Cheryl o arrastara para o isolamento. No momento em que tomara conhecimento da avaliação crítica que o pai fazia de sua vida, não só não a compreendera, como ficara furioso.

Mas agora estava começando a perceber como uma vida podia ser repleta e satisfatória.

Olhou para o rosto sereno de Pat e, abrindo a boca para receber mais um morango, perguntou:

— Acha que o chão está limpo o bastante para me alimentar com coisas espalhadas sobre ele?

— Saberemos em poucas horas. Se não ficar doente...

Era sempre assim. Qualquer outra mulher teria ficado ofendida ou embaraçada, mas Pat transformava o assunto em piada e divertia-se com o assunto.

— Felizmente não tem cães ou gatos.

— Bem, um gato lamberia todo esse creme, e um cachorro comeria os ovos. Eles ajudariam na limpeza.

— Você é estranha, sabe?

— Por quê? Só porque percebi que gatos e cães gostam de creme e ovos?

— Não. Porque derrubei uma bandeja de comida no seu quarto, estou deitado com a cabeça em suas coxas nuas, e você só pensa em me alimentar com os petiscos que ficaram espalhados pelo chão.

— Você não recusou.

Mais uma demonstração de seu comportamento descontraído. Não respondia de forma a provar que não era estranha, nem o chamava de grosso ou devolvia a ofensa. Apenas o fazia lembrar que participava de sua loucura, aceitando a comida que ela recolhia do chão.

Pat continuou selecionando os pedaços menos destruídos e o alimentando, e Rod sempre os aceitava. Depois de alguns minutos ela olhou em volta e disse:

— Acabou. O que resta está esmagado ou fora do meu alcance.

Mas Rod ergueu a cabeça e lambeu os restos de uma framboesa que caíra entre seus seios. Pat sorriu, suportando-o com uma das mãos e inclinando-se para tornar a região mais disponível.

— Como pode estar interessado em sexo numa hora como esta?

Rod consultou o relógio:

— São dez e vinte. O que há de errado com a hora?

— Estou falando de todas as vezes da noite passada...

— Você estava dormindo! O que pode saber sobre a noite passada? Apenas gemeu, suspirou, contorceu-se, mas não acordou para me ajudar.

— Ajudar? Por quê? O que estava acontecendo?

— Nunca conheci uma mulher capaz de me esfriar tão depressa.

— Ainda não viu nada.

— Estou falando sério. Minha libido nunca atingiu níveis muito altos. Uma vez por dia já era mais do que suficiente, mas com você as coisas mudaram. Passo o tempo todo pensando em tudo o que fazemos juntos, e chego a arder com a necessidade de tocá-la e estar dentro de você.

— Então foi isso o que aconteceu na noite passada?

— Eu tomei cuidado para não acordá-la, e só a possuí duas vezes. Ficar deitado a seu lado era uma tortura, e não pude resistir.

— Podia ter voltado para o quarto de hóspedes.

— E ficar longe de você? De jeito nenhum!

Pat não respondeu, usando o silêncio como uma forma de obrigá-lo a pensar no que acabara de dizer. Teria pensado nas próprias palavras?

Inclinando-se, beijou-o na testa e sentiu os lábios novamente em seus seios.

Ergueu o corpo em seguida, interrompendo o contato erótico, e viu que ele a fitava com um sorriso no rosto.

— Acho que devia ir tomar um banho — disse. — Você está todo sujo.

— Por que não cuida disso por mim?

Pat riu, sentindo-se tentada a seguir a sugestão.

— Só quero que pense numa coisa — ele prosseguiu. — Se eu permitir que me dê banho, vai ter de retribuir a gentileza.

— É uma troca justa. Venha comigo.

— Eu serei o primeiro.

Rod ocupava boa parte do espaço sob o chuveiro, e ela teve de movimentar-se em torno de seu corpo para desempenhar a tarefa de lavar todas as partes.

A certa altura, notando que ele começava a reagir de acordo com o esperado, ela censurou-o:

— Pare com isso e comporte-se!

Depois inverteram os papéis, e foi a vez dela ser banhada.

Quase uma hora mais tarde, tomaram o café da manhã na varanda nos fundos, e Pat usava apenas o quimono de seda e uma toalha em torno dos cabelos molhados. Rod vestira o short velho com que chegara na noite anterior.

— Acho que preciso trazer uma parte das minhas roupas para cá — ele sugeriu.

— Por quê? Sua casa fica logo ali — e apontou para a cerca. — Vá até lá e troque de roupa.

— E quando o inverno chegar? Os ventos gelados me impedirão de sair e atravessar o quintal para mudar de roupa.

— Então terá de tomar mais cuidado quando escolher os trajes para me visitar.

Estaria pensando em prolongar aquele relacionamento até o inverno? Era um homem de trinta e oito anos, e jamais falava em permanência. Apenas em estarem juntos, sem nenhum compromisso.

Se queria realmente uma família, como havia dito, devia estar procurando uma esposa, e se não a julgava adequada à posição, um relacionamento tão longo seria apenas perda de tempo, especialmente para alguém da idade dele. Seria apenas uma conveniência, alguém disponível para saciar a lacuna deixada por todos aqueles anos de solidão e abstinência? Quando descobrisse que estava satisfeito e pronto para retomar a vida com um pouco de equilíbrio, afastaria-se dela?

Estaria apenas usando seu corpo ardente e disponível?

Sabia que devia afastar-se dele para o seu próprio bem. Seria a atitude esperada de qualquer pessoa com um mínimo de bom senso. Não devia permitir que ele passasse a noite em sua casa novamente. Sabia que não era capaz de afastar-se definitivamente e de imediato, mas tinha de encontrar uma forma de proteger-se contra sua necessidade de companhia e prazer.

Rod poderia destruí-la simplesmente descobrindo o desejo por outra mulher. Tinha apenas vinte e nove anos, e ainda podia aproveitar a vida como bem entendesse... desde que fosse cuidadosa e protegesse seus sentimentos.

— Esse quimono é maravilhoso. Onde o comprou?

— Na França.

— Vamos até lá para comprar outro. O que acha de um final de semana em Paris?

Ela riu.

— Não sabe como fica linda quando ri desse jeito. Sinto coisas que...

— Outra vez? Impossível!

— Eu só disse que gosto do jeito como você ri.

— Então, por que estou sentada em seu colo, e não na cadeira?

— Meu Deus! Como veio parar aqui?

— Levitação.

— Você é divertida, encantadora, sensual e poderosa.

— Poderosa? Que tipo de poder acha que eu tenho? — e levantou-se, apoiando uma das mãos em seu estômago nu.

— O sexo.

Pat pôs as mãos na cabeça com ar teatral e foi sentar-se na cadeira diante dele.

Rod prosseguiu:

— Essa sua atitude é egoísta. Por que me faz esperar indefinidamente, quando sabe que pode me fazer um homem feliz sem nenhum esforço?

Ela ergueu o corpo e fitou-o com expressão solene:

— Disse que o faço esperar... indefinidamente?

— Bem... — e riu. — Ainda não respondeu. O que acha de um final de semana em Paris?

— As pessoas só vão a Paris na primavera.

— Em abril? Não sei se poderemos esperar tanto. Acha que esse quimono vai durar até lá?

O quimono sim. Mas... e eles?

— Estou pensando em prolongar o fim de semana. Não descanso há tanto tempo, que gostaria de ficar longe da loja ao menos uma segunda-feira. Sabe jogar golfe?

— Mais ou menos.

— Ótimo. Não precisamos competir, e eu não terei de me preocupar com o vexame. Não jogo há anos, e não sei se ainda sou capaz de segurar um taco.

— Tenho alguns compromissos marcados para amanhã. Prometi ajudar duas mães solteiras, e não sei se poderei cancelar o encontro.

— Como se envolveu nisso?

— Mantemos um programa de apoio a mães solteiras, e várias voluntárias

participam projeto. Montamos cursos para que as mulheres possam encontrar melhores empregos e cuidar de seus filhos com um mínimo de dignidade. As vezes as voluntárias precisam até cuidar dos bebês para que as mães possam ir às aulas.

— Isso é muito bom. E como são as crianças?

— Como todas as outras. As vezes comportadas, as vezes insuportáveis, mas sempre adoráveis.

— Aposto que exige demais dos pobrezinhos.

— Não. Sou rígida para que eles aprendam o valor da disciplina, mas procuro tratá-los com carinho e atenção.

— Eu já esperava algo parecido. Devia ter filhos.

— Pretendo ter alguns.

— Já discutiu o assunto com algum homem?

Por que deveria?

— Não. Pelo menos não de maneira mais séria.

— Eu passei o final de semana com você.

— E eu adorei. Não me envolvia com um ano há... muito tempo.

— Por quê?

— Porque não me interessei por nenhum em especial.

Não era verdade. Há quanto queria estar nos braços de Rod?

— Está querendo dizer... que fez apenas uma experiência comigo?

Como poderia responder sem trair os verdadeiros sentimentos?

— Digamos que aproveitei para recordar o sabor da fruta.

— Ah... Fico feliz por ter estado por perto quando você decidiu prová-la novamente.

Como alguém podia ser tão estúpido? Pat fitou-o em silêncio.

— Você é uma mulher especial.

Depois de alguns instantes de silêncio, ela respondeu:

— E você é o que qualquer mulher pode desejar.

Rod sorriu satisfeito e ela sentiu o rosto vermelho, mas sustentou seu olhar intenso.

— Vamos visitar a feira de Kendallville?

— Que tipo de feira é essa?

— Não sei, mas podemos descobrir.

Kendallville não tinha nenhuma feira àquela época do ano. A cidade era pequena e encantadora, e os habitantes aproveitavam o domingo ensolarado nos lagos, ou visitando amigos e parentes.

Rod estacionou o carro e, juntos, caminharam pela rua principal observando as vitrinas das lojas. Depois percorreram as ruas laterais e descobriram casas encantadoras e elegantes, cercadas por árvores frondosas e jardins bem cuidados.

Compraram sorvetes e continuaram passeando pela cidade, admirando a beleza de cada lugar.

Ao anoitecer, voltaram para Fort Wayne e jantaram pizzas na casa de Pat. Rod decidiu ajudá-la, e criou recheios diferentes e saborosos. Era generoso nas porções, e divertiram-se muito preparando o jantar.

Mais tarde, sentaram-se na varanda para admirar a beleza do céu estrelado.

Falaram sobre as coisas que faziam quando eram crianças, e Rod contou mais sobre Salty e Felícia, dizendo como havia sido fazer parte de uma família tão numerosa e diferente. Também disse como esperava ter uma família parecida, e os dois ficaram em silêncio, pensativos.

Pat também falou sobre sua infância e juventude. Seu pai fora um importador e ela viajara muito. Freqüentara um colégio interno no exterior, e a experiência fora inesquecível e enriquecedora. Havia sido a primeira vez em que passara mais de duas semanas no mesmo lugar.

Depois disso, as férias transformaram-se numa aventura excitante, e ela havia aprendido a pesquisar lojas e mercados em busca de coisas interessantes e desconhecidas. Fora um período maravilhoso.

Seu casamento havia sido estável e tranqüilo.

Rod ouviu as duas palavras e experimentou uma estranha curiosidade, imaginando se havia sido isso que ela buscara na união.

— Podia ter entrado no ramo de importação com seu pai — comentou.

— Ele era casado com uma suíça, e mamãe com um espanhol. Eu precisava criar raízes em algum lugar, e por isso vim para cá.

— E casou-se com Fred.

— Isso mesmo.

— E teve uma vida quieta e estável.

— Ingressei em todas as organizações da cidade. Diga uma delas, e eu responderei que participei de suas atividades até que a instituição passasse a funcionar com um mínimo de ordem.

— Você é uma organizadora.

— Era.

— E o que faz agora, além de dar aulas para mães solteiras e cuidar de seus bebês para que elas possam estudar?

— Trabalho no hospital, crio os cenários do teatro cívico e faço um curso de arte.

— Resumindo, preenche todo o seu tempo.

— Tive um marido doente que jamais pôde ter vida social. Eu precisava encontrar uma maneira de ver outras pessoas.

— Você é uma mulher surpreendente.

— E sou boa na cama?

— O sonho de todos os homens.

E daí? Para que servia isso?

— Você é um amante maravilhoso, Rod. Espero que tenha consciência disso. Não sou muito experiência, mas já conheci outros homens, há alguns anos, e ainda me lembro dessas ocasiões. Nenhum deles demonstrou a consideração e o cuidado que você tem com uma mulher.

— Onde eles estão?

— Humm?

— Os homens que você conheceu. Onde estão?

Ela encolheu os ombros:

— Não estou citando ninguém em especial. Só falei neles porque queria provar que merece os elogios.

— Sentiria-se elogiada se eu dissesse que dormi com várias mulheres, e que por isso percebi o quanto é boa na cama?

A hostilidade em seu tom de voz a surpreendeu. Estava ofendido, porque não queria imaginá-la nos braços de outro homem. Teria idéia de que isso indicava o quanto era possessivo? Pat fitou-o e respondeu:

— Provavelmente não me importaria com isso.

Rod desviou os olhos, como se de repente estivesse mais interessado rio céu estrelado do que em qualquer outra coisa. Depois de alguns instantes de silêncio, respirou fundo e respondeu:

— Nem eu.

— Desculpe.

— Não estou pedindo que se desculpe.

— mas eu senti necessidade.

— Pelo amor de Deus, Pat, pare com isso!

Ela ficou em silêncio.

A pausa prolongou-se e Rod parecia inquieto em sua cadeira, enquanto ela permanecia imóvel.

De repente ele fitou-a e, visivelmente chocado, anunciou:

— Estamos enfrentando nossa primeira discussão!

— Aleluia!

— Não faça piadas, Pat. Este é um marco importante.

— Que bom.

— Você está realmente irritada comigo, não é? E o começo de uma verdadeira amizade. Só os amigos sinceros e leais podem discutir e ficar furiosos um com os outros sem se afastarem. Acha que vamos sobreviver a esta discussão?

— Em que termos?

Pronto. Conseguira pôr as cartas na mesa. Agora, ele que colocasse suas verdadeiras intenções.

— Vou dizer em que termos. Nunca mais mencione outros homens em minha presença! Nunca mais me faça lembrar que dormiu com mais alguém!

— Ah, pelo amor de Deus!

— Escute aqui, Pat, falar sobre outros amantes é um tabu, entendeu? Estou falando sério!

— Muito bem, como quiser!

— Melhor assim.

CAPÍTULO IX

Na segunda-feira, Rod e Patrícia saíram bem cedo para jogar golfe. Rod era melhor do que havia dito, mas ela não se importou. Era uma jogadora medíocre, e teria perdido a partida de qualquer forma.

Alugaram um pequeno veículo para movimentaram-se pelo campo e não se preocuparam em escolher os tacos com cuidado, apanhando as primeiras sacolas que encontraram disponíveis para aluguel. Outras pessoas os encorajavam quando passavam por eles em seus veículos, e o dia foi divertido.

Não tinham pressa, e sempre cediam a vez a outros jogadores. Conversaram, riram e brincaram como crianças, e Rod aproveitou para provocá-la quando, ao passarem por uma fonte, ele molhou os dedos e deslizou-os por seu rosto. Rápido, fugiu para evitar a vingança, impedindo que ela também o molhasse.

Em alguns momentos, agiam como se não houvesse mais ninguém no mundo, e sequer notavam as outras pessoas que, sorrindo, observavam seu comportamento relaxado e alegre. Pat atraía vários olhares masculinos, mas nenhum dos dois parecia perceber.

Nenhum dos dois divertia-se tanto há anos. Suas vidas haviam tomado um desvio imprevisível, como acontece com muita gente, e ambos haviam perdido anos durante os quais poderiam ter conhecido os prazeres da juventude.

Rod desafiou Pat a tentar uma tacada mais difícil partindo de um terreno onde a grama crescera demais, e quando chegaram ao local indicado, ele disse que ela podia tirar as roupas e dançar como uma das garçonetes orientais no restaurante exótico que haviam visitado.

— Oh, não! — ela riu. — Odiaria descobrir que fui a causa da desilusão de algum jovem mais fogoso.

— Você o inflamaria de tal forma, que o pobrezinho se transformaria num maníaco erótico.

— Nesse caso, acho que sei o que aconteceu com você. Ficou inflamado com as garçonetes, especialmente com aquela loira que parecia não ter ossos, e agora eu estou pagando pelo que não fiz.

— Então você percebeu!

— E quem não teria notado?

— Não sei o que vi naquela loira... Na verdade, eu não a vi realmente.

— Ah, pare com isso! Não precisa mentir!

— E verdade! Como poderia vê-la, se estava olhando para você? Estava tão atenta! Assistia a tudo como se aquela criatura sobre a mesa fosse um ser de outra galáxia que nunca mais voltaria a aparecer diante de seus olhos curiosos, e como se esperasse que alguém a obrigasse a descrevê-la ou, pior ainda, imitá-la.

— Então já percebeu que sou basicamente uma observadora.

Rod riu com vontade, os olhos brilhantes fixos em seu rosto.

Mais tarde, passaram pelo restaurante do clube de golfe e compraram vários tipos de comidas e bebidas, e levaram o piquenique para um local afastado à beira do rio.

Os encarregados da manutenção do campo eram pagos para cuidarem apenas da área restrita ao jogo, e jamais aproximavam-se do rio. As crianças permaneciam no parque colorido e repleto de brinquedos, divertindo-se nas balanças e escorregadores, e os tenistas mantinham-se sempre dentro dos limites das quadras, vivendo a ilusão de serem criaturas especiais e distantes do resto do universo. O resto dos freqüentadores do clube preferia a área do bar, onde podiam conversar e saborear bebidas geladas.

Alguns levavam seus cães para passear no clube, menos movimentado que o parque municipal, e por duas vezes um dos animais ameaçou aproximar-se da cesta de comida. Havia um homem lendo um jornal num carro estacionado na estrada, e Rod assobiou para chamar sua atenção. O homem virou-se para fitá-lo, Rod apontou para o cachorro e ele balançou a cabeça.

Finalmente, quando o animal começou a manifestar os primeiros sinais de histeria, os dois decidiram voltar para o restaurante e dividiram uma mesa com dois funcionários do clube.

Sentindo-se protegida pela presença máscula de Rod, Pat tomou a liberdade de cumprimentá-los e fazer perguntas:

— Por que permitem a entrada de cães no clube? E por que não exigem que os donos os mantenham presos?

— Na verdade, eles deviam estar presos.

— O que acha de trabalhar num lugar como esse, cheio de crianças?

Um dos trabalhadores olhou em volta e perguntou com ironia:

— Se isso é um interrogatório, espere a chegada do meu advogado.

— Eu só estava curiosa. Também trabalho com crianças, e gostaria de saber se há alguma diferença entre o que faço e o que vocês fazem.

— Se está tão interessada, posso ir buscar meia dúzia delas para satisfazer sua curiosidade.

Rod decidiu interferir:

— Oh, não, por favor! Eu já a mantenho muito ocupada.

— Posso imaginar. Jogando golfe, numa segunda-feira... — um deles sorriu.

— Estou desempregado — ele mentiu.

O outro funcionário sugeriu:

— O que acha de dirigir um desses veículos ridículos? O salário é baixo, mas você pode adquirir um belo bronzeado e alguns carrapatos.

Os empregados do clube terminaram de almoçar a partiram.

Assim que ficaram sozinhos, Rod perguntou:

— Você sempre conversa com estranhos como se os conhecesse há séculos?

Ela afirmou com a cabeça, confiante e séria:

— Gosto de pesquisar o caráter das pessoas.

— Não minta para mim! Havia um propósito em todas aquelas perguntas.

— Não pode estar insinuando que sou uma mulher bisbilhoteira, xereta, indiscreta e...

— Não é?

— Não!

Quando voltaram para casa, a luz vermelha da secretária eletrônica estava piscando, avisando que alguém deixara uma mensagem. Pat verificou a fita e descobriu que sua mãe havia telefonado da Espanha para saber notícias. A luz continuava piscando, indicando que ainda havia algum recado, e Pat surpreendeu-se com a voz angustiada de um dos filhos de Alice.

— Mamãe está machucada! Pode vir nos ajudar, por favor?

Franzindo a testa, olhou para Rod e disse:

— Alice é uma das pessoas que ajudo sempre que posso. Ela tem duas crianças, e nenhum parente próximo com quem possa contar para uma eventualidade. O marido morreu num acidente de motocicleta. Não estava usando capacete, não tinha seguro... Um estúpido! Alice recebe ajuda de uma instituição social e trabalha para complementar o sustento dos filhos. Nas horas vagas, faz um curso de computação. Ela está inscrita do programa de auxílio a mães solteiras, e eu fui encarregada de acompanhá-la durante a etapa inicial. Preciso telefonar para saber o que aconteceu.

Depois do terceiro toque, uma voz feminina a atendeu do outro lado da linha e explicou:

— O problema é sério, Patrícia. Ela escorregou numa escada de metal e parece que quebrou o pescoço.

— Pode ficar aí com as crianças?

— Infelizmente não. Tenho minha própria família, e só estava esperando sua chamada.

—- Já estou indo para aí.

Pat desligou e virou-se para Rod:

— Sinto muito, mas...

— Não precisa dizer mais nada. Posso ajudar em alguma coisa?

— Não sei, mas telefonarei se houver algo que possa fazer.

— Deixe o endereço e o número do telefone da casa de Alice. E por favor, não deixe de me manter informado.

Ela sorriu, aproximou-se e beijou-o nos lábios.

Rod abraçou-a com força, como se temesse perdê-la, e aproveitou para sussurrar:

— Tome cuidado, está bem? Não chegue perto da tal escada de metal.

— Fique tranqüilo.

Rápida, Pat tomou banho, mudou de roupa e partiu para a casa dos Wilson. Era um lugar pequeno, e a bagunça dominava cada recanto do espaço reduzido. Sem sequer cumprimentá-la, a babá substituta levantou-se e partiu, obviamente aliviada por livrar-se da missão. Pat teve de segui-la até o portão para agradecer por ter ficado com as crianças.

— Já tenho crianças demais para tomar conta — ela respondeu de mau

humor, referindo-se aos próprios filhos.

De que adiantaria discutir? Algumas mulheres são incapazes de reconhecer a felicidade.

Suspirando, Pat voltou para a sala e telefonou para o hospital. Queria saber se as crianças poderiam ir visitar a mãe, Alice Wilson.

Depois de explicar quem era, por que estava ligando, que informações procurava e quais eram as circunstâncias, Pat foi informada de que a lesão era mais grave do que se pensara a princípio. Não era apenas um pescoço quebrado. Alice estava morta.

Vencido o impacto inicial, ela perguntou se poderia levar as crianças ao hospital para que vissem a mãe pela última vez.

— Sim, pode trazê-las — respondeu a enfermeira. — Quer que o pastor esteja aqui para confortá-las?

— Acho que eles não pertencem a nenhuma igreja em particular, mas se puder encontrar alguém com experiência nesse tipo de situação, eu ficaria grata. Não sei sequer como dar a notícia às crianças.

— Você os conhece bem?

— Não. Sou voluntária do programa de auxílio a mães solteiras, e fui encarregada da família Wilson. Mas Alice estava inscrita há pouco tempo, e só tive a oportunidade de ver seus filhos duas ou três vezes.

— É estranho. Seu nome era o único na lista de pessoas que ela indicou ao hospital.

— Alice tinha apenas as crianças.

— Ah. Isso é muito duro.

— Sim, eu sei.

O menino tinha cinco anos de idade, e a garota ainda não completara quatro; Não sabiam o que havia acontecido com a mãe, mas estavam assustados e a fitavam com olhos brilhantes e arregalados.

— Onde está mamãe? — o menino perguntou.

— Ela se machucou, meu amor. Vou levar vocês dois para vê-la.

Quando chegaram ao hospital, algumas pessoas conhecidas já esperavam para oferecer ajuda. Eram mulheres que a conheciam do programa de auxílio a mães solteiras, e que haviam sido informadas a respeito da morte de uma das

beneficiadas.

O pastor era um homem jovem e muito gentil.

— Já contou a verdade às crianças? — perguntou.

Pat balançou a cabeça.

Ele mordeu o lábio e hesitou, mas em seguida respirou fundo e, com a coragem dos que já enfrentaram grandes dores, aproximou-se das crianças e perguntou seus nomes. Ambos olharam para Pat, lembrando-se do que haviam aprendido sobre não dizerem seus nomes a estranhos.

— Desculpe, eu não os apresentei — ela disse. — Pastor Jorkin, estes são Sam e Mary, os filhos de Alice Wilson. Crianças, este é o pastor do hospital. Ele está aqui para ajudar as pessoas com problemas, e gostaria muito de conversar com vocês.

— Venham, meninos, vamos nos sentar ali — o religioso convidou. — Nós usamos essa sala especialmente para conversar com Deus. Ele pode nos ouvir em qualquer lugar, mas este é um lugar especial. E... bem, eu tenho notícias tristes para vocês dois.

As crianças agarraram-se às pernas de Patrícia. Seus olhos brilhavam intensamente, revelando o medo que sentiam diante do desconhecido, e suas pequenas mãos agarravam-se à única fonte de segurança de que dispunham naquele momento.

A força de Pat ameaçava abandoná-la diante do quadro comovente, e ela teve de piscar várias vezes para conter as lágrimas.

Com muita calma e bondade, e uma escolha sensata de palavras, o pastor Jonkins contou a Sam e Mary sobre a morte de Alice. Explicou que seu espírito havia deixado o corpo como uma borboleta que abandona o casulo, enfatizando que este casulo era apenas uma casa temporária, como o corpo é para o espírito. Agora, o espírito de Alice Wilson seria recebido no céu.

Sério, o pastor prosseguiu:

— Ela não queria deixá-los, mas machucou-se muito e o corpo ferido não pôde mais abrigar um espírito tão belo e alegre. Sendo assim, ela não teve escolha. Vão senti-la perto de vocês de vez em quando, e nesses momentos terão certeza de todo o amor que ela sente por vocês.

Com os olhos cheios de lágrimas, Sam comentou com valentia:

— Eu já vi um sapo morto. Ele foi esmagado por um carro.

O pastor compreendeu o significado de suas palavras e respondeu:

— Sua mãe não foi esmagada. Ela continua linda, e seu rosto tem uma aparência muito tranqüila. Venham, vou levá-los para dizer adeus. Prometo que ficarei com vocês o tempo todo.

Pat conhecia Alice há dois anos, e embora só a encontrasse em raras ocasiões, simpatizara com ela desde o primeiro momento. Gostaria de poder confortar aquelas crianças, mas sabia que não seria capaz de dizer palavras sábias como as do pastor, e preferia ficar em silêncio para não aumentar a tristeza dos pequenos com sua própria emoção.

O religioso mostrava sua bondade a cada minuto. Ouvia as crianças com atenção e esclarecia suas dúvidas com tom doce e compreensivo, explicando uma das maiores dores da humanidade de maneira simples e objetiva.

Patrícia só lembrou-se da condição humana do pastor quando viu que ao esforço para conter as lágrimas deixava seus olhos vermelhos.

Depois das explicações, voltaram ao hall e foram levados para uma sala silenciosa onde o corpo de Alice repousava sob um lençol. Alguém escovara seus cabelos e pusera uma de suas mãos sobre o estômago, deixando a outra ao longo do corpo.

As crianças chamaram:

— Mamãe?

O pastor explicou novamente que o espírito de sua mãe havia deixado aquele corpo, e que por isso ela não podia mais ouvi-los.

Mary aproximou-se para tocá-la e, preocupada, disse ao religioso:

— Mamãe precisa de uma coberta. Ela está tão fria!

Pat teve de respirar fundo para conter as lágrimas que ameaçavam brotar de seus olhos, e o pastor esforçou-se para manter a voz calma enquanto falava sobre o calor do espírito.

As duas crianças beijaram o rosto da mãe e Pat aproximou-se do pastor Jonkins para dizer:

— Gostaríamos de seguir o carro fúnebre até o local da cerimônia.

— É claro. Mas ainda não sabemos onde o funeral será realizado. Ninguém conseguiu me dar informações precisas.

— A funerária Klaehn fica perto daqui. Importaria-se em telefonar para

eles e pedir que venham buscá-la? Eu me responsabilizo por isso — e entregou-lhe um cartão.

— Por que não volta para a capela com as crianças? As formalidades são complicadas, e isso deve levar algum tempo.

— Sabe onde posso encontrar um telefone? Prefiro não usar o aparelho público da recepção.

— Entendo. Venha comigo, Poderá usar o telefone do meu escritório.

Pouco depois Pat falava com Rod:

— Preciso de ajuda.

— Onde você está?

E ele chegou em seguida, rápido como um cavaleiro salvador.

Estava habituado a lidar com crianças. Na casa da família Brown, sempre vivera cercado por meninos e meninas de todas as idades, muitos deles atravessando problemas variados. Rod sabia o que fazer, e em pouco tempo as duas crianças o procuravam para saber as respostas e segurar sua mão, buscando segurança naquele momento tão estranho e terrível.

Rod sabia exatamente como lidar com elas, e fazia tudo de maneira quase automática. Tocava seus ombros, afagava seus cabelos e dizia as coisas certas nas ocasiões adequadas, e não tentava conversar mais que o necessário.

Mary comentou com tom choroso:

— Mamãe é uma borboleta.

E Rod explicou:

— O pastor só estava usando um exemplo para que você pudesse entender o que está acontecendo. O espírito de sua mãe é diferente de uma borboleta. Ninguém pode vê-lo entende? O pastor só quis dizer que agora sua mãe pode voar como uma borboleta.

— Ela é um anjo?

— Não sei. Nunca vi um anjo — respondeu, os olhos fixos em Pat como se quisesse confortá-la.

Mary percebeu o olhar e perguntou:

— Você é pai de Patrícia?

— Não. Eu sou o amor dela.

Por que não dizia que ela era seu amor?

Para Pat, parecia importante que as crianças soubessem o que havia acontecido com sua mãe, que não ficassem com a impressão de ela desaparecera misteriosamente do hospital para um local desconhecido e tenebroso.

Agora estava satisfeita. Juntos, seguiram o carro da funerária até o local onde seriam realizadas as cerimônias póstumas, e esperaram em uma das salas. Rod oferecia conforto e apoio aos dois pequenos, e explicava tudo o que eles perguntavam de maneira clara e objetiva, sem criar mistérios que pudessem confundi-los. Mary e Sam puderam visitar todas as salas da funerária e receberam respostas para todas as perguntas que formulavam.

Depois voltaram para a casa da família Wilson, onde passariam aquela noite em companhia de Pat. Ainda era muito cedo para levá-los para um lugar estranho, mas Rod não gostou da idéia de deixá-los sozinhos naquela vizinhança.

— E só uma região pobre, mas não é perigosa — ela disse.

— Vou dormir na varanda.

— Por favor, Rod, não faça isso. Os mosquitos vão devorá-lo.

— Prefiro os mosquitos à preocupação de saber que está aqui com duas crianças pequenas. Passarei a noite vigiando.

— A sra. Simpson mora do outro lado da rua, e chamará a polícia se acontecer alguma coisa. Ela faz parte do serviço de segurança social, e leva seu trabalho de voluntária a sério. Seu maior objetivo é poder dizer que esta vizinhança é um local seguro.

Rod fitou-a sério e suspirou com impaciência.

Pat sorriu, tentando tranqüilizá-lo.

Depois ele a ajudou a mudar os lençóis da velha cama de Alice, e partiu sem o costumeiro beijo de boa noite. As crianças os observavam com atenção, sem desviar os grandes olhos tristes de seus movimentos. Sério, tocou-a no ombro, afagou a cabeça dos dois órfãos e se foi.

Pat preparou cereal para os dois pequenos, e deixou-os dormir com ela na cama que havia sido da mãe. Abalada, passou boa parte da noite enxugando as lágrimas emocionadas que corriam por seu rosto, pensando na mãe que se fora e que nunca mais poderia abraçar os filhos como ela fazia naquele momento.

Alice seria enterrada no cemitério local, junto ao corpo do marido. As crianças já conheciam o lugar, porque foram levadas até lá para depositar flores

no túmulo do pai.

Foram três dias tristes e difíceis. As crianças sofriam mais que todos os outros envolvidos, e Pat sentia por elas. As perguntas infantis eram precisas, mas eles ainda não haviam conseguido compreender exatamente o que acontecera com sua mãe e com eles, ou por que tinham de sofrer tanto.

— O que vai acontecer conosco? — Sam perguntou.

Pat queria que soubessem que teriam direito a escolha.

— Posso levá-los para minha casa até que tudo seja decidido, ou, se preferirem, também podem ficar aqui. Jeannie continuaria vindo todos os dias.

Sam decidiu sem hesitar:

— Preferimos ir com você.

Rod era indispensável. Ajudou na mudança, e conversou com as crianças até que eles decidissem o que fariam com as coisas que não poderiam conservar. Jeannie, a babá, foi escolhida para ficar com o que não pudessem levar.

Rod e Pat não faziam nada para tentar diverti-los. Pelo contrário, mantinham-se quietos e silenciosos para que eles pudessem viver a dor até esgotá-la. Encorajavam os dois a lembrarem de coisas a respeito da mãe, e os órfãos contavam tudo o que costumavam fazer juntos. Coisas divertidas e demonstrações de afeto que eles jamais esqueceriam.

Foram à funerária várias vezes naqueles dois dias de cerimônias. Os adultos eram pressionados mais intensamente a cada minuto, sempre que os dois voltavam a ter dúvidas sobre o assunto. E as respostas eram sempre claras e diretas. Quando as lágrimas surgiam para aliviar o sofrimento, não os censuravam por estarem chorando. Limitavam-se a abraçá-los, murmurando palavras de conforto e apoio.

O funeral foi movimentado, e toda a vizinhança compareceu para presenciar o enterro. As colegas de trabalho, as voluntárias do programa de auxílio à mãe sozinha e até o professor do curso de computação.

Pat pedia aos presentes que explicassem às crianças como conheceram sua mãe, e surpreendeu-se com o número de pessoas que lamentava realmente a morte de Alice. Todas as mortes são lamentadas, mas os que permanecem vivos têm de retomar a luta pela sobrevivência, e acabam esquecendo a tristeza pouco depois.

A certa altura, Rod comentou:

— Não havia um único amigo verdadeiro no funeral de Cheryl. Apenas você. Ela não deixou ninguém que lamentasse sua morte, e isso é muito triste.

— Se ela quisesse amigos, aposto que os teria conquistado. Mas ela tinha você, e escolheu viver e morrer a seu lado, em paz.

— Talvez esse tenha sido meu maior erro. Eu não devia ter permitido.

— E o que teria sido correto? Obrigá-la a seguir uma rotina diária, ou fazê-la conviver com pessoas que só a aborreceriam? Onde ficaria a bondade e a consideração pelo ser humano que ela era?

— Tem razão. Entendo o que quer dizer.

Nesse momento, Rod conseguiu livrar-se dos últimos vestígios de culpa. Cheryl escolhera como queria viver e morrer, e ele apenas respeitara sua escolha.

No entanto, era impossível evitar comparações entre a esposa e Alice, duas pessoas absolutamente contrastantes. Cheryl preferira encerrar-se em si mesma, isolando-se do mundo, enquanto Alice chegara a esquecer-se dela mesma para lutar por ela e pelos filhos. Conseguira conservar as crianças a seu lado, e estava empenhando-se em melhorar o padrão de vida da família, porque era isso que queria. Fora uma boa esposa e mãe, e também havia escolhido o próprio caminho.

Tocando as duas crianças nos ombros, Rod disse:

— Sua mãe foi uma boa mulher, uma lutadora determinada e honesta, e vocês devem ter muito orgulho dela.

E este seria o comentário que os dois guardariam pelo resto t de suas vidas. Um adulto afirmara que deviam ter orgulho da mãe, e quando crescessem e ficassem mais velhos, compreenderiam o motivo da afirmação.

Mas, naquele momento de tristeza e sofrimento, quando a vida daquelas duas crianças era totalmente alterada, Rod sentia que era mais uma vez envolvido pelas circunstâncias.

— Não! — Pat protestou com firmeza. — Você não deve ficar muito tempo por perto. Vai acabar confundindo as crianças.

— Você acabou me negando o resto daquele dia.

— Teremos outras oportunidades.

— Como? Quando?

— Com certeza encontraremos o momento certo e a maneira adequada —

ela garantiu.

Mas não faria nenhum esforço para provar o que afirmara. Mantinha-se constantemente ocupada com as crianças, e sentia-se estranhamente satisfeita.

E isso era o que mais o incomodava. Pat estava ocupada... e satisfeita.

Voltaram a nadar na piscina dos Abbot, mas as crianças os acompanharam. Com a permissão e a ajuda de Merle, Pat convidou outras crianças da mesma idade de Sam e Mary, e todos uniram-se para observá-los e orientá-los. Rod participava com boa vontade e alegria, mas vê-la naquele maiô provocava coisas estranhas e perturbadoras.

Ouvia seu riso sonoro e franco e não podia abraçá-la, porque as crianças estavam sempre por perto.

Depois de algum tempo, Sam e Mary voltaram a rir.

Pat aproveitou o momento e os apresentou a outras crianças, interessada em expandir seu círculo de amizades. Começou a pesquisar as escolas locais e a possibilidade de matriculá-los em uma delas, e dividia o tempo entre o parque, o jardim, o túmulo da família Wilson e mais uma série de locais que pudessem diverti-los e instruí-los. Estava realmente ocupada.

Certo dia, Rod disparou:

— Acho que vou adotá-los.

— Esqueça — ela respondeu.

— Por quê? As crianças são órfãos e...

— Eu já entrei com o pedido de adoção.

— Sem me consultar? Sem sequer pedir minha opinião?

— E por que deveria pedir sua opinião? Eles não são seus filhos!

— Mas você sempre soube que eu considerava a idéia de adotar algumas crianças.

— Rod, eu conheço esses dois há mais tempo, lembra-se? Você os viu pela primeira vez no dia em que perderam a mãe.

— Estou começando a desconfiar de uma coisa.

— O quê?

— Você encerou aquela escada de metal para que Alice escorregasse.

— Rod, brincadeiras têm limite, e normalmente o bom senso das pessoas

normais é capaz de indicar o momento de parar.

— Desculpe.

Pat suspirou com impaciência, e tentando amenizar a tensão que criara, disse:

— Além do mais, eu estava com você quando tudo aconteceu. Quer que a polícia o acuse de cumplicidade?

— Meu Deus...

— Por que está envolvendo Deus nessa conversa?

— Porque estou irritado com você, e preciso rezar pedindo paciência.

— Por que está tão aborrecido comigo?

— Porque gosto dessas crianças e quero adotá-las.

— Sinto muito.

— Você é realmente uma mulher independente. Por que esse ataque súbito de maternalismo? Por que não teve seus próprios filhos com Fred?

— Tem certeza de que o assunto é da sua conta?

— Certeza absoluta.

— Fred não podia ser pai.

— E por que não pensou em adoção antes?

— Porque ele não queria lidar com os problemas de outras pessoas.

Era óbvio que ela havia discutido o assunto com o marido, e que não conseguira convencê-lo. Sem saber se devia confortá-la ou prosseguir com a discussão, Rod fitou-a em silêncio.

E então Pat o surpreendeu com uma pergunta:

— E você?

— E eu... o quê?

— Por que não adotou uma criança?

— Porque Cheryl era incapaz de cuidar de outro ser humano. Na verdade, ela não podia cuidar sequer de si mesma.

— Podia ter contratado alguém para cuidar das crianças. Com outras pessoas por perto, Cheryl podia até ter saído daquela concha.

E pensar que acabara de livrar-se do que ainda restava de culpa!

— Eu cheguei a conversar com ela sobre o assunto, mas Cheryl nunca quis dar atenção a outras pessoas. Por que acha que ela nunca me esperava com o jantar pronto? Por que acha que ela nunca trocava os lençóis da cama?

— Entendo.

— Afinal, por que não adotou uma criança até agora?

— Fiquei viúva há pouco tempo, e ainda não tinha certeza de como seria minha vida. E quer saber de uma coisa? Vá procurar outras crianças para adotar!

— Odeio quando encontro uma mulher irredutível. Isso não é justo! Você estabeleceu uma situação que eu não posso alterar!

Não? Bastava oferecer-se para juntar-se a ela na adoção. Por que não mencionava a única solução possível para o impasse?

Rod perguntou:

— Quanto tempo é necessário até que a adoção seja decidida? Por que está demorando tanto?

— O advogado está realizando uma pesquisa para verificar se existe algum parente vivo e, nesse caso, se algum deles é contra a adoção. Faz parte do procedimento legal. Alice nunca mencionou nenhum parente, não recebia visitas, e eu nunca soube da existência de algum familiar. O advogado também disse que pode haver algum tipo de seguro que garanta a sobrevivência das crianças após a morte da mãe.

A medida em que os dias foram passando, o pequeno núcleo familiar foi se tornando mais ajustado e a falta da mãe deixou de ser o foco da atenção das crianças.

Setembro foi um mês frio. Sam ingressou na pré-escola e começou a demonstrar os primeiros sinais de bom desempenho. Pat encontrou uma creche e Mary ficava com outras crianças três vezes por semana. Estavam estabelecendo uma rotina satisfatória.

Outubro traria o verão em toda sua glória, tingindo as flores das árvores com cores vibrantes e novas, mas até que a mudança ocorresse, a temperatura continuava oscilando. Os termômetros podiam atingir trinta graus ao meio-dia e cair para os quinze ou dezesseis ao anoitecer.

Mary contraiu uma gripe de final de verão. Pat sabia que as crianças tinham dificuldade para adaptar-se ao outono, mas nunca estivera perto de uma criança doente. Ou melhor, nunca fora responsável por uma.

A enfermeira do consultório pediátrico era calma e confiante.

— Isso é só uma gripe, Patrícia. Nada de anormal. Se a temperatura passar dos trinta e nove graus, entre em contato conosco. E não se preocupe. O xarope para a tosse e o analgésico infantil servirão para manter o quadro sob controle.

Mas Mary estava pálida e inerte, e sua tosse insistente atormentava os ouvidos de Pat, que sofria como se também estivesse doente.

Rod voltou do trabalho e passou primeiro pela casa da vizinha, como sempre, e encontrou-a ansiosa e preocupada.

— O que foi? Por que está tão assustada?

— Mary está tossindo muito, e não para de reclamar de dores e frio. Acha que eu devo levá-la para o pronto-socorro?

— Vou dar uma olhada nela — e dirigiu-se à escada com passos decididos.

— Ela está na sala — Pat avisou. — Prefiro deixá-la aqui em baixo, perto de mim.

Patrícia levou-a para a sala, onde Mary assistia tevê deitada no sofá. Estava cercada por vários travesseiros e abraçada a três bonecas muito limpas, mas num grau adiantado de destruição. Ela tossiu e fitou-os com ar cansado.

— Oi, docinho! — Rod cumprimentou, beijando-a na testa e segurando a mãozinha delicada. — Ela só precisa de uma velha técnica caseira para sentir-se melhor. Felícia a chamava de joelhos e peito. A secreção é muito intensa, e a respiração difícil a deixa cansada.

Mary apontou para a televisão e disse:

— Estou vendo...

— Eu sei, meu bem. Vamos esperar o intervalo comercial, certo?

— Que técnica é essa? Peito e joelho?

— Joelho e peito — ele riu. — Você deve colocar a criança com o peito sobre os seus joelhos, e depois dar rápidas palmadas em suas costas desde a cintura até os ombros. Isso ajuda a expectorar, e elas respiram com mais facilidade.

— Tem certeza de que funciona?

— Pat, quantas vezes preciso repetir a mesma coisa? Tenho centenas de irmãos mais novos!

— Centenas? — ela repetiu incrédula.

— Bem, pelo menos era o que parecia. As crianças ficam doentes de vez em quando, sabe? E normalmente sobrevivem.

— Só um homem seria capaz de dizer alto tão idiota num momento tão inoportuno!

— Patrícia, eu tinha de ajudar a cuidar das crianças. Nós aprendemos tudo o que é necessário para quem quer ter uma família e cuidar de outras pessoas.

Como cuidara de Cheryl. Mas, havia mesmo cuidado dela? Pat fizera todo o trabalho. Ele apenas permitira. De acordo com sua experiência, pessoas doentes sobreviviam. Mas sua esposa havia morrido.

Durante o intervalo comercial, Mary permitiu que Rod aplicasse a técnica do joelho e peito. Durante a aplicação, ela tossiu de maneira mais intensa e freqüente, e Pat assustou-se.

— Pare com isso! Ela está piorando!

— Não seja boba, Pat! O objetivo é justamente provocar uma tosse mais profunda para facilitar a expectoração. Ela vai melhorar.

Pat franziu a testa e manteve-se atenta, pronta para interferir se julgasse necessário.

Depois de quinze minutos de tapinhas e tosse, Rod acomodou-a no sofá e a instruiu para que bebesse dez goles de limonada. Ela obedeceu. Estava tão interessada no programa de televisão, que faria qualquer coisa para livrar-se do inconveniente.

Ao devolver o copo vazio, Mary já respirava com mais facilidade, e o ruído do peito cheio havia desaparecido quase que por completo.

— Está vendo? — ele sorriu. — Isso é só um resfriado.

— Meu Deus... O que acha de ser contratado como enfermeiro residente?

— Não sei. Terei de me mudar para cá?

— As enfermeiras trabalham oito horas por dia.

— Das cinco da tarde à uma da manhã?

— Se preferir, pode optar por dois plantões de quatro horas cada, um durante o dia e outro à noite.

— E o salário?

— Refeições quentes.

— E a sobremesa?

Pat sorriu e ele perguntou:

— Tem sentido minha falta? Só um pouquinho?

— Venha comigo até a cozinha.

Rod seguiu-a sem a menor hesitação.

Assim que passaram pela porta, ela virou-se, atirou-se em seus braços e beijou-o com paixão.

Rod emitiu um gemido abafado, e ela o afastou o suficiente para dizer:

— Shhh!

— Eu não fiz nada! Esse barulho era da minha camisa. Você acabou de amarrotá-la.

— Eu? Não sou esse tipo de mulher.

— Não?

— E claro que não! Eu...

Mas o barulho da porta dos fundos anunciou a chegada de Sam que, suado, entrou ofegante e com o rosto corado. passara horas na casa do vizinho, jogando futebol com os garotos da rua.

— Olá, Rod — ele cumprimentou, subindo no banco que Pat instalara junto à pia da cozinha para facilitar o acesso à água. — Que cheiro bom! O que vamos comer?

— E uma surpresa, querido — Pat respondeu, antes de virar-se para Rod e sussurrar: — Ele acha que eu sou uma cozinheira fantástica.

— Aposto que sei o que é! — Sam gritou entusiasmado. — Sanduíches de pasta de amendoim outra vez!

Rindo, Pat bateu na testa e jogou a cabeça para trás.

Com Rod por perto, tudo estava bem.

CAPÍTULO X

Rod ainda hesitava em assumir um compromisso com Pat. Podia adotar as crianças e ajudá-la e cuidar delas, mantinha-se sempre disponível para conselhos e o que mais fosse necessário, ainda a desejava como antes e gostava de dividir cada momento de sua vida com ela, mas não conseguia sequer considerar a idéia de ver-se preso a outro casamento.

Pat contratou uma babá para as crianças e conseguiu garantir um tempo livre para dividir com ele. Saíam juntos, conversavam, riam, passeavam e faziam amor de maneira quente e apaixonada. Os corpos estavam sempre famintos, e os encontros eram selvagens em função da necessidade insatisfeita e contida durante tanto tempo. Era sempre como se fosse a primeira vez.

Pat concluiu que jamais seria diferente. Rod já tivera todas as oportunidades de dizer que a queria a seu lado de forma permanente mas, apesar de demonstrar carinho e afeto, de desfrutar cada segundo do tempo que passavam juntos e interessar-se por tudo o que fazia, nunca fazia planos para o futuro. Não com ela.

Pat censurava-se diante do espelho. Discutia e gesticulava, mordia o lábio, franzia a testa e suspirava, e sentia-se cada vez mais impaciente. Finalmente admitiu que o relacionamento que viviam era tudo o que teria daquele homem.

O grande problema era que conseguia compreendê-lo. Como uma mulher pode lamentar e aborrecer-se por algo que entende?

Rod casara-se com Cheryl disposto a dividir sua vida e seu coração, e no entanto, a união não havia dado certo. Aos trinta e oito anos de idade, era lógico que hesitasse e temesse um novo compromisso.

Precisava reorganizar sua vida de forma que não passasse o tempo todo esperando por ele, por suas demonstrações de atenção e ternura.

E só havia uma maneira de conseguir equilibrar as próprias emoções. Usando de franqueza.

Certo dia, fitou-o nos olhos e disse:

— Estou interessada em me casar.

Ele ficou quieto e tenso, esperando que Pat prosseguisse, mas ela não disse mais nada e, depois de uma pausa prolongada, mudou de assunto. Havia feito a última e definitiva tentativa. Ele poderia ter respondido de várias maneiras, mas ficara em silêncio, sem ação.

E, Pat saiu com outro homem.

Rod ficou furioso! Esperou que o desconhecido a levasse de volta para casa e ficou escondido na entrada da garagem, protegido pela escuridão da noite, as mãos na cintura e uma expressão aborrecida no rosto.

Finalmente chegaram... e o sujeito a beijou!

Rod ficou vermelho.

O rapaz voltou para o carro, ligou o motor e partiu, limitando-se a lançar um olhar rápido e curioso em sua direção.

Quando o automóvel desapareceu além da esquina, ele saiu do esconderijo e esmurrou a porta da casa de Pat.

— Oh, olá, Rod — ela o cumprimentou, depois de fazê-lo esperar pelo que parecera uma eternidade.

Agia como se fossem apenas conhecidos, pessoas que não precisavam dar explicações de sua conduta ou consultar o outro antes de tomar uma decisão.

— Quem era aquele palhaço?

— Que palhaço? — e inclinou o corpo para a frente, olhando pelo jardim com expressão curiosa.

— O cara que acabou de beijá-la!

— Ah! Ele não é um palhaço.

— O que pensa que está fazendo? Por que saiu por aí com outro homem?

— Porque senti necessidade de ampliar meu círculo de amizades. Tenho quase trinta anos, duas crianças para criar, e decidi que preciso de um marido.

— E então sai por aí beijando todos os homens que aparecem, até encontrar um que a agrade?

— Mais ou menos. Ainda não pulei na cama de ninguém como fiz como você, o que significa que não pode me acusar de nada.

— Nós somos vizinhos e nos entendemos muito bem. Você não precisa procurar mais nada.

— Eu disse que quero um marido. Compromisso, entendeu?

— E eu estou assumindo o compromisso. Nunca saí com outra mulher desde que estamos juntos.

— Isso é preguiça. Conveniência. Comodismo. Chame do que quiser. Eu estou perto, disponível, e é mais fácil ficar comigo do que procurar outras mulheres. Mas não é o bastante para mim.

— Você gosta de mim. Gosta de fazer amor comigo.

— Isso é verdade, mas eu quero mais, Rod! Quero compromisso, e você não está disponível.

Ele hesitou, mais agitado que antes, e quando tentou falar, gaguejou como

se não conseguisse encontrar as palavras adequadas.

— Eu... Bem... Nós...

— Não estou tentando forçá-lo a aceitar o que não quer. Sei que não está pronto, e só quero encontrar alguém que esteja.

— Tenho dedicado todo o meu tempo a você.

— Eu sei, Rod. Esse verão ficará para sempre em minha memória como algo muito especial. Jamais poderei esquecer.

— Mas não foi especial o bastante. Você não se importa comigo... o suficiente.

— O problema não é esse, Rod. O problema é que você não me considera como um... amor. Grudou na minha testa o rótulo da viúva que levou caçarolas, algo que deve ser evitado a qualquer preço, uma praga que só está esperando o momento certo para dar o bote e amarrá-lo para sempre. Você não me ama!

— Palavras são vazias. Já ouvi pessoas que se odeiam tratarem-se por querido, benzinho, amor, e eles sequer paravam para pensar no significado dos termos que usavam.

— Eu já disse que entendo. Não precisa ficar procurando justificativas. Nós estamos buscando coisas diferentes, Rod! Você quer uma companheira, e eu quero muito mais!

— Mas eu... — e parou, incapaz de pronunciar as palavras.

— E tarde, Rod. Boa noite.

— Pat...

— Tivemos um verão maravilhoso. Nunca ri e me diverti tanto em toda a minha vida.

— Podia ter me avisado.

— Sobre o quê?

— Sobre a verdade. Agora entendo que nunca esteve realmente interessada em mim.

— Não sei o que mais poderia ter feito. Se desisti da idéia de me mudar daqui para estar perto de você... O que mais queria? Havia planejado tudo para escapar à tentação de morar na casa ao lado da sua, e desisti de tudo porque...

— Pat... você ia se mudar por minha causa?

— Isso mesmo. E você sabia disso. Deve ter percebido. Pensei que estivesse interessado em Glenna.

— Mas você sabia...

— Sim, você disse que eu estava enganada.

— E por que decidiu ficar?

— Rod! Como pode fazer uma pergunta tão estúpida?

— Você me ama?

Pat fitou-o por alguns instantes, séria, e finalmente respondeu:

— Eu me entreguei. Nós fizemos amor.

— Essa armadilha é comum.

— Mas eu não sabia.

— Então quer dizer que me ama?

— Eu... sim, Rod.

— E por que não queria dizer?

— Porque tive medo de que se sentisse na obrigação de fazer alguma coisa por mim. Queria que me amasse, mas não por gratidão ou algo parecido.

Ele enterrou o rosto entre as mãos e, angustiado, gemeu:

— Oh, Pat!

Apesar do silêncio, era óbvio que estava sofrendo, e que não sabia o que fazer diante da revelação de seus sentimentos.

Calma, em voz baixa, Pat, disse:

— Boa noite, Rod — e fechou a porta com cuidado, trancando-a sem o menor ruído.

Ele ficou parado do lado de fora durante algum tempo, e Pat sentia sua presença através da porta. Esperou que ele batesse e tentasse retomar a conversa, mas ele não a chamou.

Dois dias mais tarde, Pat recebeu o advogado em sua casa. Não o esperava àquela hora do dia e, surpresa, cumprimentou-o:

— Olá! O que está fazendo aqui?

Drew Thompson respirou fundo duas vezes e recusou o convite para sentar-se. Devagar, deu alguns passos pela sala e olhou em volta como se

procurasse algo interessante e, com esforço, conseguiu controlar a agitação.

Mesmo assim, Pat percebeu o comportamento estranho e ficou alerta, esperando que ele dissesse alguma coisa.

— Pat — Drew começou, ainda um pouco hesitante. — Tenho boas e más notícias, e não sei como dizer...

— Estou falida?

— Não. Sabe muito bem que sua fortuna é simplesmente interminável. E sobre as crianças. Elas têm parentes. Um advogado de Iowa entrou em contato comigo e disse que alguém viu nossos anúncios na cidade. Existe um ramo da família do marido de Alice em Pella.

— Oh, não...

— É verdade. Ross Wilson tinha parentes, irmãs, um irmão, tios e tias e avós. Existem sobrinhos e sobrinhas da idade de Sam e Mary, e eles são primos em quarto grau. Os familiares já haviam desistido de tentar entrar em contato com Ross, e nem sabiam que ele havia se casado. Lamentaram sua morte e ficaram perplexos com a notícia de que ele tinha uma esposa, mas...

Drew agia como se tivesse algo importante para dizer e não encontrasse a coragem necessária.

Finalmente Pat decidiu concluir por ele:

— Eles querem as crianças.

— Sim.

Houve um longo período de silêncio, durante o qual o advogado manteve-se imóvel.

Pat respirou fundo algumas vezes e, percebendo que não conseguiria conter-se, avisou:

— Acho que preciso chorar.

— Tenho dois lenços no bolso e posso confortá-la.

Ela o encarou e viu que seus olhos também brilhavam intensamente. Por que o mundo tinha sempre de ser banhado por tantas lágrimas?

E então Rod chegou.

O dia ainda estava claro, e ele devia estar na loja, trabalhando, mas estava em sua casa.

O que era muito estranho...

— Pat?

— Olá, Rod.

— O que está havendo?

— Como soube?

— Então está havendo alguma coisa? — e abriu a porta, entrando sem esperar por um convite. Com expressão sombria, sem sequer tentar disfarçar a hostilidade, cravou os olhos em Drew e disparou: — Quem é você?

Calmo e controlado, o advogado virou-se para Pat e perguntou:

— Quer que ele participe do assunto?

— O quê? — Rod exclamou, avançando alguns passos na direção do visitante.

— Rod, pare com isso! Este é Drew Thompson, meu advogado. Alguns membros da família Wilson o procuraram e agora sabemos que as crianças têm parentes em Pella, Iowa. E eles querem os meninos.

— Meu Deus!

Depois de alguns instantes de silêncio, todos foram forçados a reconhecer que os filhos de Alice teriam de ir para o Iowa.

— Como isso será feito? — Pat perguntou.

— Já discuti o assunto com o advogado da família Wilson. As crianças sofreram um trauma violento, mas se precisam mesmo mudar de estado, não devem ficar mais tempo aqui e ampliar os laços de afeto que já foram estabelecidos. Temos de ser cuidadosos. Alguns parentes virão conhecê-los aqui. O que acha de trazermos os avós e alguns primos para começar?

— Acho que é a atitude mais sensata. Se é o que deve ser feito...

— O sr. Botherly, o advogado dos Wilsons, disse que toda a família sente uma enorme compaixão por você. Eu contei a ele sobre todo o carinho com que tratou as crianças.

— Entendo.

Emocionado, Rod interferiu:

— Obrigado por ter vindo trazer a notícia pessoalmente. Podemos procurá-lo mais tarde, quando Pat estiver menos abalada?

Drew virou-se para Pat e perguntou:

— Você está bem? Quer que eu volte dentro de um ou dois dias?

— Sim, por favor.

Rod insistiu:

— Nós entraremos em contato.

— Pat, sinto muito sobre tudo isso — o advogado lamentou-se, tomando as mãos dela entre as suas.

— Obrigada por ter vindo, Drew.

— Não foi nada. Telefone para o meu escritório amanhã e me informe sobre qualquer coisa que eu possa fazer para ajudá-la.

— Vou precisar dos nomes dessas pessoas, e tenho de saber como...

— Eu não estava me referindo aos aspectos práticos da questão. Se precisar de alguém com quem conversar ou que possa confortá-la, não hesite em me telefonar. Virei imediatamente.

O comentário foi o bastante para despertar novamente a hostilidade de Rod.

— Obrigada — Pat disse em voz baixa, pousando a mão no braço do advogado e encerrando o assunto.

Drew ignorou a presença de Rod e insistiu:

— Quer que eu fique e lhe faça companhia?

— Não, obrigada. Preciso pensar em tudo isso e encontrar uma maneira menos traumática de fazer o que deve ser feito.

— Pat, sabe que seria inútil lutar contra o inevitável, não é?

— Sim, eu sei — ela suspirou, visivelmente cansada.

— Pat...

Aborrecido, Rod decidiu interferir e pôr um ponto final na visita:

— Vou levá-lo até a porta — e seguiu na frente, demonstrando toda a prática que desenvolvera lidando com os irmãos teimosos.

Mas Drew não era do tipo que se deixa convencer com facilidade, e lançou um olhar ameaçador na direção do rival. Em seguida olhou para Pat e perguntou:

— Tem certeza de que não precisa de nada? Posso ficar o tempo que for

necessário.

— Não, obrigada. Está tudo bem, e Rod poderá me ajudar no que for preciso.

— Se prefere assim... — e olhou novamente para Rod, desta vez com ar furioso. — Comporte-se! — avisou.

— Por quê? Ela é minha!

Sem desviar os olhos do rosto do oponente, Drew deixou a casa devagar, como se acreditasse que Pat ainda pudesse convidá-lo para ficar.

Finalmente ouviram o carro descendo a rua e o silêncio os envolveu. A situação era mais difícil para Pat, que sempre conseguira conviver com o silêncio, até encontrar um modo de preenchê-lo em sua vida. Agora teria de abrir mão das duas crianças barulhentas e encantadoras, e isso a enchia de tristeza.

Seriam levados para outro estado, e ainda não haviam crescido o bastante para guardar as lembranças do tempo que haviam vivido ao lado de uma mulher que mal conheciam, preenchendo o vazio de sua vida e alegrando seus dias. Como poderia separar-se deles?

Rod não disse nada. Em silêncio, ergueu-as nos braços e seguiu para a varanda dos fundos, aquecida pelo sol morno de outubro. Sentou-se na cadeira de balança e, sem soltá-la, ninou-a como se fosse uma criança.

Ficaram quietos durante um longo espaço de tempo, e finalmente ele disse:

— Não pode impedir que eles façam parte de uma grande família que os encherá de carinho e atenção.

— Eu sei.

— Eu nunca soube quem eram meus verdadeiros parentes. Sou um órfão de verdade. Não tenho nenhuma informação genética sobre meus pais, não sei sequer como eles eram fisicamente... É como se eu houvesse nascido de um ovo abandonado em algum lugar.

— Você me agrada.

— E você me tem.

— Eu sei. Obrigada por ter vindo. Como soube que eu precisava de sua ajuda?

— Eu não sabia. Estava ocupado com o trabalho, mas de repente chamei Twila e disse que tinha de vir para cá, porque você precisava de mim. Acho que

a amo muito, ou não teria sentido seu chamado silencioso.

— Acho que sim.

— Agora sei que sou seu.

— Obrigada.

— Por nada. Mas, por favor, tome cuidado comigo.

— Prometo que cuidarei de você.

— E eu juro que você terá tudo o que um homem pode dar a uma mulher.

As palavras a fizeram arrepiar-se. Cheryl ocupara todos aqueles anos da vida de Rod e, no entanto, não soubera preenchê-los.

— Sou perfeitamente capaz de cuidar de mim mesma — afirmou, lembrando-se de que, apesar de tudo, ele havia cuidado da esposa.

— Farei o possível para me certificar disso. Caso contrário, como poderá cuidar de mim?

— Não sei. Por que está tão preocupado com isso?

— Porque, quando cheguei aqui e vi aquele sujeito se derretendo todo por você, lembrei do que havia dito sobre precisar de um marido e tive medo de que ele estivesse preenchendo a vaga. Cheguei a pensar em jogá-lo pela janela!

— Isso é uma declaração?

— Por que tem de ser sempre tão direta? Nem todos os assuntos exigem respostas claras e objetivas. Por que acha que estou aqui no meio da tarde, segurando-a no colo como se fosse um bebê assustado?

— Não sei.

— Porque... porque... Bem, porque quero me casar com você.

— Você pode fazer melhor.

— Você é a mulher mais irritante que já conheci em toda minha vida! O que quer que eu faça? Que me ajoelhe e implore por uma resposta positiva?

— Não sei, mas vou pensar no assunto. Ainda estou muito distraída, sabe? Estou realmente apaixonada por aquelas crianças.

— Podemos providenciar um bando de crianças só para nós.

— Como?

— Vou perguntar a meu pai. Ele tem prática em recolher crianças

abandonadas.

— Não! Quero dizer... Preciso de tempo para me adaptar à perda de Sam e Mary. Eles são tão doces!

— Perto de você, qualquer criança fica doce.

— Você é suspeito.

— Eu sei.

— Está me pedindo em casamento por piedade?

— Não. Eu jamais tomaria uma atitude tão séria por pena. Estou dizendo que quero me casar com você porque... porque quase enlouqueci quando a vi beijando outro homem.

— Então está com ciúmes!

— E bem provável.

— Eu também senti ciúmes de Glenna.

— Ela estava apenas tentando esquecer o marido. Quantas vezes terei de dizer que ela me chamou de Sidney? Aquele pobre sujeito morto na guerra do Golfo...

— Sinto muito, mas fico feliz por ela não ter conseguido esquecê-lo.

— Por quê?

— Porque amo você... há muito, muito tempo.

— Mas nunca disse nada.

— E como poderia ter dito?

— Não quer saber por que tentei me envolver com Glenna?

— Acho que sou capaz de imaginar...

— Na verdade, eu queria você. Havia descoberto que sua presença me fazia sentir coisas estranhas, e passei a fugir dos meus sentimentos. Nunca estava em casa quando sabia que você estaria por perto, saía e entrava em horários diferentes... No início pensei que estivesse apenas comparando sua perfeição à inatividade de Cheryl, mas depois descobri que era inútil mentir para mim mesmo. Eu não conseguia me aproximar de nenhuma outra mulher. Nem mesmo de Cindy!

— Afinal, o que ela fez naquele dia em que você voltou da casa de seus pais?

— Ela representava uma tentação.

— Ah, é?

— Sim.

— Não tem a menor intenção de me dizer o que aconteceu, não é?

— Você ainda é muito jovem para ouvir esse tipo de história.

— Sabe de uma coisa, Rod? Será muito, muito difícil abrir mão dessas crianças. Não sei se vou suportar.

— Nessas circunstâncias, tente pensar neles. Sabe que é a melhor solução para Sam e Mary. Procure ajudá-los e não demonstrar sua tristeza, porque eles sentiriam uma culpa enorme se soubessem que está sofrendo com a separação. Torne tudo mais fácil para os dois e, desta forma, facilite a situação para você também.

— Você é um homem muito sensível.

— Não. Estou sofrendo por você, e a única maneira de amenizar esse sofrimento é vê-la feliz novamente. Por isso estou tentando encontrar uma forma de tornar essa separação menos dolorosa.

— Está querendo dizer que sua atitude é egoísta?

— Mais ou menos.

— Isso prova que o amor é cego.

— Por quê?

— Porque acabou de confessar uma coisa horrível, e eu ainda o amo.

— Graças a Deus!

Rod a beijou com doçura, e embora tremesse e lutasse para conter os gemidos de desejo, não fez nenhuma tentativa para possui-la.

E, depois de tudo o que acabara de ouvir, Pat finalmente convenceu-se de que ele a amava. Nenhum homem seria capaz de conter-se em respeito ao sofrimento de uma mulher, a menos que fosse por amor.

As crianças foram preparadas com cuidado e carinho, e aceitaram a mudança de vida sem maiores traumas. Membros da família Wilson iam visitá-los na casa de Patrícia que, por sua vez, aceitou o convite para visitá-los em Pella, de forma que pudesse certificar-se de que o lugar era perfeito para Sam e Mary. Acompanhada por Rod, conheceu todos os tios, tias e primos das crianças, e comprovou que eram boas pessoas e que realmente queriam os pequenos

parentes no seio da família. Conheceram os quartos que eles ocupariam a escola onde estudariam e a vizinhança onde passariam a viver.

Todos eram muito gentis. Como Pat poderia continuar chorando pelas crianças, depois de sentir na pele todo o carinho com que seriam cercadas? Dentro das circunstâncias, aquela era a solução perfeita.

A família tomou todas as providências para transferir os corpos de Alice e Ross para o cemitério de Pella, e em pouco tempo realizaram a mudança.

Todos os componentes da Família Wilson encontravam-se na fazenda dos avós, e as crianças tiveram a oportunidade de tomar leite de vaca tirado na hora e conhecer os animais de perto. Foram cercados pelos primos e divertiram-se muito, rindo e correndo pelos campos até que seus pequenos rostos estivessem corados e brilhantes.

Um dos Wilsons, um homem sorridente de meia idade, perguntou:

— Como poderemos agradecê-la por tudo o que fez por Alice? Gostaria muito de saber como ele era...

E Pat contou, esforçando-se para não esquecer um só detalhe. Só não mencionou a indenização que as crianças receberiam do estado pela morte dos pais. Deixaria drew cuidar disso depois que tudo estivesse definido, porque não queria que o dinheiro influenciasse na decisão daquelas pessoas.

Algum tempo depois, quando começou realmente a conhecer os Wilsons, Pat teve certeza de que bens materiais jamais poderiam influenciá-los.

No trajeto de volta a Indiana, ela comentou com Rod:

— As crianças vão poder viver num lugar que lhes pertence. Agora encontraram seu verdadeiro destino.

— Graças a você — ele respondeu, sem desviar os olhos da estrada. — Sam e Mary sempre sentiram-se seguros, porque sabem que são amados e protegidos por pessoas que os querem de verdade. Primeiro Alice, depois você, e agora todos aqueles parentes em Pella. Eles têm mais sorte do que muitas crianças que vivem com pais e mães.

— A vida pode ser realmente estranha.

— Se minha vida houvesse sido diferente, eu jamais teria encontrado você.

— Não? Mas eu sou sua vizinha.

— Estou falando no sentido bíblico.

— Ahhhh...

— Não estava sendo atrevido. Apenas medroso.

— E eu o amedronto?

— Você me apavora!

— Posso saber por quê?

— Porque eu morro de medo de perdê-la. Nada é garantido.

— Não precisa ter medo. Se ficar se preocupando com coisas tristes, vai acabar estragando o tempo que podemos passar juntos. Além do mais, temos muitos anos para pensar em coisas mais sérias.

Pat e Rod ligaram para os pais dela, na Suíça e na Espanha. Eram duas pessoas ocupadas e interessantes, e ficaram eufóricos quando souberam que a única filha estava prestes a casar-se novamente, demonstrando muita curiosidade com relação ao homem que ela escolhera para marido.

Foram educados, e convidaram o casal para visitá-los quando fosse conveniente.

— Quando pretende se casar? — a mãe de Pat quis saber.

— Talvez no final do ano. Gostaria de vir para a cerimônia?

— E claro que sim, querida. Acho que estarei livre.

Embora a resposta surpreendesse Rod, Pat agia como se o interesse casual fosse absolutamente normal para a mãe de uma noiva.

Ele comentou:

— Preciso levá-la para conhecer meus pais e todos os meus irmãos. Prepare-se para o desafio.

Mas ela não tinha receio de conhecer a família Brown. Era uma mulher segura e adulta, e sabia que ninguém seria capaz de convencê-lo a mudar de idéia sobre a escolha que fizera.

Era novembro, dia de Ação de Graças, e os dois chegaram à casa dos Brown em Temple, Ohio. Pararam o carro no meio de uma impressionante coleção de automóveis, todos estacionados no pátio dianteiro.

Pat elogiou um carvalho centenário e, orgulhoso, Rod contou:

— A casa foi pintada na última primavera, e eu ajudei.

— Fez um bom trabalho — ela riu.

Salty saiu acompanhado de alguns homens e várias crianças, e todos correram e gritaram ao verem o irmão mais velho. Sem saber como deviam comportar-se para não assustar a nova cunhada, sorriram com simpatia e a cumprimentaram em voz baixa.

Salty beijou-a na testa e disse:

— Estou feliz por ter vindo com Rod.

Rindo, Rod confidenciou:

— Ela é uma das viúvas.

— Vejo que aprendeu a lição, meu filho. Que sorte a sua! Tomou cuidado apenas com aquelas mais assustadoras.

Em meio a um barulho ensurdecedor, Pat foi apresentada a todos os membros da família, e os cumprimentos ocuparam mais de uma hora.

Jo, a esposa do mais velho dos filhos naturais de Salty, avisou:

— Preparei o quarto de Bob para Rod, e você pode ficar com o de Mike, ao lado do dele. E não se preocupe em aprender todos os nomes de imediato. Nós já sabemos o seu, e isso facilita bastante. Se precisar de alguma coisa, basta aparecer na porta da cozinha e todos se oferecerão para ajudar.

— Obrigada — Pat sorriu. — Mas... você e Bob não vivem no sótão?

— Então já sabe dessa história? — Jo riu com ar divertido.

— Rod estava tentando imaginar uma forma de convencê-los a nos emprestar o sótão por alguns dias.

— Vou lhe contar um segredo, e talvez isso a faça sentir-se mais animada. Há uma porta de ligação entre os dois quartos que preparei para vocês. Não reclamem, porque vocês são os únicos dormindo sozinhos nesta casa. Com o passar do tempo...

As duas riram como se fossem velhas amigas, e então Pat conheceu Felícia.

— Foi Rod quem me convenceu a casar com Salty — ela contou com tom bem humorado. — Ele era um garoto encantador.

— Ainda é, mas você já deve saber. Tão original! Passei anos tentando arrastá-lo para cima de um palco, mas ele sempre dizia que não possuía o menor talento dramático.

— Ele mentiu — Patrícia cochichou. — Rod é um excelente ator.

— Não diga! Meu Deus, como conseguiu descobrir? — Felícia riu com alegria, como todas as mulheres que dividem os segredos dos homens que amam.

Durante todo o feriado, Pat teve de esforçar-se para lembrar o nome de cada pessoa com quem conversava.

A certa altura, quando conversavam com Salty, Rod comentou:

— Pat acredita que sou um marciano.

— Então é isso! — Salty exclamou. — Eu sempre achei que havia algo estranho, alguma pista que eu não conseguia decifrar. Você descobriu o grande segredo, Pat!

Mais tarde, quando todos foram dormir e Rod esgueirou-se para dividir sua cama, Patrícia censurou-o:

— Nós somos convidados nesta casa!

— Você é convidada. Eu faço parte da família, e é bom começar a se esforçar para provar que quer se transformar numa Brown.

— E mesmo? E o que devo fazer para convencê-lo disso?

Rod suspirou e, mais uma vez, fez uma demonstração clara e exata do que esperava de sua futura esposa

Pat e Rod casaram-se no Natal, na residência da família Brown. Parecia a solução mais apropriada. Rod era o mais velho dos filhos adotivos, e Bob era o primeiro dos naturais. Jo e Bob haviam se casado na Natal anterior.

— A recepção foi uma verdadeira festa, e todos se divertiram durante a noite toda — Jo comentou. — Decidimos passar nossa lua-de-mel no sótão e... Bem, se quiserem, podemos ceder o sótão para vocês dois. Será nosso presente de casamento.

Foi uma grande festa. Todos riram e divertiram-se muito, e os membros da família eram mais que o suficiente para transformar qualquer encontro em comemoração.

Depois da noite de núpcias no sótão, os noivos despediram-se da família e voltaram para casa, em Fort Wayne.

Decidiram usar a casa de Patrícia, e naquela noite ela o convenceu de que podia ser tão sensual quanto as bailarinas do restaurante onde ele a levara, meses antes. Nua, dançou sob a pequena mesa do quarto até enlouquecê-lo, e fizeram amor como se fosse a primeira vez.

Dois meses mais tarde, Salty telefonou e informou que havia encontrado dois garotos abandonados, e que buscava um lar para eles. Queria saber se Rod e Pat estavam interessados.

— Garotos? — Pat perguntou.

— Sim. Por quê? — Rod espantou-se. — Eu já fui um garoto, e não me lembro de você ter feito alguma objeção.

— Não seja bobo, Rod! Não estou fazendo nenhuma objeção. E que... Bem, eu também queria uma garotinha. Na verdade, eu queria várias.

— Vamos devagar, está bem? Estou apenas treinando. Com o tempo teremos mais prática, e tudo será mais fácil.

— Se tem certeza...

Rod e Pat nunca tiveram tantos filhos quanto Salty e Felícia, mas conseguiram construir um lar cheio e alegre, onde viveram o final feliz com o qual sempre sonharam.

LASS SMALL considera fascinante viver neste planeta, numa época como a nossa. As pessoas são surpreendentes. Ela acha que contar histórias sobre pessoas, lugares e coisas é absolutamente maravilhoso!